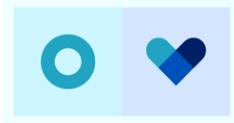


Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico



O Papel do Docente Generalista na Construção dos Saberes de Forma Articulada

Por: Joana Gil Sobral Monteiro

Sob Orientação da Professora Doutora Brigitte Carvalho da Silva e
Mestre Maria dos Reis Gomes

Fevereiro de 2013

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

O Papel do Docente Generalista na Construção dos
Saberes de Forma Articulada

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Por: Joana Gil Sobral Monteiro

Sob Orientação da Professora Doutora Brigitte Carvalho da
Silva e Mestre Maria dos Reis Gomes

Fevereiro de 2013

RESUMO

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico, foi realizado um relatório com a finalidade de dar a conhecer e refletir sobre toda a prática vivenciada nas valências de Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, procurando-se assim, descrever e analisar toda a intervenção educativa, sendo esta sustentada por fundamentação teórica.

Neste estudo, privilegia-se uma metodologia de cariz qualitativo, em que o educador/professor reflete sobre a sua intervenção e sobre a aprendizagem das crianças/alunos, colocando em prática um processo de reflexão-ação-reflexão, utilizando estratégias eficazes, uma pesquisa sistemática e observação constante, de modo a melhorar a intervenção educativa e também com o objetivo de encontrar evidências nas aprendizagens das crianças/alunos.

A intervenção, baseada na metodologia de projeto e na aprendizagem segundo uma perspetiva construtivista, evidencia o papel ativo da criança/aluno na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, e apresenta-a/o como agente capaz de resolver os seus problemas e inquietações, sendo o educador/professor um mediador, promovendo o equilíbrio emocional, cognitivo e social e preocupando-se sempre com a diferenciação pedagógica.

Assim, durante as intervenções, a estagiária assumiu uma atitude reflexiva, reconhecendo, como profissional generalista, a importância da articulação entre as duas valências e fazendo uma análise crítica sobre a sua prática, sempre com o objetivo de adequar e melhorar a ação educativa e assim contribuir para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional.

ABSTRACT

In the scope of the Master on Education Preschool Education and 1st cycle of Basic Education, a report was written with the goal/objective of dissemination and reflection about the practice and life experienced on the classes of Preschool Education and 1st cycle education, aiming to describe and analyse all the educative intervention, always supported by theory fundamentals.

In this study, a qualitative approach was favoured, based on the educator/teacher reflection on his intervention and on the children/students learning. An action-reflection process was applied, using efficient strategies, a systematic research and continuous observation, in order to improve the educative intervention and also to recognize evidences on the children/students learning.

The intervention, based on the project methodology and on the education following a constructive perspective, highlights the active role of the child/student on the building of his development and learning, and shows him as a capable agent of solving his main problems and inquietudes, where the educator/teacher act as a mediator promoting the emotional, cognitive and social equilibrium and concerning always with the pedagogic differentiation.

Thus, during the interventions, the trainee student adopted a reflective attitude, recognizing, as a generalist professional, the importance of linking and articulating both valences and doing a critical analysis on her practice, always with the objective to adjust and improve the educative action and to contribute for her personal, social and professional development.

AGRADECIMENTOS

Está a chegar ao fim uma parte do percurso de uma caminhada que me propus fazer. Sinto-me feliz e motivada para o exercício da profissão que escolhi. Contudo, tal não seria possível sem a ajuda de um conjunto de pessoas, que me ajudaram, que me motivaram e que me incentivaram nos momentos bons e maus.

Destaco, entre muitos:

Os meus Pais e a minha Irmã, em especial a minha mãe, que aturaram as minhas ansiedades, estiveram sempre disponíveis e me encorajaram ao longo de todo o processo.

Às minhas orientadoras, Professora Doutora Brigitte Silva e Mestre Maria dos Reis Gomes, pela disponibilidade, confiança, incentivo e por todos os momentos de aprendizagem que me proporcionaram.

À Educadora e à Professora, pela compreensão e acima de tudo por me terem recebido tão bem nas suas salas, dando-me a oportunidade de concretizar as minhas ideias e projetos e por terem partilhado comigo os seus conhecimentos.

Às Crianças da sala dos 4 anos e aos Alunos do 4ºano, pelos bons momentos que me proporcionaram, pelos desafios que me foram colocando ao longo das práticas, permitindo um crescimento a nível pessoal e profissional e ainda por todas as manifestações de carinho que foram demonstrando ao longo de todo o percurso.

A todos os meus Amigos, por terem entendido a minha ausência e pelas palavras de conforto e de compreensão, nos momentos de maior ansiedade e preocupação.

A todos os que mencionei e aqueles que direta e indiretamente contribuíram para o meu sucesso e realização profissional,

O MEU MUITO OBRIGADA.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
1.1. EDUCAR/ENSINAR	9
1.2. ENQUADRAMENTO LEGAL E A ARTICULAÇÃO CURRICULAR ENTRE A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO.....	9
1.3. O PAPEL DO EDUCADOR/PROFESSOR	11
1.4. MODELOS PEDAGÓGICOS.....	17
1.5. TIPOS DE PEDAGOGIAS.....	21
II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	22
2.1. TIPO DE ESTUDO/ABORDAGEM	23
2.2. PARTICIPANTES DO ESTUDO	23
2.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	25
III – INTERVENÇÃO	29
3.1. CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO.....	29
3.1.1. Caracterização das Instituições.....	29
3.1.2. Caracterização do Ambiente Educativo	32
3.1.3. Caracterização do Grupo/Turma.....	33
3.2. INTERVENÇÃO NOS CONTEXTOS	37
3.2.1. Observar/Preparar	37
3.2.2. Planear/Planificar	39
3.2.3. Agir/Intervir.....	43
3.2.4. Avaliar	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
BIBLIOGRAFIA.....	61
LEGISLAÇÃO.....	63

Índice de Siglas

CEB - Ciclo do Ensino Básico

EPE – Educação Pré-Escolar

ESEPF - Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

NEE - Necessidades Educativas Especiais

Índice de Anexos

Anexo 1 - Tabela de Análise das Fichas de Anamnese – Educação Pré-Escolar:

Anexo 2 – Gráfico de Identificação quanto ao género – Educação Pré-Escolar

Anexo 3 – Gráfico relativo ao número de irmãos de cada criança – Educação Pré-Escolar

Anexo 4 – Gráfico – Habilitações Académicas dos Pais e Encarregados de Educação – Educação Pré-Escolar

Anexo 5 - Tabela de Análise de dados sobre os alunos do 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 6 - Habilitações académicas dos Pais/Encarregados de Educação- 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 7 – Registos Fotográficos

Anexo 8a – Registos de Incidentes Críticos – Educação Pré-Escolar

Anexo 8b – Registos de Incidentes Críticos – 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 9a – Descrição Diária – Educação Pré-Escolar

Anexo 9b - Descrição Diária – 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo 10 – Atividades realizadas por iniciativa dos alunos – 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo 11 – Relatório Síntese de Aprendizagens no 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 12 – Planificação com as Crianças na Educação Pré-Escolar

Anexo 13 – Planificações Semanais – Educação Pré-Escolar

Anexo 14 – Planificações Semanais no 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 15 - Planificação Mensal - 4º Ano do 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 16 - Ata elaborada pelos alunos sobre a “reunião” Políticos por um dia.

Anexo 17 – Portfólio Reflexivo - No contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 18- Portfólio Reflexivo – 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 19 – Avaliações no contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 20 – Rede Curricular

Anexo 21 – Instrumentos de Organização Social no contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 22 – Carta dirigida aos Pais – Contexto de EPE

Anexo 23 – Entrevista aos Pais/Encarregados de Educação – 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 24 – Quadros de Investigação no contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 25 - Teia de Projeto “O Espaço” – Educação Pré-Escolar

Anexo 26 – Registos de Portfólio da Criança no contexto Educação Pré-Escolar

Anexo 27 – Avaliação das crianças – Educação Pré-Escolar

Anexo 28 – Fichas de Avaliação Formativa – 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo 29 - Grelha de avaliação da leitura

Anexo 30 - Ficha de requisição de livros

Anexo 31 - Ficha de Leitura

INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular Estágio II, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, foi elaborado este relatório, tendo como finalidade descrever toda a prática educativa em contexto de Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Brigitte Silva e da Mestre Maria dos Reis Gomes. Este relatório intitula-se “O Papel do Docente Generalista na Construção dos Saberes de Forma Articulada”, porque como docente generalista, reconhece-se a necessidade da articulação curricular entre as duas valências e ainda, a importância de interligar as diferentes áreas de forma a trabalhar diferentes conteúdos e promover atividades que gerem um maior nível de motivação, atenção e empenho das crianças/alunos, de modo a construírem aprendizagens significativas, globalizadoras e integradas.

A intervenção educativa em ambos os contextos teve em conta determinados objetivos, necessários a um bom desempenho profissional tais como: aplicar de forma integrada os conhecimentos necessários para a sua concretização; observar/preparar, planejar/planificar, agir/intervir e avaliar o processo ensino-aprendizagem; dominar os procedimentos, técnicas, métodos e instrumentos de análise e recolha de dados, determinantes em todo o processo educativo; proporcionar aprendizagens ativas, em que a criança/aluno seja o centro de todo o processo ensino-aprendizagem; promover e participar em situações de envolvimento parental e ao nível da comunidade; recorrer a metodologias de intervenção para sustentar toda a prática; refletir de forma crítica sobre o papel do educador/professor, considerando-o como investigador; promover um ambiente educativo agradável e estimulante, onde as crianças/alunos possam desenvolver as “cem linguagens” e as “inteligências múltiplas”; possibilitar aprendizagens significativas, diversificadas, motivadoras e integradas; atender à diferenciação pedagógica, tendo em conta a criança/aluno como ser individual, com necessidades, interesses e motivações próprias e ainda reconhecer a necessidade de continuidade pedagógica entre Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico.

As práticas profissionalizantes realizaram-se em dois momentos, inicialmente na valência de Educação Pré-Escolar, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada na cidade do Porto e posteriormente na valência de 1ºCiclo

do Ensino Básico, num estabelecimento público que pertence a um Agrupamento de Escolas, localizado também na cidade do Porto.

Relativamente ao contexto de Educação Pré-Escolar, acompanharam-se as rotinas diárias de um grupo de crianças, na sala dos quatro anos. A equipa pedagógica desta sala, era constituída por uma Educadora, uma Estagiária e por uma Auxiliar de Ação Educativa. No contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico, a prática realizou-se numa sala do 4ºano e a equipa educativa, constava de uma Professora Titular, duas Estagiárias, uma Professora do Ensino Especial, uma vez por semana.

O relatório encontra-se dividido em três capítulos, sendo o primeiro o Enquadramento Teórico, onde são abordadas as perspetivas teóricas que sustentam as intervenções educativas no âmbito da Educação Pré-escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico.

Posteriormente é exposta a Metodologia de Investigação, ou seja os procedimentos de recolha e análise de dados, as técnicas e instrumentos utilizados durante as práticas.

Seguidamente é descrita a Intervenção, contemplando a Caracterização dos Contextos das Instituições e do Grupo/Turma, utilizando para isso documentos das Instituições que permitem fundamentar a organização e gestão das mesmas. Considera ainda a Intervenção nos contextos, ao nível das instituições, comunidade, grupo/turma, realçando as etapas fundamentais deste processo, observar/preparar, planejar/planificar, agir/intervir e avaliar.

É efetuada ainda uma análise e reflexão crítica de todo o processo desenvolvido, demonstrando os progressos, dificuldades, limitações, medos, sucessos, alegrias e ainda as expectativas futuras e questões que se colocam ao docente generalista, relatadas nas Considerações Finais.

Com o intuito de mencionar os autores que sustentaram a prática educativa, são também incluídas uma bibliografia e a legislação consultada.

Por fim, mas não menos importante, há uma seleção de anexos que fundamentam o que se explicita nos tópicos anteriores.

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este Capítulo do relatório refere-se ao Enquadramento Teórico, ou seja, às perspetivas teóricas sobre o contexto da Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico. Pretende-se, assim, apresentar a sustentação teórica das práticas que foram adotadas em cada um dos contextos.

1.1. Educar/Ensinar

De acordo com Dewey a,

"educação deixa de ser entendida como um projeto redutor de ensino-aprendizagem, passando a ser entendida como um projeto mais englobante e prático que motiva o interesse espontâneo e a livre iniciativa na aquisição e partilha de competências, conhecimentos, experiências e valores ao longo da vida, preparando para uma convivência social, democrática e participativa." (Antunes, 2001:145).

Deste modo, pode afirmar-se que educar não pressupõe a transmissão de conhecimentos teóricos desligados dos contextos em que o indivíduo está inserido, pelo contrário, devem ser criadas condições para que este “possa prosseguir o seu processo de autocriação, auto-enriquecimento e isto significa criar condições para que seja capaz de resolver os seus problemas como homem e como cidadão” (Antunes, 2001:167). Assim, segundo Antunes (2001:142), “Educar é uma tarefa que não se reduz apenas a instruir, a transmitir informações, mas a criar condições para que o ser humano possa progredir no seu processo de crescimento ao longo da vida e simultaneamente participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e melhor”. Partindo desta afirmação, é evidente que a educação deverá ter como objetivo principal, promover o enriquecimento individual e a construção de uma sociedade democrática, através da participação de todos os cidadãos.

1.2. Enquadramento Legal e a Articulação Curricular entre a Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), “o sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se

exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”.

Assim, tendo em conta a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº5/97, 10 de Fevereiro), a Educação Pré-Escolar é,

“a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”. (Ministério da Educação, 1998:15).

Esta etapa é da máxima importância na vida de cada criança, sendo necessário garantir o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, porque de acordo com Oliveira-Formosinho (1996), o modo como educamos as crianças e as oportunidades que lhes proporcionamos são cruciais para a vida da criança, assim como para a construção de um futuro cidadão. Atendendo a que os primeiros anos de vida da criança são fundamentais no desenvolvimento da sua personalidade, das suas competências cognitivas, da capacidade de se relacionar com os outros e da sua atitude face ao mundo e às coisas, é de realçar a importância da Educação Pré-Escolar, que Zabalza (1998) descreve como sendo um meio onde a criança é ajudada e estimulada no seu desenvolvimento pessoal e na aquisição de capacidades e de valores considerados como essenciais no contexto em que vive. Neste sentido, cabe ao educador proporcionar ambientes, atividades significativas e experiências que promovam e orientem o desenvolvimento, a aprendizagem e o crescimento das crianças com quem coopera.

Segundo Formosinho (1997:29), a conceptualização da Educação Pré-Escolar como primeira etapa da educação básica, leva-nos à questão sobre a sua articulação com o 1ºCiclo do Ensino Básico (segunda etapa). Como tal, o sucesso da Educação Pré-Escolar depende do modo como for articulada com o nível seguinte. Compete ao Educador o papel de,

“Articular [...] promover a continuidade educativa [...] proporcionar condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1ºciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória” (Ministério da Educação, 1997:25-28).

Deste modo, o Ensino Básico é considerado,

“como a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático (...), quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores da solidariedade social, quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade” (Ministério da Educação, 2004:11),

sendo este ensino, universal e obrigatório. De acordo com Perrenoud (2000), a competência de um professor é dupla, sendo que investe na conceção e, portanto, na antecipação, no ajuste das situações-problema ao nível e às possibilidades dos alunos; manifesta-se também ao vivo, em tempo real, para guiar uma improvisação didática e ações de regulação.

O educador, o professor e as instituições, deverão utilizar diferentes recursos que lhes permitirão desenvolver uma prática educativa, o mais consciente e complexa possível. Para a Educação Pré-Escolar são documentos orientadores a lei-quadro da Educação Pré-Escolar, o Decreto-lei nº241/2001 – Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e as Metas de Aprendizagem e Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. O professor do 1ºciclo deve ter em conta, na sua prática, documentos como as Metas Curriculares para o Ensino Básico – Língua Portuguesa e Matemática, a Organização Curricular e Programas do 1ºCiclo do Ensino Básico, o decreto-lei nº241/2001 – Perfil específico de desempenho profissional do professor do 1ºCiclo do Ensino Básico, entre outros. Nos dois contextos, o profissional de educação deverá orientar-se, ainda, através dos documentos de administração, autonomia e gestão de cada instituição.

1.3. O Papel do Educador/Professor

A intencionalidade do processo educativo passa necessariamente por diferentes etapas que se sucedem e se interligam umas com as outras. Assim, o Educador/Professor observa/prepara, planeia/planifica, age/intervém e avalia as aprendizagens das/dos crianças/alunos. Ao observar e preparar as atividades, este tem que ter em conta os interesses e necessidades do seu grupo de crianças, prestando sempre a máxima atenção à diferenciação pedagógica de cada criança.

Considera-se, assim, que a observação é um meio essencial para a construção da planificação, tornando-se imprescindível que criança e adulto estejam envolvidos em todo o processo, conferindo-lhe uma intenção pessoal, um objetivo ou um propósito. É imprescindível dar “voz” à criança e ao grupo, proporcionando-lhes autonomia e responsabilidades no planeamento, execução e avaliação de todas as tarefas, de modo a possibilitar-lhes um papel ativo. Deste modo, o Educador/Professor,

“observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação [...], planifica a intervenção educativa de forma integrada

e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, avalia, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.” (Decreto-Lei nº241/2001).

É importante realçar, tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), que o educador, na planificação e avaliação das atividades e experiências de aprendizagem, deve promover o desenvolvimento de todas as áreas de conteúdo, assim como a sua interligação. Definem-se as áreas de conteúdo como “âmbitos de saberes, com uma estrutura própria e com pertinência sócio-cultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer.” (Ministério da Educação, 1997:47).

No que concerne ao contexto do 1ºCiclo do Ensino Básico, de acordo com Cortesão (1998), os professores deverão utilizar o conhecimento prévio dos alunos, para repensar formas (e até conteúdos) de trabalho, que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes, que não desrespeitem os valores e que aproveitem as competências dos alunos. Conclui-se então, que a flexibilização do currículo é extremamente importante, porque não existem turmas homogêneas, sendo necessário ajustar os saberes em função das capacidades e culturas dos mesmos, sendo imprescindível o reajustamento contínuo.

É cada vez mais importante que a escola tente refletir no seu projeto pedagógico a necessidade de desenvolver o currículo de uma forma integrada, garantindo que os conteúdos, mesmo organizados em disciplinas, serão abordados por temas e lecionados de forma articulada. O importante é que o conhecimento construído pelos educandos os ajude na análise, interpretação, compreensão e problematização dos factos e dos fenómenos da realidade complexa em que vivem, ou seja, é importante que o Professor interligue as diferentes áreas e as contextualize num determinado ambiente educativo. Desta forma, cabe ao professor promover aprendizagens, tendo em conta a interdisciplinaridade, que segundo Zabala (2002), é entendida como a interação de duas ou mais disciplinas.

Ainda no que respeita ao 1º Ciclo do Ensino Básico, “O professor do 1º ciclo do ensino básico desenvolve o respectivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos”. (Decreto-Lei nº241/2001). De acordo com o Decreto-Lei nº241/2001, cabe ao professor do 1ºCiclo, avaliar, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos, em

articulação com o processo de ensino, de forma a garantir a sua monitorização e incentivando-os a ter hábitos de autorregulação da aprendizagem. Este tem ainda como objetivos, organizar, desenvolver e avaliar o processo de ensino, com base na análise de cada situação concreta, nomeadamente a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens. O processo de avaliação ocorre em diferentes momentos, envolvendo várias fases, sendo estas: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

É fundamental que o profissional docente utilize, ao longo do ano, as diferentes modalidades de avaliação, de modo a que o processo ensino-aprendizagem ocorra de uma forma evolutiva, possibilitando feedback às crianças/alunos e também espaço para que o docente reflita sobre a sua prática. Com o objetivo de apurar os conhecimentos prévios das crianças/alunos, o educador/professor deve realizar uma avaliação diagnóstica, que lhe permitirá analisar as necessidades, dificuldades, interesses e conhecimentos do grupo e de cada criança individualmente, tendo sempre presente a diferenciação pedagógica.

Outra modalidade de avaliação, a formativa, também é de grande importância pois permite ao Educador/Professor, ao longo de todo o ano, apreciar o desempenho das/dos crianças/alunos, orientando e regulando toda a prática. Assim “a avaliação formativa é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspetiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção”, o que implica a “observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens” (Circular nº4/DGIDC/DSDC/2011). Também a avaliação sumativa tem um papel determinante na prática educativa, porque pretende ajuizar todo o progresso realizado pelo aluno, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de nível formativo e obter informações/indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. Esta avaliação consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular. De acordo com o Despacho normativo nº24-A/2012, a avaliação sumativa interna é da responsabilidade do professor titular de turma, sendo expressa no 4º ano de escolaridade numa escala de 1 a 5, nas áreas disciplinares de Português e de

Matemática e de forma descritiva nas restantes áreas. Relativamente à avaliação sumativa externa esta é da responsabilidade do Ministério da Educação e Ciência e compreende a realização de provas finais no 4º ano de escolaridade, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

No que concerne à organização do ambiente educativo, é de salientar que a gestão do tempo, do espaço, dos recursos e do clima, representados num contexto real, revelam-se fatores imprescindíveis para que se proporcione e se concretizem os diferentes saberes (saber-ser, saber-fazer, saber-estar, etc.). Assim, Hohmann e Weikart (2009), no âmbito da organização do ambiente educativo, referem que é fundamental, o educador organizar o espaço e os materiais, de modo a que as crianças possam usufruir de diversas oportunidades de aprendizagem pela ação e exerçam o máximo de controlo sobre o seu ambiente. Também no 1ºCiclo, esta organização é importante, porque de acordo com Sanches (2001:84), “a sala de aula não é um espaço do professor, é um espaço a partilhar por todos, onde cada um tem responsabilidade por tudo o que ali acontece”, deste modo, “ A distribuição equitativa da comunicação por todos os alunos da aula e um sistema de regras que permita essa equidade são factores importantes para o estabelecimento de um clima de disciplina na aula” (Estrela, 2000:60). Considerando que,

“a escola é vida, o espaço exterior também é fundamental para as aprendizagens da criança, por isso, a utilização dos recursos do meio, as visitas ao exterior, os passeios e as excursões permitem que o vasto mundo exterior chegue à criança como um recurso para a descoberta, a aprendizagem e a ampliação de experiências e conhecimentos”(Dewey, 2002;1973; 1971, in Craveiro, 2007:14).

Cabe ao Educador/Professor, a criação de ambientes desafiadores e estimulantes que proporcionem às crianças/alunos novas experiências, em contextos significativos, que promovam oportunidades para aprendizagens ativas, contribuindo para o desenvolvimento e crescimento de cada criança/aluno.

De acordo com Zabalza (1996), as rotinas têm um papel tão importante como os espaços, por isso, no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem, o quotidiano passa a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e autonomia de cada criança e do grupo. Proporcionar e “favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização.” (Ministério da Educação, 1997:53).

Tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, sendo encarada como sujeito e não como

objeto do processo educativo. Neste sentido, a criança deve ser envolvida na sua própria aprendizagem, agindo de modo a resolver os seus próprios problemas e inquietações, porque a aprendizagem ativa favorece positiva e significativamente o desenvolvimento de cada criança e do grupo.

A pedagogia ativa “não consiste em introduzir, no currículo, atividades (trabalhos manuais, experiências de laboratório, desenhos livres, etc), mas sobretudo em sublinhar que a aprendizagem de todas as matérias se faça de modo que seja quanto possível a criança a aprender – e não apenas a ser ensinada. Assim, a pedagogia ativa anda insolavelmente ligada à pedagogia funcional” (Rocha,1988:102).

Relativamente ao desenvolvimento afetivo, emocional e social da criança/aluno, o Educador/Professor deve proporcionar atividades, em grande grupo, pequeno grupo ou individualmente, de modo a criar segurança e a aumentar a autonomia das crianças/alunos, porque estas desenvolvem-se quando estão em contacto com os outros e/ou com o próprio meio, promovendo uma aprendizagem cooperativa e ecológica. Assim, a escola,

“deve procurar que todos tenham êxito e por isso deve planificar estratégias que concretizem essa pretensão. Uma dessas estratégias, talvez a mais eficaz, é a aprendizagem cooperativa, onde [...] é possível introduzir nas diferentes técnicas usadas alguma competição entre os grupos e mesmo no próprio grupo, mas de tal modo que essa competição possa ser considerada saudável, isto é, benéfica para todos” (Cortesão, 1998:15).

Segundo Arends (1995:369), a aprendizagem cooperativa é única entre os modelos de ensino, pois utiliza uma estrutura de tarefa e de recompensa diferente, cujo principal intuito é potenciar a aprendizagem do aluno.

A teoria ecológica vê a criança como um organismo integrado e influenciado pelo ambiente, em que “a casa, a escola, a comunidade e a cultura estão todas interligadas. Muitas vezes a única forma de influenciar positivamente o desenvolvimento de uma criança é buscar melhorias na comunidade e na sociedade, além de utilizar o suporte de vários agentes sociais” (Spodek e Saracho,1998:78). É através dos processos de interação que as crianças/alunos aprendem e reforçam as suas competências sociais, desenvolvendo-se cognitivamente, mas também social, interpessoal e moralmente, porque “as interações nas quais as crianças experimentam os alicerces das relações humanas (confiança, autonomia, iniciativa, empatia e autoestima) permitem-lhes formar imagens construtivas de si próprias e dos outros.” (Hohmann & Weikart, 2009:574).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), considera-se fundamental a capacidade do educador ouvir cada criança, de

valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que esta fale, fomentando o diálogo, porque ao interagir com os seus pares, a criança constrói o seu desenvolvimento e aprendizagem e contribui para o desenvolvimento e aprendizagem dos que a rodeiam. O Educador/Professor contribui assim, para uma atmosfera de respeito e aceitação da diferença, tendo em conta “a sensibilidade, a atenção à heterogeneidade, ao arco-íris de culturas” (Boaventura in Cortesão, 2000:44). Os Educadores e os Professores, para além de responsáveis pela organização de atividades educativas, que visam promover e incentivar um equilíbrio entre o desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social das/dos crianças/alunos, têm ainda como função complementar a ação educativa das famílias, contribuindo para que cada criança/aluno descubra a sua individualidade, sempre integrando-se no meio envolvente. Nesta perspetiva, o Educador/Professor deve proporcionar momentos em que a família participe na própria dinâmica do grupo/turma, porque “Informar e envolver os pais é, portanto, uma palavra de ordem e, ao mesmo tempo, uma competência.” (Perrenoud, 2000:114).

De acordo com Dewey (in Oliveira-Formosinho, 2011, p.58), “a criança e o currículo são simplesmente dois limites que definem um único processo”, ou seja, é necessário considerar o modo como o organizamos porque “integrar o currículo não pode significar anular os interesses da criança, muito menos, a sua postura ativa como produtor ou reconstrutor do conhecimento.” Considerando o Decreto-Lei nº5/97, 10 de Fevereiro, o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, sendo através do processo de planejar-fazer-rever que este tem a possibilidade de adotar um currículo que vá ao encontro das necessidades e interesses das crianças. Deste modo, a flexibilidade do currículo é importante porque não há salas homogêneas, sendo necessário ajustar os saberes em função das capacidades e culturas das crianças, adotando uma pedagogia diferenciada. Assim, também “A escola deve assumir um papel promotor da igualdade de acesso e êxito social e escolar, onde se fomente o respeito pela diferença...” (Rodrigues, 2005:47).

O profissional de educação tem a responsabilidade de organizar e adequar o desenvolvimento curricular, tendo em conta os objetivos gerais, a organização do ambiente educativo, a organização do grupo, do espaço, do tempo, a organização do estabelecimento educativo, atendendo a que, “os ambientes que promovem a aprendizagem ativa incluem objetos e materiais que estimulam as capacidades de exploração e criatividade das crianças. No contexto de 1ºciclo, torna-se imprescindível, segundo Alarcão (2001), que o professor, assumindo-se como facilitador de

aprendizagens, procure criar sobretudo contextos favoráveis ao desenvolvimento e tente estimular os alunos a descobrir, a recriar, a imaginar. É necessário que o Educador/Professor conheça e valorize os interesses manifestados por cada uma das crianças/alunos, as suas motivações, necessidades, dificuldades e ritmos de aprendizagem que apresentam, porque “o motor da educação é o interesse, isto é, a implicação da criança na relação social, na descoberta da sua personalidade como parte integrante da sociedade” (Resweber, 1988, in Oliveira-Formosinho, 2011:66). É ainda de referir que como todas as crianças,

”a criança com necessidades educativas especiais não se alimenta de sonhos, mas sim, de práticas eficazes que têm sempre em linha de conta as suas capacidades e necessidades. É o conhecimento real que nos faz distinguir entre o que faz sentido e o que não faz, que nos faz sentir a verdadeira aceção da palavra necessidades educativas especiais” (Correia, 2003:9).

Deste modo, compete ao Educador/Professor, fornecer e adotar estratégias e métodos que proporcionem ao grupo e a cada uma das/dos crianças/alunos uma aprendizagem diferenciada, tratando-se assim de “encontrar uma base para desenvolver um fazer e um pensar pedagógico, que foge à “fatalidade” de educar todos como se fossem um só, que consegue superar o modo simultâneo” assumindo “a heterogeneidade e a diversidade como riqueza para a aprendizagem situada e encontra modos alternativos de organizar” a sala. (Oliveira-Formosinho, 2007:33).

Assim, “Se o professor reforçar positivamente os comportamentos que considera ajustados ao processo de ensino - aprendizagem, mediante a utilização (ou adição) de estímulos que lhes sejam agradáveis – um sinal de afecto, um elogio, etc., poderá esperar a repetição desses comportamentos” (Carita et al, 1997:103), ou seja, “Um professor que, na sua sala de aula, fomente esse processo de feedback pode facilitar a comunicação interpessoal, na medida em que favorece a construção da auto-estima e o envolvimento dos alunos nas tarefas” (Vieira, 2000:14). Relativamente à recolha de diferentes formas de informação, esta possibilita ao Educador/Professor perceber e gerir a evolução das aprendizagens das crianças/alunos, fornecendo-lhe elementos concretos para a reflexão e apropriação à sua intervenção educativa.

1.4. Modelos Pedagógicos

É de realçar os Modelos Pedagógicos da Educação de Infância que se orientam pelas pedagogias participativas, valorizando a aprendizagem ativa, as interações adulto-criança e criança com os seus pares, o trabalho de projeto, como

meio de planejar, pensar, realizar, o espaço e o tempo pedagógicos como suportes de experimentação e interação. Assim, as pedagogias participativas “produzem a ruptura com uma pedagogia tradicional transmissiva para promover outra visão de processo de ensino-aprendizagem (...)”, de modo a fomentar “a igualdade para todos e a inclusão de todas as diversidades”, implicando a criação de uma “responsabilidade social pelas crianças e famílias e do sucesso educativo como instância para a diversidade” (Oliveira-Formosinho, 2011:15).

De acordo com Oliveira-Formosinho (2007), os modelos curriculares para a Educação de Infância, numa perspectiva socioconstrutivista são o Movimento da Escola Moderna (MEM); Modelo Curricular High-Scope e o Modelo Réggio Emilia. É de referir que a teoria construtivista, “teoria sobre o conhecimento e a aprendizagem, que se ocupa tanto daquilo que é o “conhecer” como do modo como se chega a conhecer” (Fosnot,1996:9), vê o indivíduo como criador do seu próprio conhecimento, ao processar a informação obtida pela experiência concreta e contextualmente significativa. Deste modo, as pedagogias construtivistas defendem que os alunos são agentes da construção do seu próprio conhecimento. Assim, cabe também ao Professor do 1ºCiclo do Ensino Básico, promover a construção do conhecimento pelos alunos, através de uma pedagogia construtivista, baseada também esta, nos modelos curriculares.

Relativamente aos modelos anteriormente citados, estes têm princípios em comum que incidem no respeito pelos interesses, capacidades e necessidades de cada criança, encarando-a como um sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem, ou seja capaz de levantar problemas, formular hipóteses, comprová-las, resolver problemas e chegar a conclusões.

No Modelo do Movimento da Escola Moderna, a aprendizagem é feita por projetos, baseada em motivações e problemas da vida real, partindo estes sempre dos interesses das crianças e do seu questionamento sobre as coisas, para que as aprendizagens sejam interessantes e significativas. Este modelo utiliza a metodologia de trabalho de projeto, em que “cada novo problema, que for encontrado e resolvido, ligará o velho ao novo e irá construindo o espírito na razão do trabalho feito.” (Kilpatrick, 1971, in Oliveira-Formosinho, 2011:55), o que permite uma reflexão sobre os conhecimentos prévios com os conhecimentos adquiridos e fortalecidos durante o processo ensino-aprendizagem. De acordo com os princípios orientadores deste modelo, documentar é também uma tarefa “essencial para ouvir a voz das crianças e lhes criar verdadeiramente espaço na identificação, desenvolvimento e avaliação dos

projetos em desenvolvimento.” (Oliveira-Formosinho, 2011:27). Assim, são utilizados instrumentos de organização social como práticas essenciais, na planificação, gestão e avaliação de todo o processo educativo. Na perspectiva de Oliveira-Formosinho (2007), no Movimento da Escola Moderna, o sistema educativo desenvolve-se a partir de um conjunto de áreas básicas de atividades, distribuídas à volta da sala, conhecidas também por oficinas ou ateliers segundo Freinet, e de uma área central polivalente para trabalho coletivo. Assim, a criação de áreas diferenciadas com materiais diversos e estimulantes “ permite uma organização do espaço que facilita a coconstrução de aprendizagens significativas.” (Oliveira-Formosinho, 2011:28). Relativamente à interação com as famílias e a comunidade, este modelo refere uma forte articulação com a comunidade, em que o jardim-de-infância promove encontros sistemáticos entre educadores e pais, de modo a garantir o desenvolvimento educativo das crianças de forma participada e comunicativa.

No que concerne ao Modelo High-Scope, este sustenta-se na teoria de desenvolvimento de Piaget, valorizando a aprendizagem ativa, enfatizando a aprendizagem pela descoberta, valorizando a criança como construtora da sua própria aprendizagem, através da ação que tem sobre as coisas, situações ou acontecimentos, respondendo aos seus interesses, curiosidades e necessidades, assim, “o papel do adulto é apoiar e guiar as crianças através das aventuras e das experiências que integram a aprendizagem pela acção” (Hohmann e Weikart, 2009:1). Assim, o espaço e os materiais, a organização do ambiente educacional, são já considerados uma área de intervenção curricular do educador, mas, “se a preparação inicial da sala é da responsabilidade da educadora, já a reorganização que o fluir das atividades educacionais requer é da responsabilidade de todos”. (Oliveira-Formosinho, 2007:77), ou seja, crianças e adultos definem novos objetos e materiais, de novas áreas ou da reestruturação de áreas, exigindo assim, uma gestão/resolução conjunta do poder e das decisões, promovendo a reflexão e diversas interações. O papel do adulto é o de “criar situações que desafiem o pensamento atual da criança e, assim, provoquem o conflito cognitivo. Com esta colaboração do adulto a criança por si renova o seu empenhamento ativo e individual com a situação ou com o problema. É este empenhamento ativo e individual da criança que, não obstante o contributo do adulto, constitui verdadeiramente o motor da construção do conhecimento” (Oliveira-Formosinho, 2007:61).

O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia “desenvolve-se em torno da construção da imagem da criança que, nesta perspectiva pedagógica, é

conceptualizada como um sujeito de direitos, competente, aprendiz ativo que, continuamente, constrói e testa teorias acerca de si próprio e do mundo que o rodeia” (Oliveira-Formosinho, 2007:99). De acordo com Oliveira-Formosinho (2007), Reggio Emilia, tal como Piaget, acredita que a criança tem um papel ativo na construção do conhecimento do mundo, e que “os conhecimentos não são estáticos, permitem em geral a aquisição de novos conhecimentos através de ações que envolvem planejar, coordenar ideias e fazer abstrações.” (Oliveira-Formosinho, 2007:100)

Na perspectiva de Malaguzzi (1997), o espaço é valorizado “pelo seu poder para organizar e promover relações agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, criar um ambiente atrativo, providenciar mudanças, promover escolhas e atividades e pelo seu potencial para desenvolver todos os tipos de aprendizagens, cognitiva, social e afetiva” (Oliveira-Formosinho, 2007:104). Este modelo privilegia também a aprendizagem pela ação e o planeamento de projetos, desenvolvendo nas crianças uma atitude crítica e consciente.

De acordo com a metodologia de trabalho de projeto, esta distingue-se dos modelos curriculares referidos, por se tratar de uma metodologia, baseada em características mais específicas, podendo estar inserida com maior ou menor relevância, nos modelos acima apresentados. Assim, o projeto é,

“um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo. Consiste na exploração de um tópico ou tema (...). O trabalho num projeto poderá prolongar-se por um período de dias ou semanas, dependendo da idade das crianças e da natureza do tópico.” (Katz e Chard, 1997:3).

O projeto centra-se no interesse das crianças, ou seja, apoia-se na motivação intrínseca, assim, “quando as crianças são motivadas intrinsecamente respondem de formas que incentivam a sua disposição para trabalhar independentemente do professor, por exemplo, ajudando-se umas às outras.” (Katz e Chard, 1997:23) Segundo Katz e Chard (1997), o trabalho de projeto oferece às crianças a oportunidade de fazerem escolhas a vários níveis, tendo cada uma delas implicações educacionais diferentes. Algumas escolhas são processuais, algumas estéticas e outras funcionalmente intrínsecas à atividade, tendo essas escolhas implicações ao nível das aprendizagens em áreas cognitivas, estéticas, sociais, emocionais, morais e físicas.

Considera-se assim, que o Trabalho de Projeto “oferece às crianças um ambiente de aprendizagem que desenvolve o sentido da sua própria competência e valor. Cria um sentido (etos) de sala de aula, em que os pontos de vista das crianças são levados a sério e os seus sentimentos e opiniões são respeitados. Oferece às

crianças a oportunidade de experimentarem a sua crescente capacidade de formulação de juízos e de aprenderem com confiança com os seus erros” (Katz, Chard, 1997:167). Com os projetos, as crianças adquirem hábitos de questionamento, trabalho de grupo e cooperativo e de intervenção na resolução de problemas. Segundo Vasconcelos (in Ministério da Educação, 1998), num projeto são consideradas quatro fases, na primeira fase há a definição do problema, seguindo-se numa segunda fase a planificação e lançamento do trabalho, posteriormente, numa terceira fase dá-se início à execução do trabalho e por último, mas não menos importante, na quarta fase procede-se à avaliação/divulgação do projeto.

Assim, independentemente dos modelos curriculares adotados no jardim-de-infância ou no 1º ciclo do ensino básico cabe a educador/professor escolher as metodologias de ensino, segundo o contexto em que está inserido e as características do grupo/turma, de modo a promover e estimular os processos de aprendizagem e de construção do conhecimento.

No 1ºCiclo do Ensino Básico, Alarcão (2001) refere que ser professor é ser capaz de se organizar para, perante uma situação problemática se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução. Na perspetiva de Oliveira (2002) este rejeita a conceção do professor como técnico, consumidor, recetor, transmissor do conhecimento, e assume que o seu papel é como intelectual, produtor de conhecimento, investigador e ainda como crítico e teórico em matérias educativas e sociais. Assim, deverão ser utilizadas estratégias que estimulem a reflexão. Estas devem ser variadas: interrogativo, exposição da matéria por parte do professor, visitas de estudo, aprendizagem por descoberta, e devem ser utilizados os mais variados recursos: o manual, vídeo, powerpoint, documentos diversificados, entre outros, tendo como objetivo fulcral, a participação e motivação do aluno. Dando-se ênfase a estratégias adequadas, ao ensino sobre a cooperação e os direitos humanos.

Assim, o modo como o agente educativo reflete a sua intervenção, permite-lhe rever acontecimentos e práticas, proporcionando-lhe oportunidades para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional, tornando-o mais responsável e consciente.

1.5. Tipos de Pedagogias

Ainda relativamente ao 1º Ciclo do Ensino Básico pode-se distinguir três tipos de Pedagogias, que segundo Becker (2001), traduzem as diferentes formas de

representar a relação ensino-aprendizagem - pedagogia diretiva, pedagogia não-diretiva e pedagogia relacional. Na pedagogia diretiva, o conhecimento é transmitido para o aluno pelo professor, uma vez que este é visto como uma “folha em branco” ou uma “tabula rasa”, termo utilizado por John Locke. É ainda de realçar que segundo (Becker, 2010), o professor observa os seus alunos a entrarem na sala, aguardando que se sentem e fiquem quietos e silenciosos, de modo a transmitir os seus conhecimentos, traduzindo assim, uma falta de comunicação entre os agentes do processo educativo. Na pedagogia não-diretiva, o conhecimento já está presente na base genética do sujeito, por isso a atuação docente deve ser de facilitador. Segundo Carl Rogers, o professor é um auxiliar do aluno, um facilitador. Seguindo a mesma linha de pensamento Becker (1992) refere que o professor não-diretivo acredita que o aluno aprende por si mesmo, o professor pode no máximo, auxiliar a aprendizagem do aluno, despertando o conhecimento que já existe nele. De acordo com Becker (2001), o professor que concebe o processo de aprendizagem, seguindo o construtivismo, tenderá a agir de acordo com a pedagogia relacional. Segundo Freire (1979:172), na pedagogia relacional, “o professor além de ensinar, passa a aprender, e o aluno, para além de aprender passa a ensinar”. Ele acredita que tudo o que o aluno construiu, serve de patamar para continuar a construir e que alguma porta se abrirá para o novo conhecimento.

II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, apresenta-se e descreve-se a metodologia seguida nesta investigação, ao longo dos estágios realizados nos contextos de Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, caracterizando-se os sujeitos da investigação, assim como os procedimentos, técnicas e instrumentos utilizados na análise e recolha de dados.

2.1. Tipo de Estudo/Abordagem

Atendendo a que qualquer ação necessita de uma reflexão e toda a reflexão exige uma reestruturação da ação, é imprescindível que o Educador/Professor estabeleça uma relação entre ambas com o propósito de adequar o processo educativo ao contexto que está a investigar/observar e posteriormente melhorar a sua intervenção.

Assim, seguiu-se uma metodologia de investigação qualitativa, pois considerou-se que seria a mais adequada para perceber os processos e os fenómenos inerentes à problemática desta investigação, porque de acordo com Carmo e Ferreira (1998:177), a metodologia qualitativa incide mais nos processos do que nos produtos. Desta forma, Bogdan e Biklen (1994) referem que, uma investigação de carácter qualitativo permite envolver os investigadores como parte integrante em todo o processo de investigação. Nesse sentido, privilegiou-se uma metodologia de cariz qualitativo, considerada como “um conjunto de diretrizes que orientam a investigação científica” (Herman, 1983, in Lessard-Hébert et al, 2005:1).

Através desta metodologia, desenvolveu-se a construção de novos saberes, de novas práticas pedagógicas, dado que o adulto reflete na sua intervenção e na aprendizagem das crianças/alunos, através de uma reflexão-ação-reflexão, utilizando para isso, estratégias eficazes, uma pesquisa sistemática e uma observação constante. Baseia-se no facto de ser dirigida por quem tem necessidade de informações sobre uma situação/problema com o intuito de agir e dar-lhe resposta. É importante que o observador-investigador reflita sobre a questão: “Observar o Quê?”, assim, “para o ajudar nesta tarefa dispõe de guias - as hipóteses – e de pontos de referência – os indicadores”(Quivy e Campenhoudt, 1992:159).

Assim, neste trabalho, teve-se em vista uma melhoria do próprio investigador, refletindo sobre a sua prática educativa, com o objetivo de a alterar, melhorar e ainda contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social. Na intervenção educativa, um profissional reflexivo e investigador ativo, deve fazer uma análise sobre as questões metodológicas levantadas, tanto num plano conceptual como na própria ação.

2.2. Participantes do Estudo

No que concerne aos sujeitos de estudo, diziam respeito às crianças/alunos que frequentavam as salas onde se realizaram as intervenções educativas, nos

contextos de Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico. Assim, na prática educativa realizada na valência de EPE, os sujeitos da investigação com quem se trabalhou durante quatro meses, era um grupo de vinte crianças, treze do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos de idade, que frequentavam a sala dos 4 anos, de uma IPSS. No 1ºCEB, o grupo era constituído por uma turma do 4ºano, que integrava vinte e um alunos, nomeadamente, dez raparigas e onze rapazes, de uma instituição pública.

Atendendo a que a intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção profissional do Educador e do Professor do 1ºCiclo do Ensino Básico passa por diferentes etapas interligadas: Observar/Preparar, Planear/Planificar, Agir/Intervir e Avaliar, o profissional de educação tem que num primeiro momento, de observar e preparar as atividades tendo em conta os interesses e necessidades do grupo/turma, havendo sempre uma preocupação com a diferenciação pedagógica, porque,

“O conhecimento da criança [...] que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades, [...] resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referências tais como, produtos das crianças e diferentes formas de registos” (Ministério da Educação, 1997:25), assim como “dar uma resposta às especificidades da turma, estabelecendo um nível de articulação, depois de tomada em consideração a sua realidade concreta, designadamente em função do seu meio envolvente, das famílias e dos recursos disponíveis, entre outros” (MARTINS, 2002: 93).

Desta forma, no contexto de EPE, a observação direta das crianças, quando envolvidas em atividades, foi uma técnica útil para obter informações e elementos sobre as diversas áreas de desenvolvimento, dados que foram utilizados para planear e adequar todo o processo, corroborando o facto de “a observação efetuada no contexto natural dos acontecimentos tem sido um dos procedimentos mais utilizados para recolher dados e informações capazes de contribuir para a tomada de decisões educativas.” (Parente, 2002:180).

De acordo com Parente (2002) a observação é uma componente inseparável de toda a atividade de conhecimento e é um processo básico da ciência. É um elemento integral e essencial na investigação, ou seja, constitui a base da planificação, da intervenção e da avaliação, apoiando todo o processo educativo.

Assim, tanto no contexto de EPE, como no do 1ºCEB, observou-se cada criança/aluno, assim como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de atividades e projetos adequados às necessidades de cada elemento/grupo e aos objetivos de aprendizagem. Como tal, é competência do observador elaborar uma estratégia global de observação capaz de responder adequadamente

aos objetivos gerais e específicos do estudo, tendo em atenção as opções teóricas e as suas próprias características.

O Educador e o Professor do 1ºCiclo do Ensino Básico, têm que observar e preparar as atividades considerando os interesses e necessidades individuais do grupo/turma, para isso é necessário que conheça os sujeitos implicados no processo educativo, através de dados prévios, mas sobretudo promovendo aprendizagens significativas, capazes de alargar os seus conhecimentos sobre o estágio de desenvolvimento e potencialidades de cada um.

A observação participante supõe a interação observador/criança, sendo referido por Hohmann e Weikart (2009) que, através da observação e da interação, os adultos aprendem a conhecer as crianças, vêem-nas e ouvem-nas de perto conforme trabalham e brincam com elas para descobrir aquilo que as interessa, o que prende a sua atenção e o que compreendem sobre o mundo.

Durante a prática, desenvolveu-se uma observação participante, sendo esta “uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que deseja compreender um meio social que, à partida, lhe é estranho ou exterior e que lhe vai permitir integrar-se progressivamente nas atividades” (Lessard-Hébert et al, 2005:155). Também no 1ºCiclo do Ensino Básico, esta observação caracteriza-se pelo facto de o observador/investigador se tornar membro da comunidade, participando na sua vida coletiva, observando comportamentos e interagindo, fazendo parte integrante da turma.

2.3. Instrumentos e Procedimentos

Ao longo da intervenção foi necessário utilizar outras técnicas e instrumentos de recolha de dados, bem como fazer uma seleção dos mesmos, adequando-os ao contexto e concretizando-os de modo a fazer uma análise detalhada e consistente de todo o processo. Assim, esta recolha de dados, consiste em “recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas ou das unidades de observação incluídas na amostra” (Quivy, 1998:183).

Durante a investigação procedeu-se à observação, recolha e análise de alguns documentos da instituição (Projeto Educativo, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades e Projeto Curricular de Grupo/Projeto Curricular de Turma), com o objetivo de agir em conformidade com os valores e ideais da instituição, assim como textos/livros e legislação, que sustentassem a prática pedagógica, de modo a

compreender o processo desenvolvido e os seus efeitos na aprendizagem de cada criança/aluno.

A documentação dos procedimentos transmite informações precisas que possibilitam, através de uma análise, confirmar resultados obtidos por meio de diferentes técnicas, assim, segundo Bell (1997), a pesquisa documental constitui uma fonte extremamente importante para a recolha de informação.

A utilização de vários instrumentos de análise e de recolha de dados é muito importante e possibilita ao observador fundamentar as suas afirmações, por isso, “numa investigação qualitativa, “as provas” que o investigador deverá expor, [...], não são do tipo causal, mas constituem, como afirma Erickson (1986:149), uma demonstração da plausibilidade dos recursos” (Lessard-Hébert et al, 2005:132).

Deste modo, foram utilizados procedimentos, técnicas e instrumentos com o intuito de planear, fazer e rever todo o processo ensino-aprendizagem tendo em conta, Bogdan e Biklen (1994), quando referem que, as pesquisas qualitativas interessam-se mais pelos processos do que pelos produtos.

Nas duas valências, procedeu-se ao registo de incidentes críticos, onde se relataram comportamentos espontâneos nas mais diversas situações de experiência e aprendizagem vivenciadas pelas crianças/alunos e ainda, as listas de verificação, onde se regista a presença ou ausência de um resultado de aprendizagem.

O instrumento que se utilizou com mais frequência, nos dois contextos, ao longo de toda a prática, foi o registo fotográfico, sendo este muito eficaz nos registos narrativos das observações, porque através das fotografias ficam gravados vários momentos de ensino-aprendizagem, em que os sujeitos do estudo estão em atividades, transparecendo múltiplas interações.

O registo de vídeo foi um recurso igualmente valioso, nas duas valências, nomeadamente quando se pretendeu detalhes ao nível do discurso oral ou dos comportamentos das crianças. No entanto é de realçar que ao nível do 1º Ciclo do Ensino Básico, os alunos construíram os seus próprios vídeos, por iniciativa própria, com o objetivo de apresentar os seus interesses/conhecimentos à turma.

Outro dos instrumentos usados, no contexto de EPE, foram as tabelas de recolha de dados, com informações da caracterização do grupo, quanto ao número e género e a caracterização individual, com dados de cada criança (fichas de anamnese).

Relativamente ao 1ºCiclo do Ensino Básico, esta informação foi disponibilizada através do Projeto Curricular de Turma, referenciando as características individuais de cada aluno e da turma, e ainda através de tabelas de recolha de dados.

Nos dois contextos, o portfólio foi um instrumento muito útil na aprendizagem das crianças/alunos, uma vez que na EPE, o portfólio da criança, permitiu conhecer e observar o desenvolvimento e as progressões de cada criança, em todas as áreas de conteúdo e proporcionou a partilha de saberes e aprendizagens entre as mesmas, possibilitando ainda à própria criança reviver as suas experiências, assim como auto-avaliar-se. No 1ºCEB, o portfólio favoreceu também o conhecimento e uma observação mais detalhada sobre os trabalhos desenvolvidos ao longo do processo ensino-aprendizagem, proporcionou aos alunos uma reflexão e auto-avaliação dos trabalhos desenvolvidos, atuou como instrumento de estudo e ainda como facilitador da comunicação entre escola-família, de modo a possibilitar aos encarregados de educação um maior acompanhamento das matérias lecionadas e da evolução do educando.

No que concerne ao contexto EPE, os quadros de investigação e as teias de projeto foram também utilizados na recolha de dados. Permitiram observar a evolução das crianças durante a experimentação, compreender dificuldades e progressões ao nível da linguagem oral, observar os diferentes saberes, como o poder de síntese e de memorização sobre a informação recolhida, constatar a crescente capacidade destas em formular questões e hipóteses, em realizarem as suas próprias descobertas, permitindo ainda ao educador-observador refletir sobre a própria intervenção. Também se construíram grelhas de observação para caracterizar o espaço/área da sala e os materiais ali existentes, com o intuito de estruturar e repensar o ambiente educativo, atendendo aos interesses e necessidades do grupo de crianças.

Pode-se ainda referir alguns instrumentos que se reportaram ao contexto de EPE, como o quadro de áreas/atividades em que as crianças assinalam a área a frequentar, sendo este utilizado com o intuito de observar as áreas mais pretendidas e as menos exploradas pelas crianças; os registos gráficos, individuais e coletivos, elaborados pelas crianças que também foram um importante contributo para a observação e avaliação de todo o processo de ensino-aprendizagem das mesmas.

No entanto, também no contexto do 1ºCEB, foram construídos instrumentos específicos para este contexto, que possibilitaram ao Professor uma melhor observação e posterior avaliação dos conhecimentos e capacidades dos alunos, através de grelhas de observação e avaliação; trabalhos realizados pelos alunos ao longo das intervenções; construção de um dossiê sobre “O nosso passado”, idealizado e realizado pelos alunos; a construção de um relatório síntese de aprendizagens, de

modo a observar e avaliar alguns comportamentos, características e conhecimentos do aluno; entre outros.

Considera-se assim imprescindível, que o Educador/Professor adote uma postura reflexiva e investigativa, de modo a recolher informações sobre as aprendizagens e comportamentos das crianças/alunos, adequando a técnica e/ou instrumento de recolha de dados ao contexto e à situação que se pretende investigar, porque “o objetivo é descrever com o maior rigor possível o meio em que decorre o fenómeno ou acontecimento, as atividades, a fim de, posteriormente, tornar possível um estudo mais sistemático” (Parente, 2002:177).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a reflexão sistemática dos educadores e professores do 1ºCiclo do Ensino Básico sobre os problemas práticos do dia-a-dia na sala, através da observação da sua própria atuação, permitirá uma atuação eficaz de promoção de sucesso para todos os sujeitos da investigação, já que o adulto ao investigar assume um papel ativo e de mudança.

Assim, também o portfólio reflexivo foi extremamente importante, nos dois contextos, ao longo da prática pedagógica porque a cada prática reflexiva surgiu um novo pensamento, um novo trabalho, uma nova ação e uma nova relação de entendimento pessoal e de grupo, como refere Sá-Chaves (2004), este é um instrumento de estimulação do pensamento reflexivo, que cria oportunidades para documentar, registar e estruturar os procedimentos e a própria aprendizagem.

Pelo exposto, os dados de observação que se vão recolhendo são muito uteis, não só para analisar/avaliar as aprendizagens conseguidas por cada criança/aluno, como as suas relações socio-afetivas, as suas atitudes/comportamentos, mas também para melhor conhecer alguns aspetos da sua personalidade.

No que diz respeito às reflexões e avaliações, também estas, permitem refletir sobre a prática pedagógica, possibilitando a reestruturação da mesma, com vista a uma melhoria na intervenção. São um suporte de observação consistente porque permitem exprimir de forma escrita o que se observa, induzindo a uma avaliação da prestação/atuação de cada intervenção. Assim, mediante a leitura e análise das reflexões e avaliações observa-se todo o processo educativo, possibilitando reajustamentos e melhorias significativas na prática educativa.

Durante a prática educativa a equipa pedagógica ia estabelecendo conversas informais sobre as atividades e aprendizagens das crianças, com o intuito de estabelecer objetivos e estratégias que regulassem e melhorassem uma futura intervenção.

As orientações com as Professoras Supervisoras da ESEPF, o acompanhamento da Educadora Cooperante e da Professora Cooperante, no decorrer da prática e ainda os seminários, possibilitaram a reflexão e análise crítica de toda a prática desenvolvida, sempre com o objetivo de reajustar e melhorar a intervenção, porque “formar para ser professor investigador implica desenvolver competências para investigar na, sobre e para a ação educativa e para partilhar resultados e processos” (Alarcão, 2001:6).

III – INTERVENÇÃO

3.1. Caracterização dos Contextos de Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico.

Este Capítulo do relatório refere a caracterização do contexto em que decorreram as práticas profissionalizantes. Assim, de modo a caracterizar os dois contextos, foi necessária a análise dos documentos de cada uma das instituições, nomeadamente do Projeto Educativo, do Regulamento Interno, do Plano anual de atividades e do Projeto Curricular de Grupo/Turma.

3.1.1. Caracterização das Instituições

Com o objetivo de conhecer o regime de autonomia, administração e gestão de cada uma das instituições, começou-se por analisar o Projeto Educativo que, de acordo com o Decreto-Lei 137/2012, constitui um documento objetivo, conciso e rigoroso, tendo em vista a clarificação e comunicação da missão e das metas da escola no quadro da sua autonomia pedagógica, curricular, cultural, administrativa e patrimonial, assim como a sua apropriação individual e coletiva e ainda a análise do Regulamento Interno, porque,

“com vista ao desenvolvimento do projeto educativo, são fixadas no regulamento interno as estruturas que colaboram com o conselho pedagógico e com o diretor, no sentido de assegurar a coordenação, supervisão e acompanhamento das atividades escolares, promover o trabalho colaborativo e realizar a avaliação de desempenho do pessoal docente” (Decreto-Lei 137/2012).

Assim, no contexto de Educação Pré-Escolar, foi possível, concluir que esta instituição, é um estabelecimento de cariz religioso, baseado numa filosofia

Humanista/Cristã, pensado numa lógica de construção e reconstrução de valores, como contributo para a formação pessoal e social. Tem como finalidade educativa, formar homens autónomos, responsáveis, livres, solidários, participativos, críticos e capazes de se inserir na sociedade em que vivem.

Pode-se ainda referir que é uma Instituição de Solidariedade Social, sem fins lucrativos (I.P.S.S) que está sob a tutela do Centro Regional de Segurança Social, fundada em Setembro de 1968, pela Paróquia da Freguesia e a sua sede é no Porto. A população é essencialmente da classe média/alta, habita em boas zonas residenciais e o desemprego no universo dos pais é pouco relevante.

A nível Educacional, esta freguesia dispõe de creches, jardim-de-infância e escolas do 1ºciclo do ensino oficial e particular. Relativamente ao desporto, há também piscinas, clubes de futebol e uma associação recreativa, permitindo às crianças a prática desportiva.

Relativamente ao contexto do 1ºCiclo do Ensino Básico, o Projeto Educativo deste Agrupamento, enquanto “elemento estruturante da vida do agrupamento, comporta em si o domínio do intencional, da mudança, incorpora a utopia, engloba o sonho, abre novos caminhos e lança desafios às práticas pedagógicas” (Projeto Educativo do Agrupamento, 2012:4). Relativamente à constituição do Agrupamento é de referir que este é composto por quatro estabelecimentos de ensino, com passados e identidades únicas sendo um deles a sede do agrupamento. Estas escolas desenvolvem as suas atividades, nas valências de Jardim de Infância, 1º Ciclo e 2º/3º Ciclo. Este Agrupamento de escolas foi homologado a 30 de Abril de 2002 e assinou o Contrato de Autonomia a 11 de Setembro de 2004.

Assim, a escola onde decorreu a prática pedagógica, é uma instituição de ensino público, que pertence a este Agrupamento de Escolas, sendo uma

“unidade organizacional dotada de órgãos próprios, de administração e gestão, constituída pela integração de estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino, com vista à realização das seguintes finalidades: garantir e reforçar a coerência do projeto educativo e a qualidade pedagógica das escolas e estabelecimentos de educação pré-escolar que o integram, numa lógica de articulação vertical dos diferentes níveis e ciclos de escolaridade” (Decreto Lei 137/2012, artigo 6).

É de referir que esta instituição está situada numa freguesia da cidade do Porto, sendo esta a terceira mais populosa da cidade. Nas últimas décadas do século XX, houve um crescimento populacional, que contribuiu para a dinamização económica e social da cidade. Relativamente aos equipamentos sociais e culturais, nesta freguesia funcionam seis jardim-de-infância, nove escolas de 1ºCiclo, três

escolas do 2/3ºCiclo e duas escolas secundárias, todas da rede pública. Existem ainda infantários, colégios e externatos privados. No Polo Universitário funcionam várias faculdades, como as de Medicina, Economia, Engenharia, Ciências da Educação, etc.

Considerando a instituição onde decorreu o estágio de Educação Pré-Escolar, esta está organizada por quatro pisos, onde funcionavam as valências de Creche e Jardim-de-Infância, contemplando um espaço envolvente ajardinado, mas não coberto, impedindo assim, que as crianças usufríssem do mesmo, em dias de chuva. É de referir que este espaço se encontrava em fase de remodelação, com o objetivo de oferecer às crianças as condições necessárias de segurança, porque de acordo com a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, o espaço exterior deve ser organizado de forma a oferecer ambientes diversificados, que permitam a realização de atividades lúdicas e educativas. No entanto, no segundo andar, havia um recreio interior espaçoso (salão polivalente) destinado às crianças do jardim-de-infância, possibilitando-lhes assim, momentos de interação e de brincadeira entre as crianças das diferentes salas.

Relativamente à escola onde decorreu o estágio em 1ºCiclo do Ensino Básico, esta apresenta um só piso, composto por doze salas de aula do 1ºCiclo do Ensino Básico. Além destas salas de aula, existe ainda, a sala de coordenação, a sala de atendimento aos alunos com NEE, a sala dos professores, entre outras. Esta escola tem à disposição de todos os alunos, um número elevado de recursos didáticos. A biblioteca está bem equipada com livros, jogos educativos, material audiovisual e de multimédia. É ainda de salientar, que a escola tem um espaço de recreio amplo, que proporciona aos alunos diversas brincadeiras e aprendizagens, contudo, verifica-se a inexistência de um espaço coberto que possibilite a mesma dinâmica aos alunos.

No Projeto Educativo de cada instituição, estão descritos os princípios que cada uma preconiza. De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento, constata-se que, a função socializadora da escola é muitas vezes dificultada pelas barreiras físicas e intelectuais, pela carência de afetos, pela insegurança e até por alguma falta de acompanhamento familiar, deste modo, propõe-se atuar em torno de cinco eixos fundamentais: promover uma escola humana, inclusiva, globalizadora de saberes, inteligente e de sucesso. Há ainda uma preocupação constante, na construção de uma escola inclusiva que, consciente da diversidade, concebe respostas de diferenciação curricular positiva. Assim, são designados como princípios pedagógicos orientadores, proporcionar um ensino/aprendizagem em que seja desenvolvida a criatividade, a inovação, a atualização e ainda promover ações de pesquisa e de problematização de modo a incentivar a educação para a cidadania e a formação pessoal e social, entre

outros. A instituição promoveu alguns momentos de interação com a comunidade educativa, através da dinamização do dia da Alimentação, do Magusto, Natal, entre outras igualmente importantes. No entanto, devido à organização do agrupamento, torna-se mais difícil a promoção e concretização destes momentos de interação.

Quanto à instituição onde decorreu a prática em Educação Pré-Escolar, também esta contempla princípios e estratégias, de modo a promover a interação com a comunidade, como Projetos de Intercâmbio (Atelieres e Oficinas Temáticas), momentos comuns (Magusto, Festa de Natal, Eucaristias, Dia dos Reis, Dia Mundial da Criança, etc.), reuniões de equipa, reuniões de Pais, formações e parcerias com a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, entre outros.

3.1.2. Caracterização do Ambiente Educativo

No que concerne à sala dos quatro anos, onde decorreu a prática educativa no contexto de Educação Pré-Escolar, pode-se dizer que esta era ampla, com boa iluminação, encontrando-se dividida em diferentes áreas de interesse (área da Biblioteca, área dos Jogos e Construções, área da Expressão Plástica, área da Casinha, da Informática e da Investigação), que podiam ser alteradas de acordo com as necessidades e gostos do grupo, estando equipadas com recursos materiais diversos, adaptados às idades das crianças, possibilitando-lhes uma escolha diversificada, de modo a desenvolverem as suas capacidades e criarem múltiplas situações de brincadeira porque, “Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (Ministério da Educação, 1997:37). Ainda, no que concerne aos recursos materiais, pode-se referir que existe material didático, jogos diversos, material de desenho, recorte, modelagem, colagem, pintura, material de desperdício, material desportivo (bolas, arcos, blocos de construção, entre outros), todos estes, promotores e possibilitadores de aprendizagens significativas. Também o mobiliário presente na sala era diversificado, atrativo e adequado à faixa-etária, proporcionando a autonomia de cada criança na aquisição do material disponível.

Relativamente ao contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico, a disposição das mesas, era em U, de modo a possibilitar uma melhor comunicação entre os alunos, facilitando o trabalho cooperativo, permitindo à equipa pedagógica uma melhor observação dos alunos e ainda uma maior mobilidade por parte de todos. No entanto,

devido às regras impostas pela instituição, a equipa pedagógica apenas podia expor os trabalhos dos alunos num único placar, tornando assim a sala mais pessoal. Também a estagiária, teve algumas dificuldades em expor materiais utilizados em aula (quadros, panfletos, registos, tabelas, etc.), para que os alunos os pudessem observar sempre que necessário.

3.1.3. Caracterização do Grupo/Turma

Nos dois contextos, o trabalho de sala foi desenvolvido por uma equipa pedagógica, sendo esta constituída, no contexto de Educação Pré-Escolar, por uma Educadora, uma Auxiliar de Ação Educativa e uma Estagiária, já no contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, a equipa pedagógica da turma do 4ºano era constituída por uma Professora Titular, duas Estagiárias, uma Professora do Ensino Especial e três Professores de Atividades Extra Curriculares (Inglês, Apoio ao Estudo, Atividade Físico – Desportiva e Educação Musical).

No contexto de Educação Pré-Escolar, a prática pedagógica, realizou-se na sala dos quatro anos, com um grupo, constituído por vinte crianças, sendo sete do sexo feminino e treze do sexo masculino (Anexo 1 e 2).

Com base nos dados apresentados nas fichas de Anamnese (2008/2009) foi elaborada uma tabela (Anexo 1, análise fichas de anamnese), depois de analisados e tratados os dados que foram uteis para a caracterização deste grupo. Assim, pode-se concluir que, no que concerne à faixa-etária deste grupo de crianças, esta varia entre os 4 anos e 3 meses (51 meses) e 5 anos e 2 meses (62 meses). É importante referir que a maioria ainda tem quatro anos e que apenas seis crianças já completaram os 5 anos de idade. Todas as crianças transitaram da sala dos dois e três anos com os mesmos elementos da equipa pedagógica (Educadora e Auxiliar). No entanto, a Educadora que acompanhou estas crianças desde os dois anos, estava de licença de parto e, por este motivo, estava uma Educadora a substituí-la, apenas durante este período. Apesar de esta estar há pouco tempo com as crianças, notou-se que havia uma relação de proximidade, carinho e confiança.

Na elaboração de um projeto, é necessário conhecer o grupo pois só assim é possível destacar as características das crianças, através de uma observação cuidada e pormenorizada de cada uma e do grupo, para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que vivem. Assim, o Projeto Curricular de Grupo, “carateriza não só a forma como

vejo e sinto a educação, como também a forma que transmito essa filosofia de Educação, na dinâmica do grupo de crianças que integra a sala dos quatro anos” (Projeto Curricular de Grupo:1). Este refere ainda que,

“há diferentes factores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como, as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idade das crianças, a dimensão do grupo” (Ministério da Educação, 1997:35).

De acordo com informações recolhidas do Projeto Curricular de Grupo e ainda de observações constantes em diferentes contextos, pode-se referir que este é um grupo heterogéneo, e como tal, as rotinas e as atividades realizadas em sala, necessitam de um maior acompanhamento. Neste grupo existe uma criança com NEE (Necessidades Educativas Especiais) e com diagnóstico de autismo moderado, sendo por isso acompanhada pela Educadora de Ensino Especial. Esta criança frequenta também Terapia da Fala duas vezes por semana num gabinete particular, com a sua Terapeuta, com a qual são estabelecidos contactos e reuniões de avaliação e planificação, assim como com o Encarregado de Educação. Constatou-se que, as crianças fazem uso da capacidade simbólica, relacionando o significante com o significado, sendo visível quando brincam com atribuição de papéis (jogo simbólico). A maioria das crianças imita e brinca replicando os gestos e tarefas que lhe são familiares.

Uma das características presentes nesta fase é também o egocentrismo, em que a criança tem dificuldade em colocar-se no lugar do outro. Ao nível do desenvolvimento físico, as crianças possuem uma intensa necessidade de exploração sensorial e motora, imitando facilmente os movimentos que observam, movendo-se com desenvoltura e espontaneidade. Gostam particularmente de desenho, fazendo círculos, rios horizontais e verticais, atribuindo nomes ao que desenharam. Todo o grupo já desenha a figura humana com alguns pormenores (boca, olhos, nariz, orelhas, cabelo, membros superiores e inferiores, etc...), no entanto a nível gráfico ainda apresentam algumas dificuldades. A maioria já escreve o seu nome, alguns com o apoio de modelo, outros sem a presença do mesmo. Quanto ao nível de desenvolvimento social, é visível que as crianças realizam mais contactos sociais e passam menos tempo em jogos solitários. As crianças já aceitam brincadeiras que envolvem pequenos grupos, como jogos motores, dominós, puzzles, lotos, entre outros.

No entanto, este grupo “tem necessidade da mediação do adulto em pequenos conflitos (partilha de material e escolha de atividades) e recorre com alguma

frequência às birras” (Projeto Curricular do grupo:6). Relativamente ao desenvolvimento intelectual, as crianças percebem a existência da realidade exterior, independente à sala, revelando interesse pelo mundo que as rodeia e querendo saber o “porquê” das coisas. Tendo em conta a comunicação/vocabulário, é também frequente observar as crianças a brincarem sozinhas, acompanhando a sua ação com vocalizações, desta forma, a criança desenvolve o pensamento e a linguagem, “Ter acesso à linguagem é para a criança estruturar o seu desejo de ter um discurso próprio, é estruturar a sua pessoa” (Rebello, 1989:29, cit Projeto Curricular do Grupo).

Este grupo conhece todas as rotinas diárias, instituídas pela Equipa Pedagógica, sendo estas rotinas da máxima importância porque são momentos contínuos de aprendizagem e que permitem às crianças oportunidades de aprendizagem diversificadas, “as rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. O quotidiano passa, então a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia” (Zabalza,1998:52).

Durante a semana as crianças têm também atividades fora da sala, tais como Natação, Expressão Motora, Dança, Futebol, Inglês, Ténis.

Relativamente à prática pedagógica, que decorreu na valência de 1ºCiclo do Ensino Básico, esta realizou-se numa turma do quarto ano. De acordo com a Professora Cooperante, o Projeto Curricular de Turma deve partir das decisões constantes no Projeto Educativo, tendo em conta o que é comum ao agrupamento, à escola e ao ano de escolaridade a que a turma pertence e deve procurar o modo mais adequado de concretizar estas decisões, na turma, respeitando as características da mesma. Deste modo, na elaboração do projeto é essencial conhecer o grupo, pois só assim é possível destacar as características dos alunos, conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que vivem. A turma do 4º ano é constituída por vinte e um alunos, sendo dez do sexo feminino e onze do sexo masculino, situando-se o nível etário dos alunos nos nove anos de idade, havendo apenas uma aluna com oito anos e um aluno com dez anos.

De acordo com o Projeto Curricular de Turma, todos os alunos frequentaram a Educação Pré-escolar, vindo a maior parte do mesmo infantário. Os alunos transitaram para o 4º ano com aproveitamento, no entanto, esta turma é muito heterogénea em termos de aprendizagem e de progressão, havendo alunos com um bom ritmo de trabalho e métodos de estudo e outros com um ritmo mais lento. Apenas um aluno

necessita de apoio individualizado por parte da Professora de Ensino Especial, para superar as suas dúvidas e inseguranças. Como atividades de Enriquecimento Curricular, esta turma tem na escola aulas de Inglês, atividades Físico-Desportiva, Expressão Musical e ainda Apoio ao Estudo.

No que concerne às motivações e interesses dos alunos, estes revelam curiosidade, interesse por diferentes atividades, gosto em aprender, empenho nas tarefas, muita entrega na realização de atividades referentes a expressões, jogos, histórias e ainda na apresentação de trabalhos de pesquisa e trabalhos realizados com a família. De acordo com os dados disponibilizados pela Professora titular, no início da prática pedagógica havia alguns aspetos inibidores que a turma apresentava, tais como: pouca correção ortográfica, dificuldades de interpretação, pouca expressividade na leitura, dificuldades na expressão escrita (pouca criatividade), dificuldades na compreensão do oral e ainda dificuldades na capacidade de concentração e de respeito para com as regras estipuladas. No entanto, tentou-se ao longo do estágio, colmatar estas dificuldades apresentadas, visualizando melhorias significativas no final da prática.

Tendo em conta o Agregado Familiar, no contexto de Educação Pré-Escolar, a sua maioria é composta pelos pais e por um ou dois filhos, com a exceção de dois agregados familiares que são constituídos pelos pais e três filhos. No gráfico apresentado (Anexo 3-gráfico relativo ao número de irmãos) verifica-se assim, que a maioria das crianças tem um irmão (11 Crianças), que apenas duas têm dois irmãos e os restantes são filhos únicos (7 crianças). Respetivamente à faixa-etária dos Pais e Encarregados de Educação, esta varia entre os 31 e os 46 anos (Anexo1). Quanto às Habilitações Académicas dos Pais e Encarregados de Educação deste grupo, verifica-se que há um nível elevado de escolaridade, havendo um com o Doutoramento, dois com M.B.A, vinte e sete Licenciados, um com Bacharelato, cinco com o 12ºano e quatro com o 9ºano (Anexo4-Gráfico Habilitações Académicas). De acordo com as fichas de Anamnese, verificou-se que relativamente à caracterização do contexto habitacional, todas as crianças à exceção de duas, têm habitação própria.

No que concerne ao contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico, depois de analisados e tratados alguns dos dados apresentados no Projeto Curricular de Turma foi elaborada uma tabela que caracteriza esta turma (Anexo 5). Assim, pode-se concluir que o agregado familiar é na sua maioria composto pelos Pais e por um ou dois filhos, com a exceção de cinco agregados familiares, que são constituídos pelos Pais e três filhos. A maioria dos alunos vive com os Pais, à exceção de três alunos que vivem

apenas com as Mães, porque os Pais estão separados. A função de Encarregado de Educação é assumida, maioritariamente, pela Mãe. Os alunos são, na sua grande maioria, desta comunidade escolar e pertencem a um nível socioeconómico médio/alto. Relativamente à faixa etária dos Pais e Encarregados de Educação, esta varia entre os 24 anos e os 48 anos de idade (Anexo 5). Quanto às Habilitações Académicas dos Pais e Encarregados de Educação, verificou-se que estas se situam entre o 2º Ciclo e o Doutoramento, havendo sete Pais com o Mestrado/Doutoramento, doze com a Licenciatura, um com o Bacharelato, dezasseis com o Secundário, cinco com o 3º Ciclo e apenas um com o 2º Ciclo (Anexo6-Tabela Habilitações académicas dos Pais/Encarregados de Educação).

Considerando os dois contextos, pode-se referir, relativamente ao envolvimento familiar na vida dos alunos e na vida escolar, que as famílias, na sua grande maioria, são interessadas e atentas à vida dos alunos, colaborando na vida escolar sempre que são solicitadas ou mesmo de forma espontânea, quando sentem necessidade.

3.2. Intervenção nos Contextos

A intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção educativa do educador/professor passa por diferentes etapas, já referidas anteriormente no capítulo I, Enquadramento Teórico, sendo estas, Observar/Preparar, Planear/Planificar, Agir/Intervir e Avaliar.

3.2.1. Observar/Preparar

Sabendo que um currículo não pode ser encarado de uma forma isolada, considerou-se importante, nos dois contextos, proceder numa primeira fase, à observação e análise dos documentos das Instituições (Projeto Educativo, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades e Projeto Curricular de Grupo/Projeto Curricular de Turma), com o objetivo de agir em conformidade com os valores e ideais da Instituição.

Com a intenção de deter informações sobre a família e o contexto em que cada criança está inserida, houve a necessidade de observar e conhecer cada criança individualmente e o seu agregado familiar. Assim, utilizou-se na educação pré-escolar as fichas individuais de cada criança, procedendo-se posteriormente à sua análise (Anexo 1,2,3,4) e no 1º ciclo do ensino básico, foram recolhidos dados, relativos a cada

aluno, através de tabelas disponibilizadas pela professora titular (Anexo 5 e 6). Com o intuito de conhecer as crianças, foi fundamental observá-las, atendendo a que,

“a observação efetuada no contexto natural dos acontecimentos, tem sido um dos procedimentos mais utilizados para recolher dados e informações capazes de contribuir para a tomada de decisões educativas. Na educação de infância a observação direta desempenha um papel fundamental” (Parente, 2002:180).

Também no contexto do 1ºciclo do ensino básico considerou-se da máxima importância,

“observar o grupo/turma na realização das tarefas em grupo e também aperceber-me de algumas características individuais [...], porque a observação, constitui a base da planificação, da intervenção e da avaliação, apoiando por isso todo o processo educativo” (Reflexão – “A primeira intervenção no 1ºciclo do ensino básico”)

Considerando que o conhecimento da criança/aluno resulta de uma observação contínua, observaram-se e prepararam-se as atividades, tendo em conta os interesses do grupo/turma, preocupando-se sempre com a diferenciação pedagógica e recolhendo ao longo da prática, informações sobre o grupo/turma e cada criança/aluno em particular. Esta recolha foi feita através de diferentes formas de registo de observação de modo a encontrar evidências das aprendizagens e a melhorar a intervenção educativa.

Com esta finalidade, foram utilizadas diferentes técnicas e instrumentos, nos dois contextos, que proporcionassem uma observação mais detalhada dos comportamentos, atitudes e conhecimentos de cada criança/aluno. Assim, no contexto de Educação Pré-Escolar foram utilizados por exemplo, os registos fotográficos (Anexo7) os registos de incidentes críticos (Anexo 8a) e as descrições diárias (Anexo 9a). Também no que concerne ao 1ºCiclo do Ensino Básico, com a intenção de se conhecerem os alunos e de recolher informações sobre a turma, estabeleceram-se conversas informais com a Professora Cooperante e utilizaram-se instrumentos como, registos fotográficos (Anexo7), registos de incidentes críticos (Anexo 8b), descrições diárias (Anexo 9b) e fichas de trabalho diagnósticas, que contribuíram para uma observação mais pormenorizada e cuidada que levou à construção do relatório. Foi também elaborado um relatório síntese de aprendizagens (Anexo 11), com a colaboração da Supervisora, com o objetivo de observar detalhadamente as características, comportamentos e capacidades de um aluno, de modo a intervir da melhor forma, colmatando as dificuldades/necessidades do mesmo.

Deste modo, a observação direta, foi fundamental para caracterizar o grupo de crianças/alunos, a todos os níveis de desenvolvimento cognitivo, linguístico, social,

emocional e psico-motor, sendo uma mais-valia na concretização de uma planificação que vá ao encontro dos interesses, capacidades e necessidades de todas as crianças.

3.2.2. Planear/Planificar

Conhecer o grupo/turma de crianças/alunos é um passo muito importante para que a Planificação tenha uma intencionalidade e um maior sentido, de modo a que o educador/professor reflita sobre as suas intervenções educativas e as formas de as adequar ao grupo/turma, prevendo experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização. As planificações foram elaboradas tendo em conta todo o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem das crianças, incluindo todos os seus saberes (saber-fazer, saber-ser, saber-estar), planificando assim atividades que proporcionassem aprendizagens integradas nas diferentes áreas de conteúdo, delineando assim objetivos transversais e abrangentes.

Assim, no contexto da E.P.E, inicialmente, a planificação era feita apenas pela equipa pedagógica, atendendo sempre aos interesses e necessidades das crianças e tendo sempre em conta as observações efetuadas. Deste modo, na planificação eram pensadas atividades, delineadas as intenções pedagógicas, bem como os recursos necessários, tendo em vista uma intencionalidade pedagógica, permitindo aprendizagens ativas e significativas. Posteriormente, em conversa informal com a Educadora Cooperante, foi pensada uma forma em que as crianças pudessem ter um papel mais ativo também nesta planificação. Deste modo, foi criada a “Assembleia” como forma de reunir a equipa pedagógica e o grupo, com o intuito de dar voz às crianças na escolha das atividades realizadas, envolvendo-as também neste processo.

Nesta Assembleia, realizada à sexta-feira, as crianças exprimiam os seus interesses e opiniões relativamente às atividades da semana seguinte, eram distribuídas as tarefas, escolhidos os materiais necessários à concretização das mesmas, sendo registados pelo adulto numa tabela. Para melhor compreensão das crianças, as atividades eram registadas individualmente e acompanhadas de imagens, de modo a facilitar a “leitura” por parte destas (Anexo 12-Atividades planeadas com as crianças). Assim, “Planear é um processo intelectual no qual os objetivos internos dão forma a acções antecipadas. Quando as crianças pequenas planeiam, começam com uma intenção pessoal, um objetivo, um propósito.” (Hohmann e Weikart, 2009, p.249).

Durante a prática educativa, a planificação semanal era realizada em rede e em grelha, pela equipa pedagógica, normalmente à sexta-feira, e incluía as decisões

tomadas na assembleia de grupo. Assim, a planificação em rede permitiu estruturar as atividades programadas tendo em conta as áreas de conteúdo abordadas. Para complementar esta planificação, criou-se uma grelha com o objetivo de definir mais pormenorizadamente as atividades pedagógicas, contendo o delineamento das estratégias, intenções pedagógicas e dos recursos utilizados na programação das atividades. (Anexo 13 – Planificações Semanais).

Também no contexto do 1ºCiclo do Ensino Básico, o professor ao planificar, transforma e ajusta o currículo às especificidades da sua turma, atendendo aos conhecimentos e competências que os seus alunos apresentam, com o objetivo de fazer a diferenciação pedagógica e assim, intervir eficazmente. À semelhança da planificação em grelha, realizada no contexto de Educação Pré-Escolar, elaborou-se outra para o contexto do 1ºCiclo do Ensino Básico, sendo contudo, ajustados os indicadores, contemplando assim: Área, Bloco, Conteúdos, Objetivos, Atividades, Tempo, Recursos Materiais e Avaliação, sendo complementada por uma descrição das atividades que se manifestou como uma mais valia (Anexo 14 – Planificações).

Esta Planificação tinha em conta a planificação mensal elaborada pelos professores do 4ºano (Anexo 15) e ainda os conteúdos definidos e transmitidos pela professora cooperante em conversas informais. Embora os alunos não participassem ativamente na concretização desta planificação, os seus gostos, interesses e necessidades, eram respeitados pela equipa pedagógica. “Deste modo, planifiquei de forma a captar o interesse da turma, proporcionando atividades que explorassem os conteúdos programados, mas ao mesmo tempo, que tivesse uma componente lúdica associada” (Anexo 18-Reflexão “A primeira intervenção”).

No entanto, com a intenção de possibilitar um momento em que os alunos pudessem ter um papel mais ativo na planificação, decidiu-se em conjunto com a professora cooperante que às 4ªs feiras, estes iriam planificar em conjunto com a equipa pedagógica as atividades, para serem apresentadas por estes, na 4ªfeira seguinte. À semelhança do que aconteceu em diversos momentos na EPE, também no 1ºCEB, criou-se a assembleia que,

“atua como instrumento de gestão e administração das regras do jogo, através dos debates, das propostas [...], como regulador das relações pessoais e como meio de manter a convivência. É o instrumento mais valioso de que dispomos para promover e potencializar muitos dos valores e das atitudes que consideramos conteúdos de aprendizagem” (Zabala,1998:122).

Houve ainda a possibilidade dos alunos intervirem num projeto/debate “Políticos por um dia”, onde tinham reuniões de planificação em grande grupo. Nessas reuniões, os alunos debatiam ideias e conceitos, sobre a Educação, tais como: “O que

é a educação?”, “Uma escola melhor”, “Quais as responsabilidades da escola?”, entre outros (Anexo 16 – Ata construída pelos alunos).

É de destacar ainda a importância da concretização de uma planificação que promova a interdisciplinaridade, assim, no contexto de EPE, esta planificação permitiu ao educador perceber com mais facilidade o que ia trabalhar, uma vez que os conteúdos se interligam, “a planificação é sempre elaborada tendo em vista os interesses das crianças, o seu desenvolvimento e aptidões, bem como as áreas de conteúdo envolvidas, porque é extremamente importante planear um conjunto de atividades que promovam a interdisciplinaridade” (Anexo 17 – Portfólio Reflexivo “A Importância de Planificar com as Crianças”).

Assim também no contexto do 1ºCiclo a interdisciplinaridade foi realçada porque, “interligando as diferentes áreas, pode-se trabalhar diferentes conteúdos e realizar atividades interessantes e do agrado dos alunos.” A título de exemplo, é de referir a visualização de um vídeo sobre “Os primeiros povos a habitar a Península Ibérica”, onde foi possível, trabalhar os diferentes conteúdos, como a cultura e vestígios que estes povos nos deixaram (Estudo do Meio), a numeração Romana (Matemática), a interpretação e a argumentação ao vídeo (Língua Portuguesa) e ainda a representação destes povos pelos alunos (Expressão Dramática) (Anexo 18- Reflexão 10.11.2012). De acordo com Serra (2004): deve existir uma preocupação em construir o saber de forma articulada, implicando a não existência de áreas estanques, mas uma abordagem globalizante e integrada. A atividade interdisciplinar implica assim, originalidade, criatividade e diversidade de conhecimentos, de forma a articular as várias áreas do saber, atendendo a que é imprescindível prever propostas de atividades articuladas e situações que favoreçam diferentes formas de se relacionar e interagir.

Nos dois contextos, foi reconhecida a importância da flexibilidade da planificação, como se pôde comprovar durante a intervenção educativa. Assim, na valência de E.P.E, ocorreram situações em que a planificação não foi seguida exatamente como se planeou, sendo estas motivadas por diversos fatores, entre eles, a introdução de outras atividades propostas pelas crianças, equipa pedagógica, instituição (dia do pai, dia da mãe, aniversários, visita de estudo etc.) ou ainda por se perceberem dificuldades por parte das crianças na realização proposta. (Anexo 19- Avaliação, 23.03.2012). Também no 1ºCiclo do Ensino Básico, ocorreram situações em que não foi possível cumprir a planificação, pois deu-se prioridade às dúvidas colocadas, que necessitavam de ser trabalhadas; aos problemas relacionados com o

recreio que tinham de ser resolvidos em tempo útil; quando os alunos traziam para a sala materiais que gostariam de apresentar, sobre a matéria dada e ainda noutras situações imprevistas (Anexo 18-Reflexão 20.10.2012). Contudo, no 1ºCEB, há diferenças em relação à Educação Pré-Escolar, porque embora o professor tenha em consideração o carácter flexível da planificação, este terá de contemplar atividades intencionalmente planeadas com base no currículo e os objetivos/metapas elencados para este nível de ensino.

A organização do ambiente educativo foi também um aspeto tido em consideração na planificação, pois possibilitou às crianças que explorassem e usufríssem de diferentes espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, porque, “é função do educador organizar o ambiente educativo que entrando em interação com as necessidades e capacidades daqueles a que vai ensinar, irá criar a experiência educativa válida” (Dewey, 1971, in Craveiro, 2007:24).

Assim, ainda relativamente ao contexto de Educação Pré-escolar, durante a prática, refletiu-se sobre a dinamização de algumas áreas. A título de exemplo, ao observar-se que a área da biblioteca era a menos frequentada pelas crianças, talvez devido à sua decoração, que era pouco atrativa para este grupo de crianças, e tendo em conta que, “a sala de atividades não tem um modelo único, tal como não tem uma organização totalmente fixa desde o início do ano letivo até ao final, [...], é o desenrolar do jogo educativo quotidiano que vai requerendo a sua organização e reorganização.” (Oliveira-Formosinho, 2011:12), a equipa pedagógica em conjunto com o grupo de crianças decidiu fazer algumas alterações, de modo a torná-la num local mais confortável e atrativo (Anexo17-Reflexão“O Espaço no Jardim de Infância”).

Também no contexto do 1ºCiclo do Ensino básico, cabe ao professor, organizar a sala, atendendo a que “a organização da sala de aula tem a ver com o clima que se quer criar e o clima da aula é um dos fatores mais importantes no desencadeamento das aprendizagens” (Sanchez, 2001:19). Assim, a sala foi organizada em U de forma a possibilitar uma maior cooperação entre todos (Anexo7-nº1b). Criou-se um espaço na sala “Biblioteca de Turma”, com o objetivo de valorizar os interesses dos alunos e criar espaços que promovam novas aprendizagens. Assim, através da biblioteca de turma, todos os alunos tinham a possibilidade de requisitar os livros pretendidos (Anexo 30) e apresentá-los em sala de aula, após o preenchimento de uma ficha de leitura (Anexo 31), permitindo a troca de saberes entre todos. Entende-se assim, que para aprender, é indispensável que se crie um ambiente e um clima adequado, constituídos por um

conjunto de relações em que predomine a aceitação, a confiança, o respeito mútuo, a sinceridade e a interajuda.

É também importante referir que os momentos de transição devem ser planeados, porque proporcionam às crianças “um sentimento de controlo e segurança, [...], as crianças tendem a centrar-se mais naquilo que fazem, e a serem mais intencionais nas suas brincadeiras” (Hohmann e Weikart, 2009:617). Deste modo, a organização do tempo e a disposição do espaço estão, pois, interligados, logo a sua articulação deverá adequar-se às características do grupo e às necessidades da criança, já que “o tempo e o espaço são bens escassos no ensino e o seu uso deve ser planeado com cuidado e antecipação” (Arends, 1995:96).

Em relação ao contexto de E.P.E, a rotina diária deve ser estruturada e flexível de modo a que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças. Assim, ao longo da prática a rotina era desenvolvida tendo em conta os ritmos, a faixa-etária e as situações de aprendizagem desenvolvidas, e ainda atividades orientadas e de escolha livre, porque, segundo Zabalza (1998), devem-se deixar espaços e momentos ao longo do dia nos quais cada criança vai decidir o que fazer, assim como a pressão do currículo não pode substituir, em nenhuma situação, o valor educativo da autonomia e da iniciativa própria das crianças. É de referir contudo, que esta rotina tinha diversos momentos em que as crianças se ausentavam da sala para cumprir atividades como natação, ténis, futebol/dança, inglês, entre outras, o que limitava o tempo para observação/realização de atividades na sala.

No 1ºCiclo do Ensino Básico, relativamente à gestão do tempo, houve uma maior preocupação em geri-lo, porque para além do cumprimento do currículo, há que ter em conta a participação dos alunos e o tempo de reflexão necessário à colocação de dúvidas e à resolução dos problemas.

3.2.3. Agir/Intervir

Para que a Intervenção se processe de uma forma eficaz e contribua significativamente para o desenvolvimento e crescimento de cada criança, é necessário “concretizar na ação as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas”. (Ministério da Educação, 1997:27).

Na instituição de Educação Pré-Escolar, em que se realizou a prática pedagógica, a metodologia utilizada foi a abordagem de Projeto, sendo que esta “ [...]

oferece às crianças um ambiente de aprendizagem que desenvolve o sentido da sua própria competência e valor.” (Katz e Chard, 1997:167). Quando se iniciou a prática pedagógica, a sala dos 4 anos já tinha definido o tópico do projeto “O Espaço”, no entanto, ainda não o tinham começado a realizar, o que se tornou uma mais-valia na medida em que se pôde acompanhar todo este processo desde o início. No decorrer deste projeto, procedeu-se às diferentes fases. Assim, numa primeira fase definiu-se o problema, numa segunda fase planificou-se o trabalho a desenvolver, implicando uma maior consciencialização por parte das crianças, daquilo que se vai fazer, por onde se começa, como se vai fazer, dividiram-se tarefas, organizaram-se os dias/semanas e inventariaram-se recursos, para numa terceira fase, dar início à execução da tarefa. Por último, mas não menos importante realizou-se a avaliação/divulgação.

Em conversa informal com a Educadora Cooperante, a estagiária foi informada, que o projeto “O Espaço” surgiu do interesse das crianças, através de um jogo de computador sobre um foguetão, em que foram levantadas questões, como por exemplo, “Quem é que anda nos foguetões?”, “Para que serve?” (Anexo7-nº2) e a partir destas questões, as crianças mostraram interesse em saber mais sobre o espaço.

Assim, quando a estagiária iniciou a sua prática pedagógica, confrontou-se com o interesse das crianças na pesquisa e construção de um sol no teto da sala. Nesta fase é determinante o papel do educador pois ajuda a manter o diálogo, a discussão, garantindo a complexificação das questões, dando a palavra a todas as crianças e incentivando as menos participativas na tomada de decisões. Durante o projeto “O Espaço”, de modo a que as crianças pudessem responder às suas questões, foi-lhes proporcionada a recolha de informação sobre o mesmo através de livros, internet, revistas e ficheiros de imagens (Anexo7 foto nº 3), visita de estudo ao Planetário (Anexo7-nº 4), músicas (Anexo7-nº5), filmes (Anexo7-nº6), de modo a aprofundar o conhecimento sobre o projeto. Relativamente à utilização da internet, constatou-se que a utilização desta na procura de informação foi um meio facilitador de aprendizagens contribuindo para um maior envolvimento das crianças no projeto.

Ao longo do projeto, foram desenvolvidas atividades, sendo de realçar, a construção do Sol (Anexo7-nº7), da lua (Anexo7- nº8), do foguetão (Anexo7-nº 9), o céu e as estrelas (Anexo7-nº10), a decoração da porta da sala “planeta dos amigos” (Anexo7-nº 11), a construção do planeta terra (Anexo7 nº 12), a confeção de um bolo “bolo espacial”(Anexo7-nº13), a realização de uma maquete do sistema solar(Anexo7-nº14), construções de jogos alusivos ao projeto (Anexo7-nº15), hora do conto

(Anexo7-nº16), tendo sempre em conta os interesses e necessidades das crianças, a diferenciação pedagógica, assim como o papel ativo das mesmas. Teve-se a preocupação de utilizar materiais de desperdício, sempre que possível nas atividades realizadas.

Como algumas crianças apresentavam dificuldades ao nível da concentração e atenção, foram realizadas atividades, em que entrava o fator surpresa de modo a incentivar, motivar e proporcionar momentos de grande interação com o grupo. Deste modo, foi introduzida na sala a mochila do astronauta, onde eram guardadas as surpresas (Anexo7-nº17), um astronauta (Anexo7-nº18) e ainda receberam visitas de “amigos”, que lhes transmitiram conhecimentos e despertaram curiosidades (Anexos7-nº19 e 20).

Como forma de divulgar o projeto realizado durante a prática pedagógica, as crianças quiseram convidar as outras salas para conhecerem o seu trabalho, elaborando para esse fim convites (Anexo7-nº21). Durante a divulgação, as crianças com a colaboração da equipa pedagógica, apresentaram um leque de imagens sobre o projeto (Anexo7-nº22), cantaram a canção “O Astronauta e a nave espacial”, musica esta que foi cantada várias vezes ao longo de todo o projeto (Anexo7-nº23) e por último, apresentaram um pequeno teatro, em que as crianças falavam sobre o sistema solar, utilizando como recurso, imagens elucidativas do sistema solar (Anexo7 nº24). Ao longo da prática pedagógica, foram ainda desenvolvidas diversas atividades fora do projeto, nomeadamente jogos (Blocos lógicos, jogos de memória, puzzles); histórias; musicas; registos; experiências (Anexo7-nº25), entre outras atividades que promovessem a brincadeira, porque “a brincadeira é o meio através do qual as crianças constroem a sua compreensão do mundo” (Hohmann e Weikart, 2009:88).

É de realçar que ao longo da prática foram abordadas todas as áreas de conteúdo com o intuito de promover aprendizagens significativas, integradas e diversificadas (Anexo20-Rede Curricular). Relativamente ao espaço educativo, foi construída uma área de raiz mas, no entanto, todas sofreram alterações no que se refere aos recursos materiais existentes e à organização da área (Anexo7nº26). Assim,

“a participação de cada criança e do grupo no processo educativo através de oportunidades de cooperação, decisão em comum de regras colectivas indispensáveis à vida social e distribuição de tarefas necessárias à vida colectiva constituem outras experiencias de vida democrática proporcionadas pelo grupo” (Ministério da Educação, 1997, p.36).

Com a construção de uma nova área, e atendendo a que as crianças necessitavam de uma maior orientação, construiu-se um quadro de áreas com o

propósito de verificar o número de crianças por área, assim como possibilitou à estagiária a observação das áreas mais utilizadas pelas crianças, o tempo de permanência numa área, ou ainda se a escolha dependia de um(a) amigo(a).

Assim, ao longo de toda a prática, foram construídos diferentes instrumentos de organização social, como exemplo refere-se, o quadro e o colar do responsável, a pedido das crianças, o quadro do tempo; um novo quadro de presenças, o quadro de aniversários, entre outros. (Anexo21, Instrumentos de organização social).

No que concerne à intervenção educativa no contexto do 1ºCiclo do Ensino Básico, a observação contínua e a adequada planificação, contribuíram para a realização de atividades que foram ao encontro das necessidades, ritmos e interesses dos alunos, respeitando contudo, os conteúdos exigidos no currículo do 1ºCEB. Assim, na perspetiva de Stenhouse (cit Pacheco, 2001: 39), o currículo é visto como "(...) uma tentativa de comunicar os princípios e aspectos essenciais de um propósito educativo, de modo que permaneça aberto a uma discussão crítica e possa ser efectivamente realizado", sendo este visto como um processo e não como um produto.

Houve a preocupação de relacionar, sempre que possível a matéria dada com as vivências dos alunos, de modo a que os conceitos fossem melhor compreendidos por estes (Anexo 18 – Reflexão "A primeira intervenção").

Neste contexto, embora não tenham sido contempladas as etapas de um projeto, houve uma intensão pedagógica, levando o professor a agir de uma forma interdisciplinar, flexível, promovendo atividades em que os alunos tivessem sempre uma participação ativa e em que os manuais não fossem utilizados de forma excessiva e limitativa no processo ensino-aprendizagem, porque de acordo com Abrantes (cit in Lopes, 2003:30), embora o trabalho de projeto seja muitas vezes referido como uma metodologia, este considera que, no campo pedagógico, podemos encará-lo como uma filosofia ou uma perspetiva pedagógica, sendo que reside essencialmente no carácter aberto, flexível e contextualizado das situações de aprendizagem.

Ao longo da prática pedagógica, foram proporcionadas atividades motivadoras e estimulantes, de modo a serem os alunos a construírem o seu próprio conhecimento, por exemplo, através de desafios propostos na sala de aula, para serem continuados em casa. Esta ideia, de criar os desafios, surgiu do interesse dos alunos e tinha em vista, a criação e colocação de desafios entre os colegas, de modo a construírem aprendizagens significativas, com a orientação da equipa pedagógica. Assim, foi estabelecido à 4ª feira, um momento para os alunos planificarem em conjunto os desafios propostos de modo a serem apresentados na semana seguinte. Estes

desafios eram diversificados, e normalmente surgiam de dúvidas e de interesses dos alunos, como por exemplo quando surgiu a dúvida sobre a localização de Cartago (Anexo18-reflexão 23.11.2012 e Anexo7 nº27), sendo o papel da equipa pedagógica de mediadores da aprendizagem, porque “ as atividades de aprendizagem pressupõem a existência de uma organização que cria tarefas, distribui papéis aos alunos e ao professor, estipula regras e instruções, abre ou fecha canais e redes de comunicação, institui formas de controlo” (Estrela, 2000:46).

Foi também escolhido através de uma votação, um dispositivo pedagógico, criado pelos alunos, “O Armário dos desafios” que servia para a colocação dos mesmos(Anexo7nº28). Houve assim, a intenção de criar momentos que promovessem a exploração de alguns conteúdos, possibilitando a descoberta do conhecimento através da pesquisa em livros, internet, revistas, jornais, textos, entre outros, como por exemplo na recolha de informação para a visita de estudo (Anexo7-nº29).

Tal como foi referido na planificação, a interdisciplinaridade foi sempre tida em consideração, de modo a contribuir para uma aprendizagem integrada, existindo a preocupação em se relacionar a área trabalhada com a seguinte, de modo a que os alunos não vissem o currículo como áreas estanques, porque de acordo com Pombo (2004) a interdisciplinaridade não suprime as disciplinas, somente desmorona os seus muros, o que revela que se tenha em consideração o currículo, mas sempre de uma forma flexível e ajustada. Deste modo, houve a preocupação de explorar as diferentes áreas de modo a garantir que cada aluno desenvolvesse os seus potenciais, porque de acordo com Gardner (1995), existe em cada pessoa múltiplas e distintas formas de inteligência. Assim, uma inteligência elevada numa das áreas, não é acompanhada necessariamente por inteligência elevada em qualquer uma das outras.

De modo a promover a dinamização da intervenção educativa e uma maior compreensão e interesse dos alunos, em relação aos conteúdos lecionados, houve a preocupação de utilizar diversas estratégias, na realização das atividades, como por exemplo: a entrega de panfletos, com o intuito de consolidar os conhecimentos relativos à forma como atuar e prevenir os incêndios e ainda as principais regras a cumprir perante um sismo (Anexo7-nº30); a construção de um friso cronológico, promovendo um papel ativo dos alunos na escolha dos materiais utilizados, na pesquisa, seleção, recorte e colagem de imagens alusivas aos períodos históricos referidos no friso, com a finalidade de possibilitar uma melhor visualização das datas/séculos estudados (Anexo7-nº31); experiencias executadas em contexto de sala, como por ex: a confeção de pega-monstros (Anexo7-nº32) e na demonstração

das diversas funções da pele (Anexo7-nº33); outra estratégia utilizada para desenvolver a atenção, a memorização e espírito crítico dos alunos foi a visualização de vídeos (Anexo7-nº34). Foram também proporcionados momentos de aprendizagem contemplando as expressões artísticas (Anexo7-nº35), nomeadamente a expressão dramática, através de uma representação sobre “Os Povos que invadiram a Península Ibérica” (Anexo 18 Reflexão 10.11.2012 e Anexo 7-nº36).

Foram ainda apresentados cartazes (Anexo7-nº37) e mapas (Anexo7-nº38), com o objetivo de elucidar e captar a atenção dos alunos; jogos como por ex: “Vamos formar números” (Anexo 7-nº39), jogo de rifas (Anexo 7-nº40), com a intenção de trabalhar várias noções matemáticas ou ainda “ Vamos descobrir os diferentes tipos de frase” (Anexo7-nº41); músicas como por ex:“Afonso nasceu valente”, de modo a tornar este conteúdo de história mais atrativo; construção da árvore genealógica da 2ª Dinastia (Anexo7-nº42), com o intuito de os alunos relembrem o conceito e completarem-na ao mesmo tempo que iam adquirindo os conhecimentos. Foram escolhidos textos que possibilitaram não só a abordagem dos conteúdos estabelecidos mas que ao mesmo tempo cativassem o interesse dos alunos (Anexo14-Planificação 3.12.2012), entre outras atividades igualmente importantes. Para um melhor entendimento da matéria lecionada, recorreu-se também ao uso do Powerpoint (Anexo7-nº43), com vista a estabelecer o diálogo entre professor-aluno e aluno-aluno e ainda, dar a possibilidade ao professor de questionar o aluno e de sistematizar a matéria dada.

Os alunos aderiram muito facilmente a todas atividades propostas, no entanto, é de referir o particular interesse e entusiasmo relativamente aos jogos, que tanto permitiram trabalhar as várias noções Matemáticas, como o estudo da Língua Portuguesa ou ainda do Estudo do Meio.

Assim, “penso que estas atividades, em que são utilizados novos recursos, geram um maior nível de motivação, atenção e empenho dos alunos, o que as torna mais interessantes para a turma, resultando assim num maior sucesso das aprendizagens” (Anexo18-Reflexão 23.11.2012). Também foram pensadas estratégias para uma gestão eficaz da disciplina, assim, durante a prática pedagógica, proporcionaram-se diferentes atividades de modo a que os alunos se sentissem motivados e interessados pelo tema a estudar, realizando as tarefas propostas, com mais interesse e envolvimento. Em todas as intervenções, foram promovidos, não só trabalhos individuais como também em grupo, permitindo uma aprendizagem

cooperativa, ou seja, uma relação em que existe o contacto com outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e reagir.

No que concerne à interação escola-família, no contexto de Educação Pré-Escolar foram utilizados meios que proporcionassem essa interação, como por exemplo, o e-mail; o contacto diário que se estabelecia com os pais, quando vinham trazer as crianças ao centro, em dias festivos como o dia do pai e o dia da mãe (Anexo 7-nº44), quando os pais foram convidados a participar nas atividades do projeto “O Espaço” (Anexo7-nº45) e ainda o contacto com os pais da criança envolvida no portfólio (Anexo 22-Comunicação aos pais), porque, “A participação de outros adultos [...] pais, outros membros da comunidade, na realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador é uma forma de alargar as interações das crianças e de enriquecer o processo educativo” (Ministério da Educação, 1997:27), assim, de modo a possibilitar o contacto entre escola-família.

Cabe também ao professor estabelecer contactos entre a escola-família, deste modo, criaram-se momentos, em que foram estabelecidas essas interações, tais como: reunião de pais em que foi possível a presença de toda a equipa pedagógica; construção de um jogo que permitiu contribuir para a interação entre uma avó de uma aluna e a turma (Anexo7-nº46); nas entradas e saídas da escola; através do e-mail da turma e ainda na comunicação indireta, através de trabalhos pedidos aos alunos, que exigia a interação de um familiar (Anexo 23-Entrevista “o passado local”), a entrega de panfletos à qual foi pedida a divulgação dos mesmos aos pais e irmãos; a colaboração de uma mãe em trazer ossos do corpo humano, para que a turma os pudesse visualizar e os comparar entre si; na recolha de imagens e outras pesquisas pedidas; fomentou-se também uma atividade que constava na construção de um poema sobre o colega do lado, com o objetivo de contribuir para o livro de recordações que cada um terá no final do ano, visto ser um 4ºano (Anexo7-nº47); entre outros momentos igualmente importantes.

A interação com a Instituição na EPE, fez-se sobretudo em dias festivos, como por exemplo, no dia da criança, em que foi feito um teatro com as educadoras das diferentes salas da instituição (Anexo7-nº48), ou ainda em reuniões de planificação em que a equipa pedagógica (Educadoras de creche e jardim-de-infância) se reunia para tratar de assuntos relacionados com a instituição. Ao nível do 1ºCiclo do Ensino Básico a mesma interação, realizou-se em momentos festivos (Anexo7-nº49), como dia da alimentação, preparação do dia da escola, o magusto, festa de natal e no dia dos reis. É importante referir, que existiu sempre a preocupação de estabelecer estes

contactos, mas por ser uma escola agrupada, ou seja, relativamente numerosa, não houve muitas oportunidades para dinamizar estes momentos, optando-se algumas vezes por as realizar em sala de aula.

3.2.4. Avaliar

Relativamente à Avaliação, esta “é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas” (Ministério da Educação, 2002:9), assim, nos dois contextos, foi contemplada a avaliação diagnóstica e a formativa, com o intuito de conhecer as crianças/alunos, adequar o processo educativo às necessidades e interesses dos mesmos, assim como, perceber os progressos ao longo do processo ensino-aprendizagem. No entanto, ao nível do 1º ciclo do ensino básico, também a avaliação sumativa tem um importante papel no processo ensino-aprendizagem. No início da prática pedagógica, a avaliação diagnóstica foi a mais utilizada, porque,

“tem em vista a caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da ação educativa.” (Circular nº4/DGIDC/DSDC/2011).

Nos dois contextos, numa primeira fase, recolheram-se informações sobre o grupo/turma e de cada criança/aluno em particular, através da observação direta e participante, conversas informais com a equipa pedagógica e ainda a partir das fichas individuais das crianças/tabelas de dados dos alunos. Após um conhecimento mais detalhado sobre o grupo/turma, ou seja, os conhecimentos, interesses e capacidades de cada criança/aluno, avaliou-se numa perspetiva formativa.

Assim, no contexto de Educação Pré-Escolar, este tipo de avaliação regulou e orientou a ação educativa, de modo a responder às necessidades das crianças e acompanhar todo o processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo da prática pedagógica, a avaliação das crianças foi feita essencialmente, através da observação direta, como já referido anteriormente, utilizando como recursos, diferentes formas de registo, como o registo fotográfico, permitindo avaliar o desenvolvimento da criança nas diferentes atividades, assim como registos de incidentes críticos, que permitiram registar comportamentos, atitudes e

conhecimentos entendidos como importantes neste processo (Anexo 8a-registos de incidentes críticos) e ainda os quadros de investigação (Anexo24-Quadros de investigação) e as teias de projeto (Anexo25-teia de projeto) que foram uma mais valia na progressão e evolução das aprendizagens e comportamentos deste grupo de crianças.

Deste modo, os dados de observação que se foram recolhendo, foram utilizados para avaliar as aprendizagens conseguidas por cada uma das crianças, as relações socio-afetivas, as atitudes/comportamentos, ou ainda, alguns aspetos da sua personalidade. A participação das crianças na avaliação, foi também um objetivo do educador, de modo a proporcionar situações de reflexão por parte das crianças, porque,

“a avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.” (Despacho nº 5220/97, de 4 de Agosto).

Assim, durante a prática, utilizou-se um processo de planear-fazer-rever, porque “ao fazer planos diários, ao segui-los e, depois, ao relembrar aquilo que fizeram, as crianças pequenas aprendem a articular as suas intenções e a refletir sobre as suas ações”, permitindo-lhe também que ajam com intencionalidade e recriem as suas experiências (Homann e Weikart, 2009, p.247) (Anexo17-Portfólio reflexivo “O trabalho de Projeto).

A introdução do portfólio da criança permitiu a cada uma avaliar e refletir sobre o seu desempenho em determinadas tarefas e sobre o processo que utilizaram na concretização da atividade e sobre a evolução sentida na revisão do seu portfólio (Anexo 26). De acordo com Zabalza (2000), os pais têm também um importante papel na avaliação das aprendizagens das crianças na medida em que não podem apenas ser vistos como recetores dos resultados da avaliação, mas também como participantes de forma colaborativa no processo. Assim, durante a prática, a colaboração dos pais em atividades sobre o projeto constituíram aprendizagens significativas para o grupo, sendo feita posteriormente uma avaliação dessas mesmas aprendizagens. A avaliação, particularmente no 1º ciclo do ensino básico centra-se “na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente nas diferentes áreas que o currículo integra” (Ministério da Educação, 2004:24).

De acordo com o Currículo do 1ºCiclo do Ensino Básico, o professor deve organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados, adequados às diferentes formas de aprendizagem. Na avaliação dos alunos, a observação direta foi fundamental para verificar os seus conhecimentos e as dificuldades sentidas na realização das tarefas, desta forma, foram utilizadas estratégias que contribuíram para a avaliação diagnóstica e formativa dos alunos, como por exemplo, “intervim no final da manhã, como planeado, com o objetivo de promover um jogo em grupo, “procura a resposta certa”, de modo a consolidar e avaliar a matéria dada durante a semana (a pele e os primeiros socorros)” (Anexo18-Reflexão20.10.2012). Também com o objetivo de realizar a avaliação formativa, no final de algumas atividades era dado um tempo aos alunos para a realização de fichas, assim, “após a discussão do vídeo foram dados alguns minutos para a execução da ficha/guião do vídeo, seguindo-se a sua correção” (Anexo18-Reflexão-10.11.2012).

É importante que o professor diversifique os instrumentos de avaliação, pois permitem-lhe saber onde residem as dúvidas e necessidades dos alunos e assim, procurar novas estratégias que promovam uma melhor aprendizagem dos conteúdos.

Outro dos instrumentos utilizados para a avaliação, foi o relatório síntese de aprendizagens, que contribuiu para avaliar as características, comportamentos e capacidades de um aluno, antes e após a intervenção (Anexo11). Também à semelhança do contexto da Educação Pré-Escolar, também no 1ºCiclo, os portfólios tiveram uma boa influência na avaliação das aprendizagens dos alunos, não só para o adulto, assim como para os próprios alunos, como elemento de auto-avaliação (Anexo7-nº50). Foi elaborado também um dossiê “O nosso Passado”, onde foram colocados os trabalhos elaborados pelos alunos, sobre temas abordados na área curricular de Estudo do Meio-O passado local e o passado nacional (Anexo7-nº51). Este foi construído, não só com o objetivo de os alunos terem um instrumento de trabalho conjunto, como poderem consultá-lo sempre que necessitarem, de modo a relembrem conteúdos, a fazerem uma retrospectiva sobre os trabalhos elaborados, de modo a fazerem a sua auto-avaliação e ainda uma hétero-avaliação, aos trabalhos dos colegas. A confeção do dossiê partiu das ideias dos alunos, assim como votações que foram realizadas para que este trabalho fosse o mais consensual possível.

Há ainda a referir, atividades de avaliação diagnóstica (Anexo18-27.10.12), fichas de avaliação formativa (anexo28), trabalhos de casa, trabalhos elaborados por iniciativa própria (Anexo10); grelhas de avaliação da leitura (Anexo29), cadernos diários, entre outros instrumentos igualmente importantes. Relativamente à avaliação

sumativa, apenas se observou um momento em que os alunos estavam a realizar a mesma, no entanto, não se proporcionou a construção de nenhuma ficha de avaliação sumativa.

No que concerne às reflexões, estas também foram um útil instrumento de avaliação, pois permitem ao professor pensar e ajustar a sua prática, atendendo às intervenções realizadas, e às estratégias utilizadas, porque ser professor é, de acordo com Alarcão (2001:6), ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona. Assim, os professores devem utilizar a avaliação, como um elemento essencial no feedback do seu trabalho, pois permite-lhes ajustar constantemente as suas planificações aos níveis e necessidades manifestadas pelos seus alunos.

Tendo em conta o processo educativo, é importante referir que as reuniões de planificação e de avaliação com a Educadora Cooperante/Professora Cooperante e as orientações das Supervisoras de Estágio, proporcionaram à estagiária uma reflexão sobre a sua intervenção, de modo a melhorar a sua prática nas semanas seguintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo este capítulo o término do relatório há lugar a uma análise e reflexão crítica das experiências de estágio em Educação Pré-escolar e em 1º Ciclo do Ensino Básico.

Estes meses de prática pedagógica conferiram-me uma “bagagem” profissional e pessoal bem robusta, dada a necessidade latente de aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico e desenvolver competências, resolver problemas, superar obstáculos e aprender a encarar as contrariedades como mais-valias na aprendizagem.

Num primeiro momento foi importante proceder à análise dos documentos de cada uma das instituições, de modo a agir em conformidade com os ideários e valores de cada uma, sendo indispensáveis à qualidade do trabalho a realizar.

Durante o estágio foi possível, nos dois contextos, observar, planear e avaliar as atividades realizadas pelas crianças.

Em EPE houve “a preocupação de respeitar os seus ritmos, auxiliá-las e esclarecê-las sempre que têm dúvidas e orientá-las na realização das tarefas, interpretando as suas manifestações e comportamentos” (Portfólio reflexivo-As

relações interpessoais), tendo em conta a diferenciação pedagógica, porque nenhuma criança é igual à outra e assim, ao longo deste estágio, agiu-se sempre em função dessa perspectiva, acompanhando o percurso de cada criança como ser único e individual.

No que diz respeito ao 1ºCiclo do Ensino Básico, posso afirmar que,

“o que planeio ou penso que poderia resultar numa aula, nem sempre resulta como gostaria, mas de facto esforço-me e trabalho para que as atividades sejam do interesse dos alunos, que cumpram os objetivos, possibilitem a diferenciação pedagógica, sejam interdisciplinares e inovadoras” (Reflexão 10.11.2012).

Durante a prática, nos dois contextos, foi sempre assumida uma atitude crítica construtiva, identificando os pontos fortes e fracos, vendo os últimos como oportunidades para melhorar e intervir ao longo da prática.

Relativamente à organização do ambiente educativo, houve também uma preocupação constante, ao longo dos dois estágios, em criar espaços acolhedores e do interesse das crianças/alunos, de modo a proporcionar-lhes aprendizagens significativas.

No que concerne à EPE, refere-se que,

“no início do estágio, uma das dificuldades sentidas, foi saber qual a melhor forma de agir nos momentos em que as crianças se zangavam umas com as outras e vinham pedir ajuda para a resolução dos seus conflitos. Com o apoio da equipa pedagógica e o crescente envolvimento com as crianças, sinto cada vez mais facilidade em atuar, em fazer com que as crianças sejam mais participativas e ativas no processo de resolução dos seus problemas. Pude já observar que, “as crianças começam por perceber como respeitar as necessidades dos outros, ao mesmo tempo que resolvem as suas. Começam também a ver que há frequentemente mais do que uma versão certa numa disputa, que os sentimentos dos outros são importantes” (Hohmann e Weikart, 2009:615), sendo enriquecedor na minha aprendizagem, observar as evoluções das crianças e das suas aprendizagens.” (Reflexão – As relações Interpessoais).

Outra das limitações sentidas foi o pouco tempo disponível para a realização das atividades, isto porque as crianças tinham outras ocupações exteriores à sala, como por exemplo natação, inglês, futebol/dança, entre outras, o que exigia uma melhor gestão do tempo.

Relativamente ao contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico a maior dificuldade foi, no início, pensar em estratégias que para além de cumprirem os conteúdos pretendidos pela Professora Cooperante e exigidos pelo programa, fossem ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos. Assim, o facto de a turma ser muito heterogénea, constituída por alunos com um nível de conhecimento extremamente avançado e ao mesmo tempo alunos que necessitavam de um maior acompanhamento, constituiu um fator de maior exigência ao nível do planeamento e

intervenção. Neste sentido, foi explorada uma vertente mais lúdica, nos momentos de leccionação dos conteúdos programáticos, utilizando recursos materiais e estratégias diversificadas que possibilitassem a participação de todos os alunos. Outra dificuldade sentida esteve relacionada com a avaliação no 1ºCiclo do Ensino Básico, uma vez que são vários os instrumentos que se podem utilizar para avaliar os alunos, tornando-se assim difícil seleccionar o mais adequado.

No entanto, perante as dificuldades sentidas, nos dois contextos, foram sempre utilizadas estratégias que permitissem ultrapassá-las, procurando-se ajuda na bibliografia disponibilizada, nos saberes e experiências das Supervisoras da ESEPF e das Educadora e Professora das instituições onde decorreram as práticas, ou ainda através dos seminários, reflexões escritas entre outros.

É de referir como mais-valia, em ambos os contextos, poder trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Especiais. Na valência de EPE, foi importante a presença de uma criança com autismo, que apresentava dificuldades de linguagem e de relacionamento com o grupo, facto que impulsionou a pesquisa e consequente aquisição de novos conhecimentos e competências, sempre com o intuito de agir em conformidade com a situação. Foi gratificante verificar que ao longo do estágio esta criança evoluiu significativamente ao nível das diferentes interações (criança-criança; criança-grupo; criança-adulto). No 1ºCiclo do Ensino Básico teve-se a possibilidade de contactar com um aluno com dificuldades de aprendizagem, que necessitava de muita atenção por parte da equipa pedagógica na realização das atividades propostas. É de referir que a presença da professora de Ensino Especial deixava de se verificar quando as estagiárias estavam a intervir.

O recurso a estratégias diversificadas, de qualidade, ajustadas e que fossem ao encontro das necessidades e interesses do grupo/turma, foi uma das principais finalidades deste estágio, assim como o garantir do papel ativo das crianças/alunos em todas as atividades.

Considerando que a sala de EPE, onde decorreu o estágio, era constituída por vinte crianças, muitas delas com dificuldades de atenção e concentração e uma criança autista, foi exigido um cuidado extra. Pelas características do grupo foi sendo necessário arranjar estratégias e adaptar metodologias para que todos se envolvessem de uma forma mais participativa nas atividades propostas. Também na valência de 1ºCEB foi importante que o professor utilizasse estratégias que promovessem a participação ativa dos alunos, que fossem ao encontro dos seus interesses e tivessem em conta a diferenciação pedagógica. À semelhança do que

refiro na valência de EPE, considera-se que ter um aluno com NEE é sempre uma mais valia na prática de um professor.

Considerou-se de extrema importância, em ambas as valências, envolver as/os crianças/alunos em aprendizagens lúdicas, porque estas desenvolvem capacidades e promovem múltiplas interações. Houve a preocupação de proporcionar à criança/aluno um papel ativo na construção do seu próprio desenvolvimento, crescimento e aprendizagem, respeitando e valorizando as características individuais e do grupo.

No dia à dia foram sendo manuseados diversos objetos e materiais, de forma a estimular a criatividade de cada criança/aluno e ainda com o objetivo de promover o "aprender brincando". Assim, a turma do 4ºano, mostrava interesse em participar em jogos de grupo e ainda estabelecer regras para os mesmos, deste modo,

“no início do jogo, um aluno perguntou-me: “Professora Joana, podemos dar nomes ao grupo das perguntas e das respostas?”, achei interessante e respondi que sim. De imediato o aluno disse “o grupo das respostas é – Resposta na ponta da língua, e o das perguntas – Que pergunta?. [...], no mesmo jogo, um aluno perguntou-me: “Professora Joana, podemos ler a pergunta de uma outra forma?”, exemplificando a leitura da pergunta, com uma entoação diferente” (Reflexão dia 20.10.2012).

Estes factos permitiram identificar que é de extrema importância sermos flexíveis e utilizar as ideias dos alunos, sobretudo quando estas podem introduzir aprendizagens e simultaneamente envolve-los. Este tipo de contribuição e participação na execução da mesma acaba por enriquecer a atividade. Foram também proporcionadas oportunidades de descontração, como por exemplo o uso de uma canção (Afonso nasceu valente), que é a prova de que é simples aliar a uma aprendizagem um momento de diversão/humor que, à semelhança de outras do género, propiciam um melhor desempenho dos alunos no decorrer da aula.

A metodologia seguida durante a prática pedagógica de EPE foi o trabalho de projeto, onde as crianças tiveram uma aprendizagem ativa, sendo incentivadas a fazerem as suas próprias escolhas e a tomar decisões em colaboração com o grupo, por isso, “ao longo deste projeto, preocupei-me em acompanhar as crianças nas suas conquistas, descobertas, dando-lhes espaço para experimentarem, errarem e sobretudo para aprenderem consigo mesmas” (Anexo, portfólio reflexivo – o trabalho de projeto).

O que ficou atrás descrito ilustra o decorrer destas duas experiências de estágio, onde se privilegiou o construtivismo, havendo sempre uma preocupação em promover a construção do conhecimento pelas crianças/alunos, onde estas tivessem um papel tão ativo quanto possível.

Nos dois contextos, a interdisciplinaridade foi contemplada, com a constante preocupação em construir o saber de forma articulada, considerando sempre a não existência de áreas estanques e a necessidade de trabalhar diferentes conteúdos e realizar atividades interessantes e do agrado dos alunos, através de uma abordagem globalizante e integrada.

Na intervenção educativa, foi também importante a colaboração/participação da família na atividade escolar e na colaboração em iniciativas da instituição. Assim, na valência de EPE, foi relevante poder constatar o envolvimento das famílias não só no desenvolvimento e processo de aprendizagem das crianças mas sobretudo nas atividades do projeto, contribuindo para o sucesso das mesmas. Deste modo, a título de exemplo, pode-se referir “a visita de dois pais, tendo um falado sobre os movimentos da Terra (rotação e translação) utilizando um jogo para maior perceção por parte das crianças e o outro pai falou ainda sobre os astronautas (alimentação e deslocação no espaço)”. No 1ºCiclo do Ensino Básico, também este envolvimento foi tido em consideração, nomeadamente na colaboração de trabalhos pedidos aos alunos, por exemplo, num questionário que fizeram sobre “o passado do meio local” e ainda em pesquisas e desafios propostos. Foi também proporcionado um momento em que,

“fui à escola entregar um jogo de gelosia, numa dimensão maior do que a que promovi na sala, de modo a que na sexta-feira, dia do aniversário da escola, os alunos realizassem uma atividade com a Avó de um aluno. Gostei de realizar esta atividade, pois embora não pudesse estar presente [...], pude participar na confeção deste jogo (Reflexão dia 10.11.2012).

Este estágio permitiu uma avaliação do ambiente educativo, dos processos educativos adotados, para além do desenvolvimento e aprendizagens de cada criança/aluno e do grupo/turma, já que foi possível verificar a evolução destes ao nível de diferentes saberes, como saber ser; saber-estar; saber-fazer.

Ao longo da prática pedagógica, houve a possibilidade de participar no processo planear-fazer-rever, verificando-se uma evolução significativa neste processo. No início do estágio em EPE, constatou-se que as crianças manifestam interesse nas três fases do processo, no entanto quando se encontravam nos níveis de planear e rever, foi visível a necessidade de um maior acompanhamento. Assim, um dos objetivos foi

"contribuir para que estes momentos se tornassem mais frequentes, de modo a que as crianças desenvolvessem o seu sentido crítico, expressando melhor as suas intenções e que acima de tudo se sentissem confortáveis e capazes de refletir sobre as suas ações." (Reflexão – A Importância de Planificar com as crianças).

No final do estágio, foi gratificante comprovar que “os progressos foram notórios, ganharam autonomia, a capacidade para planificar e dar ideias foi crescendo, assim como se tornaram mais capazes de refletir e avaliar as suas aprendizagens.” (portfólio reflexivo – O Trabalho de Projeto).

No que concerne ao 1ºCiclo do Ensino Básico, estes momentos foram constantes e muito apreciados pelos alunos. Por tratar-se de um 4º ano e por ser um grupo muito ativo e participativo, como referido em capítulos anteriores, este processo de planear-fazer-rever teve mais sentido tanto para os alunos como para os adultos. O facto de ser uma turma muito heterogénea facilitou o desenvolvimento deste processo, em que os mais ativos possibilitavam aos outros um maior empenhamento e gosto em participar. Este momento de rever/refletir foi importante, pois aumentou o sentido crítico, a interação e ainda promoveu o poder de argumentação de cada um.

Nestes estágios, teve-se a possibilidade de observar e estabelecer interações com os alunos nos diferentes espaços e contextos exteriores às instituições, como por exemplo, a visita de estudo ao Planetário, no contexto de EPE, e à Sé do Porto e ao seu meio envolvente, em contexto do 1ºCEB.

Durante este processo houve um contributo valioso da Educadora Cooperante, Professora Cooperante e das Supervisoras de estágio, que possibilitaram uma reflexão constante e adaptação sistemática durante toda a prática, sempre com o intuito de melhorar a intervenção educativa, de modo a criar aprendizagens significativas e promotoras de sucesso.

Ao longo dos estágios, manteve-se sempre um bom relacionamento entre os vários elementos da equipa educativa, que contribuíram para uma permanente cooperação na realização e execução das tarefas. É ainda de realçar as provas de carinho e empatia que as crianças/alunos me proporcionaram e demonstraram ao longo dos dois estágios. No contexto de EPE manifestavam grande proximidade e carinho porque ao “chamarem-me Joana e abraçarem-me quando chego ao centro de estágio são também manifestações de carinho que me fazem sentir querida entre as crianças”. Ao nível do 1ºciclo foi interessante um comentário de duas alunas “Professora Joana, para o ano vais para que escola? [...], vem para Paranhos por favor nós vamos para lá [...]" (Reflexão – A primeira intervenção). É bom lecionar mas comentários como este motivam e proporcionam uma maior entrega.

É assim de referir que as expectativas criadas no início do estágio, adquirir conhecimentos e experiências enriquecedoras para que no futuro possa ter as competências necessárias para ser uma boa Educadora e Professora, foram

alcançadas através de uma partilha diária com estes grupos, partilha essa que possibilitou experiências muito ricas e fundamentais na prática pedagógica e um crescimento a nível pessoal, social e profissional, porque “o desenvolvimento profissional é uma caminhada que envolve crescer, sentir e agir. Envolve crescimento, como o da criança, requer empenho, com a criança, sustenta-se na integração de conhecimento e da paixão” (Oliveira, 2002:49).

Por tudo o que atrás foi exposto, todos os intervenientes no processo educativo promoveram, de alguma forma, aprendizagens e memórias, que contribuíram e contribuirão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática pedagógica.

É de destacar, quer no contexto de Educação Pré-Escolar, quer no contexto do 1ºCiclo do Ensino Básico, a importância das reflexões. Como futura profissional de Perfil generalista, senti a importância de repensar as estratégias a utilizar, não só para respeitar os interesses e necessidades de cada criança/aluno mas também como forma de intervir adequadamente no processo ensino-aprendizagem.

Assim, os dois estágios foram, ao mesmo tempo, desafiadores e gratificantes, porque permitiram desenvolver diferentes competências e saberes, tendo sempre em atenção os interesses e necessidades do grupo/turma, o que possibilitou uma interação constante com as crianças/alunos, através da observação e planificação e exigindo uma reflexão permanente sobre a sua intervenção educativa.

Entre as motivações sentidas ao longo dos dois estágios, pode-se evidenciar o bom relacionamento com toda a equipa pedagógica e crianças/alunos, o sucesso de muitas atividades dinamizadas, ou ainda, as dificuldades sentidas em outras atividades menos conseguidas, mas que levaram a um maior empenho nas intervenções seguintes, com o reforço positivo dos diversos intervenientes no processo educativo. Assim, “no que diz respeito à minha motivação, considero que é máxima, porque quando estamos envolvidos em algo de que gostamos e que nos preenche, a nossa motivação cresce, facilitando a criação de atividades enriquecedoras, que conseqüentemente geram entrega e entusiasmo nos alunos” (Anexo Reflexão dia 23.11.2012). Nos dois estágios houve entrega, paixão e energia, ingredientes indispensáveis para que tudo acontecesse.

O facto de as práticas pedagógicas terem sido realizadas em contextos distintos conferiu a possibilidade de contacto com realidades distintas, com especificidades próprias, mas também com semelhanças! Este dado permitiu concluir que quer em EPE quer no 1ºCiclo do Ensino Básico,

“a minha reflexão por si só não é suficiente para o processo de libertação. Nós precisamos (...) de transformar a realidade em que estamos inseridos. Mas, para

transformar a realidade, para desenvolver a minha ação sobre a realidade, transformá-la, é necessário conhecer essa mesma realidade. Em função disto, a minha praxis é, necessária e constantemente, a unidade entre a minha acção e a minha reflexão” (Freire, 1974:26 cit Macedo et al, 2001:133).

Resumindo um pouco o descrito atrás, exige-se que um docente de perfil generalista seja um profissional em análise e reflexão contínua, flexível, capaz de impulsionar o seu próprio desenvolvimento profissional e de refletir sobre as necessidades do grupo/turma, sem se abstrair do contexto em que esta inserido, e considerando sempre as competências adquiridas pelos mesmos, nas etapas anteriores ou ainda as necessárias para as etapas seguintes. A um futuro docente generalista será solicitada uma perspectiva global, assente numa linha de atuação pautada pela articulação entre os dois ensinos e orientada para a realização de atividades dentro e fora da escola, com a colaboração de todos os intervenientes no processo educativo. O principal objetivo será facilitar a transição entre EPE e o 1ºCEB.

Houve por isso, ao longo de toda a prática educativa, uma intencionalidade educativa, baseada numa prática reflexiva, em que foram respeitados os princípios de uma aprendizagem participativa e ativa, recorrendo-se a metodologias e a pedagogias que evidenciavam a criança/aluno como construtoras do seu próprio conhecimento.

Como futuro profissional, pretende-se privilegiar ao longo da profissão, a criança/aluno como o centro do processo educativo, possibilitando uma participação ativa, para assim responder aos seus saberes, às suas necessidades, aos seus interesses, às suas competências, atendendo à diferenciação pedagógica, seguindo sempre um caminho construtivista.

Este percurso foi uma caminhada e nesta caminhada, pretendeu-se atingir o maior número de experiências possíveis, para que no futuro se esteja preparado para responder a todas as exigências e às eventualidades que possam surgir.

No futuro, como Educador e Professor do 1ºCiclo do Ensino Básico, pretende-se ser um investigador ativo e reflexivo, porque educar exige, ao mesmo tempo, criatividade, flexibilidade, sensibilidade, e de acordo com Freire (cit Macedo et al, 2001:132), é preciso que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria prescindia da formação científica e da clareza política dos educadores e professores do 1º ciclo do ensino básico. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, “a tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica [...], exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece” (Nóvoa, cit Macedo, 2001:122).

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, I. (2001), Professor-Investigador: Que Sentido? Que Formação?, *Revista Portuguesa de Formação de Professores*, vol.1, p.15-24
- ANTUNES, M. (2001), *Teoria e Prática Pedagógica*, Lisboa, Instituto Piaget.
- ARENDS, R. (2008), *Aprender a Ensinar*, Madrid, McGraw-Hill.
- BECKER, F. (1992), *Epistemologia subjacente ao trabalho docente*, Porto Alegre.
- BECKER, F. (2001), *Educação e construção de conhecimento*, Porto Alegre, Artmed Editora.
- BELL, J. (1997), *Como Realizar um Projecto de Investigação – Um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994), *Investigação Qualitativa em Educação: uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto, Porto Editora.
- CABANAS, J. (2002), *Teoria da Educação. Concepção antinómica da educação*, Porto, Edições Asa.
- CARITA, A. e Fernandes, G. (1997), *Indisciplina na sala de aula*, Lisboa, Editorial Presença.
- CARMO, H; FERREIRA, M. (1998), *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta
- COLL, C. et al (2001). *O construtivismo na sala de aula: Novas perspectivas para a acção pedagógica*, Porto, Edições Asa.
- CORREIA, L. (2003), *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais – Um guia para educadores e professores*, Porto, Porto Editora.
- CORTESÃO, L. (1998). *O arco-iris na sala de aula? Processos de organização de turmas: Reflexões Críticas*. Lisboa, Instituto de inovação Educacional.
- CORTESÃO, L. (2000). *Ser professor: um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre as práticas educativas face à diversidade, no limiar do séc XXI*. Porto, Edições afrontamento.
- CRAVEIRO, C. (2007). *Formação em Contexto – Um Estudo de Caso no âmbito da Pedagogia da Infância*; Dissertação De Doutoramento em Estudos da Criança, Braga, Instituto de Educação da Universidade do Minho.
- DAMAS, M. (1985), *Observar para avaliar*, Coimbra, Almedina.
- ESTRELA, M. (2000), *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*, Porto, Porto Editora.
- FOSNOT, C. (1996), *Construtivismo e Educação – Teoria, Perspetivas e Prática*, Lisboa, Coleção Horizontes pedagógicos.
- FREIRE, P. (1979), *Conscientização – Teoria a prática da libertação, Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, São Paulo, Cortez e Moraes.
- GARDNER, H. (1995), *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*, Porto Alegre, Artes Médicas.
- HOHMANN, M. e WEIKART, D. (2009), *Educar a Criança*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- KATZ, L. e CHARD, S. (1997), *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G. e BOUTIN, G. (2005), *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas* (2ª edição), Lisboa, Instituto Piaget.
- LOPES, A. (2003), *Projecto de gestão flexível do currículo: Os professores num processo de mudança*, Lisboa, Ministério da Educação.
- MACEDO, E. et al, (2001). *Revisitando Paulo Freire: Sentidos na Educação*, Porto, Edições Asa.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa, Ministério da Educação.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2002), *Avaliação das Aprendizagens, das Concepções às Práticas*, Lisboa, Ministério da Educação.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2004), *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1ºCiclo*, Lisboa, Ministério da Educação
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2002), *O Desenvolvimento Profissional das Educadoras de Infância: entre os Saberes e os Afectos, entre a Sala e o Mundo*, Porto, Porto Editora.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (org), (1996), *Educação Pré-Escolar, a Construção Social da Moralidade*, Lisboa, Texto Editora.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (org.) (2007), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância - Construindo uma Práxis de Participação*, Porto, Porto Editora.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2011), *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*, Porto, Porto Editora.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. e GAMBÔA, R. (2011), *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*, Coleção Infância, Porto, Porto Editora.
- PAPÁLIA, D., OLDS, S. e FELDMAN, R. (2001), *O Mundo da Criança*, São Paulo, McGraw-Hill.
- PARENTE, C. (2002), *Observação: Um Percorso de Formação, Prática e Reflexão*. In Formosinho, J. (Org), *A supervisão na formação de Professores I: da sala à escola*, Porto, Porto Editora.
- PASCAL, C. e Bertram, A., et al., (1998). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*, Porto, Porto Editora.
- PACHECO, J. (2001), *Currículo: Teorias e Praxis*. Porto, Porto Editora
- PERRENOUD, P. (2000), *Dez Novas Competências para Ensinar*, Porto Alegre, Artmed Editora.
- POMBO, O. (2004), *Epistemologia da interdisciplinaridade*, in PIMENTA, C., *Interdisciplinaridade, Humanismo* Universidade, Porto, Campo das Letras, 93-124
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT L. (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- ROCHA, F. (1988), *Correntes Pedagógicas Contemporâneas*, Aveiro, Livraria Estante Editora.
- RODRIGUES, A. (2005), *O Papel do Professor na Dinâmica da Aula*, Aveiro, [s.n].
- ROLDÃO, M. (1999), *Os professores e a gestão do currículo: Perspectivas e práticas em análise*. Porto, Porto Editora.

- SÁ-CHAVES, I. (2004), *Portfólios Reflexivos: Estratégia de Formação e de Supervisão*. 2.edição, Aveiro, Universidade.
- SANCHES, I. (2001), *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*, Porto, Porto Editora.
- SERRA, C. (2004), *Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1ºCiclo Ensino Básico*, Coleção Educação, Porto, Porto Editora.
- SPODEK, B. e SARACHO, O. (1998), *Ensinando Crianças de Três a Oito anos*, Porto Alegre, Artmed.
- VASCONCELOS, T. (1997), *Ao Redor da Mesa Grande – A Prática Educativa de Ana*, Porto, Porto Editora.
- VASCONCELOS, T. (2007), A Importância da Educação na Construção da Cidadania, *Saber (e) Educar*, Porto, nº12, 109-117
- VIEIRA, H. (2000), *A Comunicação na sala de aula*, Lisboa, Editorial Presença.
- ZABALA, A. (1998), *A Prática Educativa: Como ensinar*, Porto Alegre, Artmed.
- ZABALA, A. (2002), *Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar*, Porto Alegre, Artmed.
- ZABALZA, M. (1996), *Qualidade em Educação Infantil*, Porto Alegre, Artmed.
- ZABALZA, M. (1998), *Os dez Aspectos-Chave de uma Educação Infantil de Qualidade*, Porto Alegre, Artmed.

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei 137/2012, de 2 de Julho
Circular nº 4/DGIDC/DSDC/2011
Decreto-Lei nº240/2001, de 30 de Agosto
Decreto-Lei n.241/2001, de 30 de Agosto
Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de Julho
Despacho nº 5220/97, de 4 de Agosto
Despacho nº24-A/2012

Anexos

Índice de Anexos

Anexo 1 - Tabela de Análise das Fichas de Anamnese – Educação Pré-Escolar:

Anexo 2 – Gráfico de Identificação quanto ao género – Educação Pré-Escolar

Anexo 3 – Gráfico relativo ao número de irmãos de cada criança – Educação Pré-Escolar

Anexo 4 – Gráfico – Habilitações Académicas dos Pais e Encarregados de Educação – Educação Pré-Escolar

Anexo 5 - Tabela de Análise de dados sobre os alunos do 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 6 – Tabela de Habilitações académicas dos Pais/Encarregados de Educação- 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 7 – Registos Fotográficos

Anexo 8a – Registos de Incidentes Críticos – Educação Pré-Escolar

Anexo 8b – Registos de Incidentes Críticos – 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 9a – Descrição Diária – Educação Pré-Escolar

Anexo 9b - Descrição Diária – 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo 10 – Atividades realizadas por iniciativa dos alunos – 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo 11 – Relatório Síntese de Aprendizagens no 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 12 – Planificação com as Crianças na Educação Pré-Escolar

Anexo 13 – Planificações Semanais – Educação Pré-Escolar

Anexo 14 – Planificações Semanais no 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 15 - Planificação Mensal - 4º Ano do 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 16 - Ata elaborada pelos alunos sobre a “reunião” Políticos por um dia.

Anexo 17 – Portfólio Reflexivo - No contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 18- Portfólio Reflexivo – 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 19 – Avaliações no contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 20 – Rede Curricular

Anexo 21 – Instrumentos de Organização Social no contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 22 – Carta dirigida aos Pais – Contexto de EPE

Anexo 23 – Entrevista aos Pais/Encarregados de Educação – 1ºCiclo do Ensino Básico

Anexo 24 – Quadros de Investigação no contexto de Educação Pré-Escolar

Anexo 25 - Teia de Projeto “O Espaço” – Educação Pré-Escolar

Anexo 26 – Registos de Portfólio da Criança no contexto Educação Pré-Escolar

Anexo 27 – Avaliação das crianças – Educação Pré-Escolar

Anexo 28 – Fichas de Avaliação Formativa – 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo 29 - Grelha de avaliação da leitura

Anexo 30 – Ficha de Requisição de livros

Anexo 31 – Ficha de leitura

Anexo 1 - Tabela de Análise das Fichas de Anamnese – Educação Pré-Escolar:

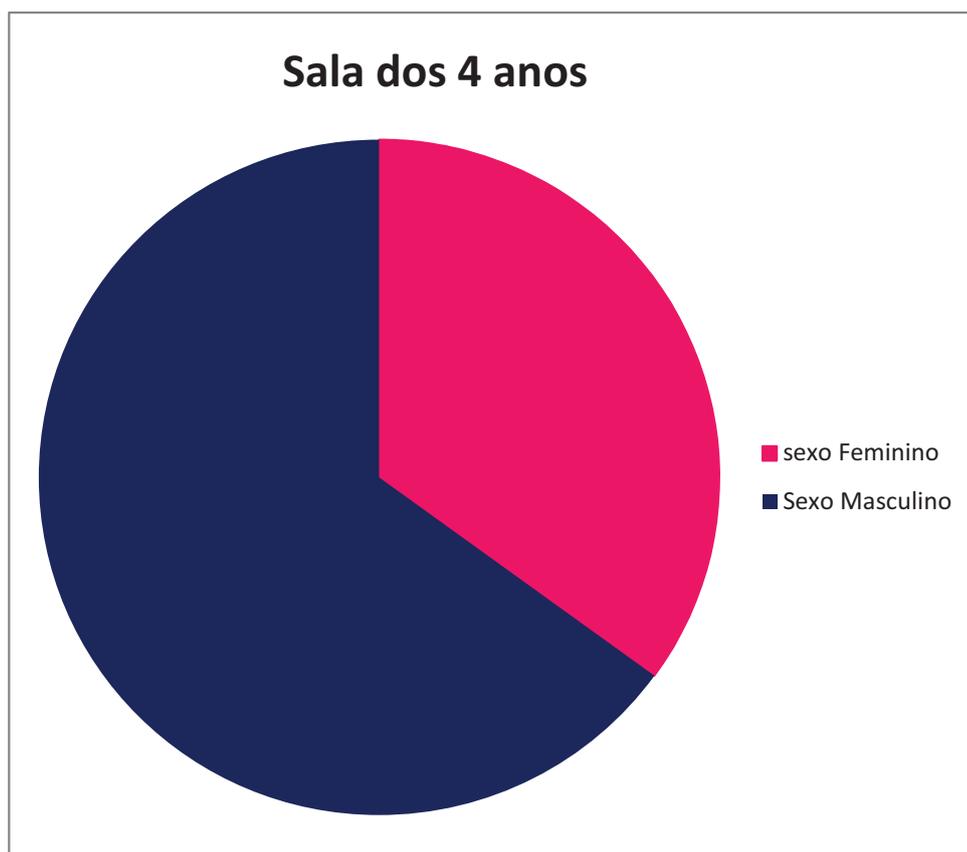
Nome da criança	Género	Localidade	Vive com	Idade da criança	Nº de irmãos	Idade do pai	Habilitações académicas do Pai:	Profissão Pai:	Idade da mãe:	Habilitações da Mãe:	Profissão Mãe:
B.F	M	Porto	Pais	4 anos e 9 meses (57 meses)	Um irmão	36 anos	12ºano	Designe	38 anos	Licenciatura	Educadora de Infância
C.P.	F	Porto	Pais	4 anos e 3 meses (51 meses)	Um irmão	44 anos	9ºano	Oficial de Justiça	40 anos	12ºano	Administrativa
C.F	F	Porto	Pais	5 anos e 2 meses (62 meses)	Um irmão	39 anos	Licenciatura	Bancário	33 anos	Licenciatura	Arquiteta

D.L.	M	Porto (Cedofeita)	Pais	5 anos (60 meses)	-	42anos	Licenciatura e Pós-Graduação em Engenharia Mecânica	Gerente	34 anos	Licenciatura em Microbiologia	Consultora/ Formadora
F.L	F	Porto	Pais	4 anos e 4 meses (52 meses)	-	-	Licenciatura	Arquiteto	-	12ºano	1ª Caixa
F.G	M	Porto	Pais	5 anos (60 meses)	Uma irmã	36anos	Licenciatura Engenharia Alimentar. M.B.A em Gestão	Gestor Técnico Superior	38 anos	Licenciatura/ Mestrado em controlo da qualidade	Técnica superior
F.B	M	Porto - Ramalde	Pais	4 anos e 4 meses (52 meses)	Dois Irmãos	39 anos	Licenciatura	Bancário	40 anos	Licenciatura	Empresária
J.F.	M	Vila Nova de Gaia	Pais	4 anos e 7 meses (55 meses)	Uma irmã	44 anos	9ºAno	Reformado por invalidez	46 anos	Licenciatura	Educadora de Infância

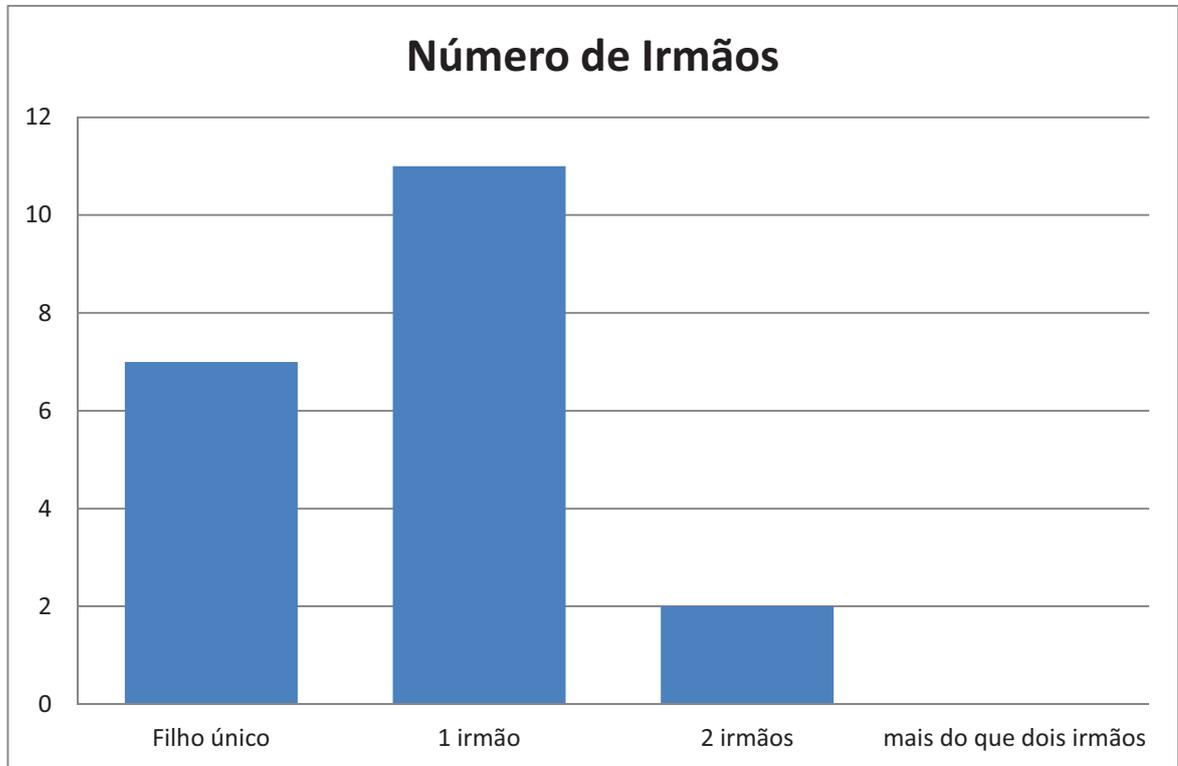
M.P.P	F	Porto	Pais	4 anos e 11 meses (59 meses)	Uma irmã	42 anos	12º Ano	Técnico Telecomunicações	38 anos	Licenciatura	Suporte Controlo de Qualidade
M. B.	M	Porto – Senhora da Hora	Pais	5 anos e 1 mês (61 meses)	-	47 anos	9º Ano	Angariador Imobiliário	44 anos	9º Ano	Doméstica
M.P.	M	Porto	Pais	5 anos e 1 mês (61 meses)	Uma irmã	38 anos	M.B.A; P.G; Licenciatura	Gestor	35 anos	Licenciatura	Gestora
M.L.	M	Matosinhos	Pais	4 anos e 10 meses (58 meses)	Um irmão	39 anos	Licenciatura	Tecnologista de comunicação áudio visual/Professor	34 anos	Licenciatura	Educadora Social
M.L.P	F	Porto	Pais	4 anos e 3 meses (51 meses)	-	36 anos	Licenciatura	Engenheiro Eletrotécnico	35 anos	Licenciatura/ Pós-Graduação	Gestora de Eventos
M.M.	M	Porto	Pais	4 anos e 6 meses (54 meses)		41 anos	Licenciatura	Professor de Edu.Física	38 anos	Licenciatura/Pós-Graduação	Professora de Inglês

N.V	M	Porto	Pais	4 anos e 11 meses (59 meses)	Um irmão	35 anos	Bacharelato – M.B.A	Diretor Hotel	33 anos	Licenciatura /pós-Graduação	Professora de Física-Química
P.B	M	Porto	Pais	4 anos e 11 meses (59 meses)	Uma irmã	36 anos	Licenciatura	Gestor	36 anos	Doutoramento	Microbióloga
P.S	M	Porto	Pais	4 anos e 6 meses (54 meses)	-	31 anos	Licenciatura	Formador	36 anos	12º ano	Manicure
R.M	F	Porto	Pais	4 anos e 3 meses (51 meses)	Dois irmãs	41 anos	Licenciatura	Gestor	38 anos	Licenciatura	Gestora Comercial
S.M.	F	Porto	Pais	4 anos e 3 meses (51 meses)	-	38 anos	Licenciatura	Diretor informático	36	Licenciatura	Gestor de produto
T.G	M	Porto	Pais	5 anos e 1 mês (61 meses)	Uma irmã	34 anos	Bacharelato	Técnico comercial	37 anos	Licenciatura	Gestora Comercial

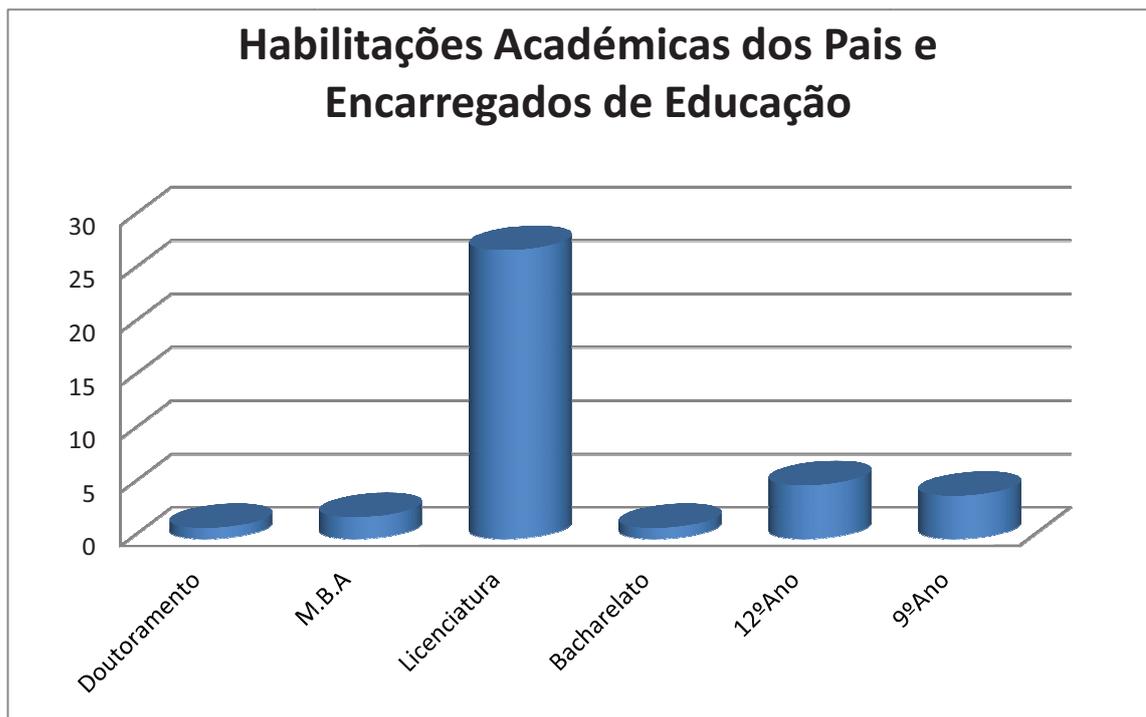
Anexo 2 – Gráfico de Identificação quanto ao gênero – Educação Pré-Escolar



Anexo 3 – Gráfico relativo ao número de irmãos de cada criança – Educação Pré-Escolar



Anexo 4 – Gráfico – Habilitações Académicas dos Pais e Encarregados de Educação – Educação Pré-Escolar



Anexo 5 - Tabela de Análise de dados sobre os alunos do 1ºCiclo do Ensino Básico

Nº	NOME	IDADE	Data de nascimento	PRF. - FISCO	NEF	Gênero	TRANSP.	Nº IRMÃOS	IDADE		PROFISSÃO	
									PAI	MÃE	PAI	MÃE
1	A.G.	9	02-04-2003	Sim	-	M	A pé	1	39	38	Engenheiro civil	Docente do 3º Ciclo/ Secundária
2	A.P.	9	03-08-2003	Sim	-	M	A pé	1	48	43	Empregado de escritório	Chefe de escritório
3	A.F.	9	03-03-2003	Sim	-	F	Carro	1	40	40	Docente do 1º Ciclo	Docente do 1º Ciclo
4	A.V.	9	11-06-2003	Sim	-	F	Carro	0	29	24	Responsável de loja	Rececionista
5	C.M.	9	27-04-2003	Sim	-	F	A pé	2	39	42	Docente do Ensino Superior	Docente do Ensino superior
6	C.S.	9	21-07-2003	Sim	-	F	Carro	0	36	36	Vigilante	Secretária administrativa
7	D.V.	9	14-05-2003	Sim	-	M	Carrinha A.	0	40	37	Técnico administrativo	Secretária administrativa
8	E.F.	9	08-05-2003	Sim	-	M	Metro	0	40	39	Delegado comercial	Assistente operacional
9	G.D.	9	31-10-2003	Sim	-	M	Metro	0	36	34	Vendedor	Gestora de clientes
10	M.S.	9	10-12-2003	Sim	-	F	Carro	0	37	39	Cinzelador	Docente do Ensino Secundário
11	M.P.	9	10-09-2003	Sim	-	F	Carro	1	46	41	Docente do 1º Ciclo	Docente do 1º Ciclo
12	M.L.	9	05-06-2003	Sim	-	F	Carro	2	44	41	Bancário	Técnica da Área do Emprego
13	M.R.	9	09-10-2003	Sim	-	F	Carro	1	41	36	Engenheiro civil	Economista
14	P. P.	9	03-02-2003	Sim	-	M	A pé	1	44	44	Litógrafo	Reformada
15	P.M	9	21-01-2003	Sim	-	M	Carro	1	37	37	Advogado	Docente do 1º Ciclo

16	P.F.	9	23-05-2003	Sim	-	M	Carro	2	39	37	Profissional de seguro	Docente do 1º Ciclo
17	P.P.M.	9	02-03-2003	Sim	-	M	Carro	0	38	38	Bancário	Empresária individual
18	P.Q.F	9	31-08-2003	Sim	-	M	Carro	2	46	45	Docente do 2º, 3º Ciclo/ Secundária	Docente do 2º, 3º Ciclo/ Secundária
19	R.G	10	12-06-2002	Sim	x	M	A pé	2	32	31	Cortador de carnes verdes	Operadora de caixa
20	R.A	9	18-05-2003	Sim	-	F	Carro	0	38	38	Representante comercial	Técnica de secretariado
21	R.L.	8	31-12-2003	Sim	-	F	Carro	1	39	39	Operador de valores	Docente do 1º Ciclo

Anexo 6 – Tabela de Habilitações Académicas dos Pais/Encarregados de Educação- 1ºCiclo do Ensino Básico

Habil. Aluno	s/habilit.		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secund.		Bacharel.		Licenciat.		Mestrado/ Doutoramento		
	pai	mãe	pai	mãe	pai	mãe	pai	mãe	pai	mãe	pai	mãe	pai	mãe	Pai	mãe	
	A.G													X			x
A.P								x	x								
A.F													X	X			
A.V									x	x							
C.M															X	x	
C.S								x			x						
D.V										x	x						
E.F									x	x							
G.D										x	x						
M.S										x					X		
M.C.P															X	x	
M.J.L														X	X		
M.R												x			X		
P.P									x	x							
P.M														X	X		
P.F														X	X		
P.M										x	x						
P.F																X	x
R.G						x					x						
R.A										x	x						
R.L											x					X	

Anexo 7 – Registos Fotográficos



Fotografia nº 1a – Sala dos 4 anos – Educação Pré-Escolar



Fotografia nº 1b - Sala do 4ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico



Fotografia nº 2- Teia de Projeto (Início do Projeto)



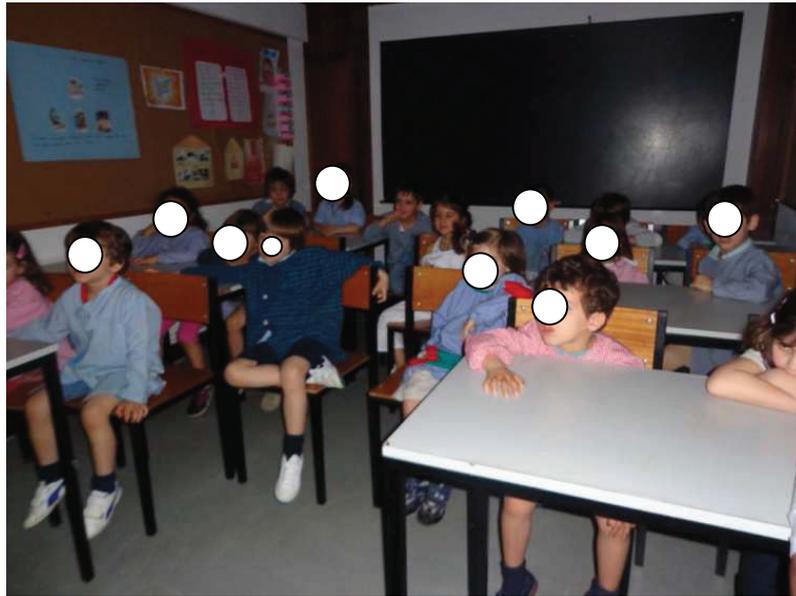
Fotografia nº 3 – Pesquisas



Fotografia nº 4 – Visita de estudo ao Planetário



Fotografia nº5 – Concerto “O Astronauta e a Nave espacial”



Fotografia nº6 - Visualização de um filme trazido por uma criança “Macacos do Espaço”



Fotografia nº7 – Construção do Sol



Fotografia nº 8 – Construção da Lua



Fotografia nº 9 – Realização de um Foguetão e dos Comandos do foguetão



Fotografia nº10 – Pintura, desenho e colagem na construção do céu e estrelas



Fotografia nº 11- Pintura da porta da Sala “Planeta dos amigos”, alusiva ao projeto



Fotografia nº 12 – Pintura do Planeta Terra



Fotografia nº 13 - Confeção do Bolo "Espacial"



Fotografia nº 14 – Construção da Maqueta Sistema Solar.



Fotografia nº 15 – Jogo alusivo ao projeto (Dominó dos antónimos)



Fotografia nº 16 – Hora do Conto “Papá, por favor, apanha-me a Lua”



Fotografias nº 17 – “As surpresas da mochila do Astronauta”



Fotografia nº 18 – “O nosso amigo Astronauta”





Fotografia nº 19 – “A visita de um amigo pintor que nos mostrou pinturas de Vincent Van Gogh”



Fotografia nº 20 – Na companhia do “Astronauta” que veio falar sobre o espaço



Fotografia nº 21 – Convites para Divulgação do projeto “O Espaço”.



Fotografia nº22 – Divulgação

(Apresentação de um powerpoint com imagens relativas ao projeto)



Fotografia nº 23 – Canção “O Astronauta e a nave espacial”



Fotografia nº 24 – Realização de um teatro “O Espaço”

Fotografia nº 25 – Fotografias, Atividades diversas



Atividade de Expressão Motora



Experiência “Semear feijão e milho”



Pintura de um cartaz para o dia do Pai



Confeção de uma limonada



Jogo - Blocos Lógicos



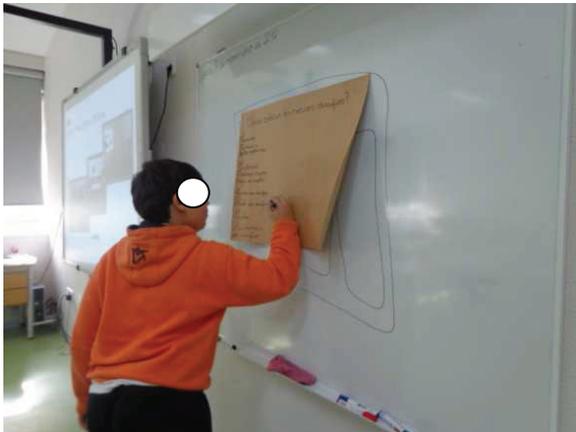
“Leitura” de uma história



Fotografia nº 26 – Construção de uma nova área “centro de Investigação”



Fotografia nº 27 - Desafio de Cartago



Fotografia nº28 - "O Armário dos Desafios"



Fotografia nº 29 – Pesquisa/desafio para a Concretização da visita de estudo



Fotografia nº 30 – Panfletos sobre Incêndios (em casa e na escola) e Sismos

Fotografia nº 31 – Construção do Friso Cronológico (as diferentes fases)



Início da confecção do Friso Cronológico – Colocação dos séculos e datas



Recorte das imagens trazidas pelos alunos, para a colocação no friso cronológico



Pintura das letras para o Título – Friso Cronológico



Colagem das imagens no Friso Cronológico



Produto Final – Friso Cronológico



Fotografia nº 32 - Experiência “Os pega-monstros”



Fotografia nº 33 - Experiência “As camadas da Pele”



Fotografia nº 34 – Visualização de Vídeos



Fotografia nº35 – Atividades de Expressão Motora e Expressão Plástica



Fotografia nº 36 - Dramatização “Os Primeiros Povos a habitar a Península Ibérica”



Fotografia nº 37 – Apresentação de Cartazes elucidativos da matéria dada



Fotografia nº 38 - Visualização de mapas



Fotografia nº 39- Jogo “Vamos formar números”



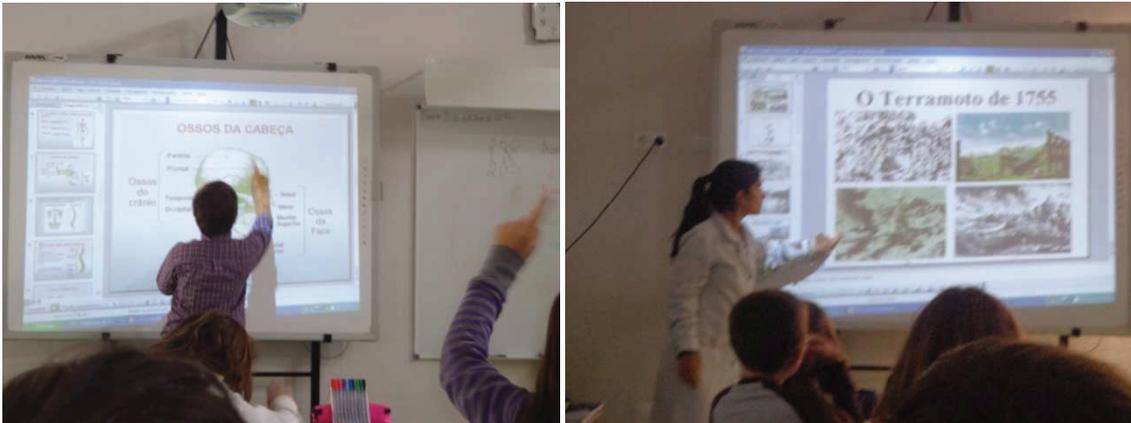
Fotografia nº 40 - Jogo de Rifas “Os números Ordinais”



Fotografia nº 41 - Jogo “Descobre os diferentes tipos de frase”



Fotografia nº42 - Construção da “Árvore Genealógica da 2ª Dinastia”



Fotografia nº 43 – Apresentações em PowerPoint



Fotografia nº 44 – Dias Festivos (Dia do Pai e da Mãe) – Educação Pré-Escolar

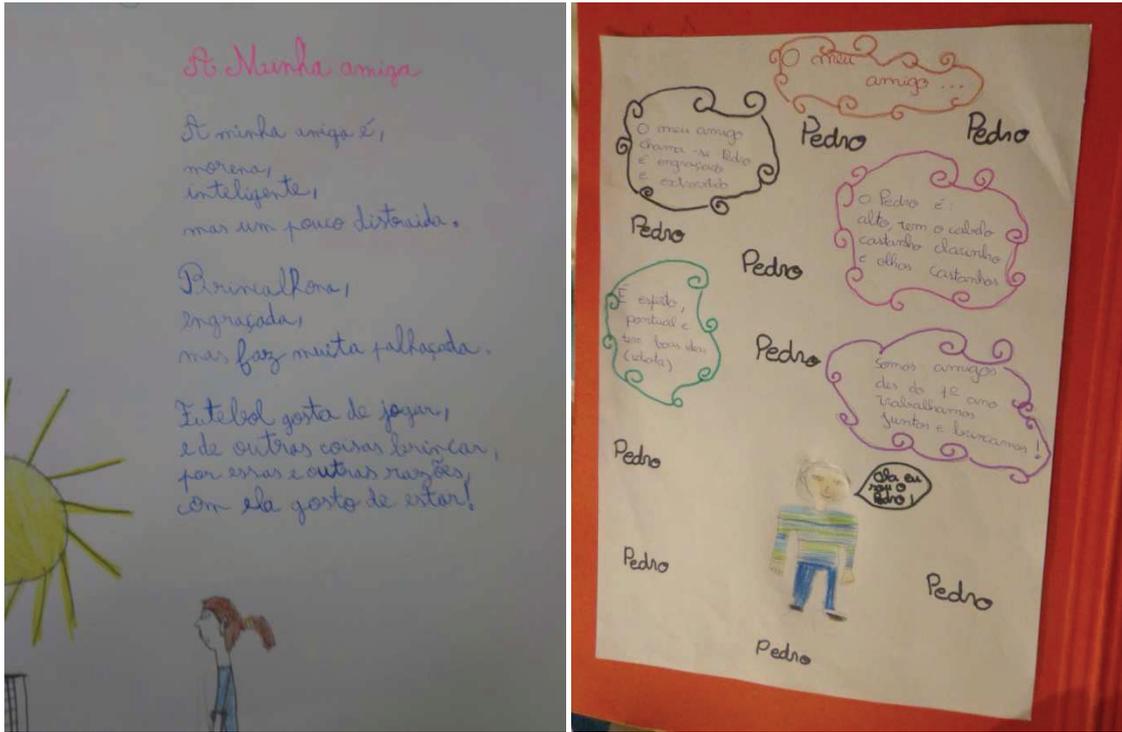


Fotografia nº 45 - Envolvimento Parental no Projeto “O Espaço” em Educação Pré-Escolar

Envolvimento dos encarregados de educação no contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico



Fotografia nº 46 – Participação de uma Avó em atividades de sala.



Fotografia nº 47 – Elaboração de poemas pelos alunos, para colocar no livro de recordações.

Interação com a instituição em contexto de Educação Pré-Escolar



Fotografia nº 48 – Teatro realizado no dia da Criança

Interação com a instituição no contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico



Dia da Alimentação



Aniversário da Escola



Magusto



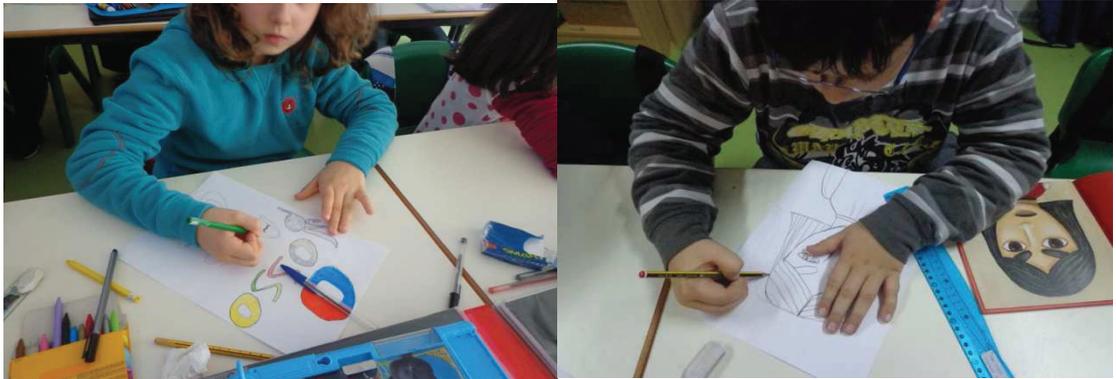
Dia dos Reis

Fotografia nº 49 – Momentos de interação entre a instituição (Dias Festivos)



Fotografia nº 50 - Organização do Portfólio Individual do aluno - 1º Ciclo do Ensino Básico

Fotografia nº51- Elaboração do Dossiê de História “O Nosso Passado”
(as diferentes fases de construção)



Elaboração de separadores para colocar no dossiê – “O Nosso Passado”



Votação dos desenhos elaborados pelos alunos Para a capa e separadores do dossiê

Colagem das capas selecionadas



O Dossiê “O NOSSO PASSADO”

Anexo 8a – Registos de Incidentes Críticos – Educação Pré-Escolar

Registo de Incidente Critico nº1

Nome da Criança: B

Data: 30.05.2010

Observador (a): Joana Monteiro (Estagiária)

Local: Sala

Incidente

Durante um período de atividades livres, uma criança aproxima-se da maquete do sistema solar e diz para a estagiária “Joana este é o Sol, uma estrela gigante, este é o planeta Mercúrio, este é o Vénus, este é o nosso planeta Terra, este é Marte, este é o maior é o Júpiter, este é Saturno, este é o Úrano e este é o ... NEPTUNO, até que enfim que me saiu a palavra de dentro da boca”.



Comentário:

Perante este incidente, posso verificar que para além de a criança já identificar os planetas por ordem, refere ainda algumas das suas características, que nem sempre são visíveis quando se observa a maquete, como é o caso do Sol (estrela gigante) e da Terra (o nosso planeta).

Constato ainda, que a criança quando refere o nome do Planeta Neptuno, sente que evoluiu porque já sabe o nome do planeta e manifesta-se dizendo “Até que enfim que me saiu a palavra de dentro da boca”.

Registo de Incidente Critico nº2

Nome da Criança: F

Data: 28.03.2012

Local: Sala

Idade: 4 anos

Observador(a): Estagiária Joana Monteiro

Incidente:

No início da manhã, enquanto estávamos a conversar na manta, à espera que todo o grupo chegasse, uma das crianças, ao entrar na sala, perguntou “ Posso mostrar à minha mãe o nosso amigo Astronauta? (sorrindo) e a Educadora respondeu: “ Claro X, mostra à tua mãe, o nosso novo amigo”.

Comentário:

Verifiquei que a criança gostou do “Astronauta”, considerando-o como um amigo e mostrou interesse em que a mãe o visse. Constatei que a criança falou com a mãe em casa, sobre a “descoberta do Astronauta”.

Assim, posso concluir que este novo elemento foi um elo de ligação entre a escola e a família.

Registo de Incidente Critico nº 3

Nome das crianças: J, F

Data: 19.03.2012

Observador (a): Estagiária Joana Monteiro

Idade: 4 anos

Local: Recreio Exterior

Incidente:

Durante o recreio a criança J, que estava a brincar, veio ter com a estagiária e disse: “Joana anda ver, encontramos muitos caracóis”. “Sim? Então vamos!”

Quando chegamos ao local estavam algumas crianças à volta dos caracóis a observá-los com atenção e a criança F disse: “Joana, esta é a mãe, este é o pai, e o pequenino é o filho”. Em seguida, a criança J, perguntou: “Joana porque é que eles têm esta casa?”, ao que a estagiária respondeu : “Serve para eles se protegerem do frio, do calor e para se defenderem dos outros animais”

Comentário: Neste Incidente, posso constatar que as crianças manifestaram interesse em partilhar com o adulto as suas descobertas e ainda os seus conhecimentos.

Pude confirmar neste incidente e de acordo com as Orientações Curriculares, que “o espaço exterior é também um local que pode proporcionar momentos educativos, intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças.”



Registo de Incidente Critico nº 4

Criança: F

Data:31.05.2012

Observador: Joana Monteiro (Estagiária)

Local: Recreio Interior



Incidente:

No momento em que as crianças estavam no recreio, o F tira a mochila do cabide e diz à estagiária “Joana, sou um astronauta, tenho mochila, mas não tenho capacete”

Comentário:

Verifico que o F, ao ter este comentário, entrou numa brincadeira de faz de conta, sendo de realçar que representou um astronauta, relacionado com o projeto de sala “O Sistema Solar”, porque este também utiliza uma mochila.

É ainda de salientar a referência ao capacete, um elemento importante para caracterizar um astronauta.

Registo de Incidente Critico nº5

Nome das Crianças: Grupo

Data: 28.02.2012

Local: Sala

Idade: 4 e 5 anos

Observador(a): Estagiária Joana Monteiro

Incidente:

A Educadora falou com as crianças sobre a fruta que se pode comer com casca e perguntou-lhes em seguida se já tinham comido alguma vez. Como a maioria respondeu que não, a Educadora aproveitou a ocasião para distribuir $\frac{1}{4}$ de pera com casca a cada criança e elucidou-as sobre a necessidade de comerem alguma fruta com casca, desde que seja bem lavada, pois contêm vitaminas.



Comentário:

Constato que estes momentos proporcionam aprendizagens várias, incluindo a alimentação. Neste caso, é feita referencia à distinção entre a fruta que se pode comer com casca e sem casca.

Através da experimentação e do diálogo, as crianças puderam aperceber-se que a fruta com casca é também saborosa e tem mais vitaminas, fazendo por isso, melhor à saúde.

Anexo 8b – Registos de Incidentes Críticos – 1ºCiclo do Ensino Básico

Incidente Critico nº 1 – No 1ºCiclo do Ensino Básico

Nome do Aluno: A.G

Data: 10.12.2012

Local: Sala

Idade: 9 anos

Observador(a): Estagiária Joana Monteiro

Incidente:

Durante a elaboração da planificação de 4ªfeira, o aluno A.G perguntou: “professora no sábado eu vou a Guimarães, posso fazer um video e apresentá-lo à turma, na próxima 4ªFeira? Perante o entusiasmo do aluno, a professora respondeu: “ Claro A.G, é uma ótima ideia, Guimarães é uma cidade bonita com monumentos antigos e vestígios muito ricos”, e é uma boa oportunidade para os teus colegas também conhecerem.

Comentário:

É importante estabelecer momentos, em que são os próprios alunos a criarem “desafios” e atividades, pois enriquecem as aulas e proporcionam diferentes aprendizagens. É de salientar também, o interesse do aluno em comunicar/divulgar à turma o que sabe, permitindo assim, uma troca diária de conhecimentos e interesses entre a turma.

Incidente Critico nº 2 – No 1ºCiclo do Ensino Básico

Nome do Aluno: P.F , R.D e A.P

Data: 15.10.2012

Local: Sala

Idade: 9 anos

Observador(a): Estagiária Joana Monteiro

Incidente:

Durante o Jogo “Vamos formar números”, cujo objetivo era abordar a unidade de milhão e consolidar as outras classes do número, foram distribuídos aos alunos 7 cartões, dando-lhes a possibilidade de formar diferentes números. No início do jogo o aluno P.F pergunta “professora podemos escolher uma estratégia qualquer para formar o número?”, ao que respondi “Sim, agora numa primeira fase podem ser vocês a decidir”. Ao longo do jogo os alunos foram dizendo as estratégias utilizadas, a aluna R.D disse “ Professora o nosso grupo vai escolher os números à sorte ”; outro aluno disse “Professora nós estamos a fazer por ordem crescente e decrescente”; outro disse, “nós estamos a colocar sempre o 7 na classe do milhão e depois os outros números é que são alterados”. No final do jogo, depois de escritos no quadro os diferentes números formados por cada grupo, o A.P diz “ Professora este jogo foi muito giro, como é que é possível termos conseguido formar tantos números!”.

Comentário:

Considero que estas atividades lúdicas – jogos, possibilitam aos alunos diferentes aprendizagens e um maior envolvimento e entusiasmo nas atividades propostas.

Constatei que ao serem os próprios a definirem as suas estratégias houve uma maior motivação que facilitou a aprendizagem de todos os alunos.

Anexo 9a – Descrição Diária – Educação Pré-Escolar

Nome da Criança: M

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária Joana Monteiro

Data: 2.03.2012

Descrição:

A Criança M dirige-se à estagiária, dizendo: “Sabes Joana, ontem fui à Maria Rapaz, e foi muito giro, tinha lá um círculo gigantesco e tinha coisas giríssimas.

Eu gostei porque sou criança, mas também sou grande, sabes porquê? Porque como muitos legumes. Sabes uma coisa? Tenho fome, a minha boca e a minha garganta não têm fome, mas a minha barriga tem.

Comentário:

Foi a primeira vez que a criança M, manifestou mais à vontade, falando abertamente com a estagiária, Por ser uma criança muito tímida, vou estar atenta, observando-a nas diversas brincadeiras/atividades, promovendo situações em que a criança possa estabelecer várias interações (Criança-Criança; Criança-Grupo; Criança-Adulto).

Anexo 9b - Descrição Diária – 1º Ciclo do Ensino Básico

Nome do Aluno: R

Data: 13.11.2013

Idade do Aluno: 10 anos

Local: Sala de Aula

Observador(a): Joana Sobral

Descrição:

Durante a realização de uma atividade, o R esteve muito irrequieto, mostrando-se desatento quando questionado pela professora. No final da aula o aluno R foi ter com a estagiária e contou-lhe que esteve distraído porque um menino do ATL lhe tinha batido e estava triste.

Comentário:

Através desta situação, foi possível verificar que o R manifestou à vontade e confiança para falar com a estagiária. Perante este acontecimento, para além de comunicar à professora cooperante o sucedido, a estagiária vai estar atenta aos comportamentos deste aluno, observando-o nas diferentes atividades, promovendo situações em que o aluno se sinta integrado na turma e que possa contactar/estabelecer mais contactos com a turma.

Anexo 10 – Atividades realizadas por iniciativa dos alunos – 1º Ciclo do Ensino Básico



Apresentação de um livro de Arte sobre alguns Monumentos



Apresentação e exploração dos Ossos do Corpo Humano



Apresentação de um livro “Os Reis de Portugal”

**Anexo 11 – Relatório Síntese de Aprendizagens no 1ºCiclo do
Ensino Básico**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI

Relatório síntese de resultados de aprendizagem

Docente:

Mestre Maria dos Reis

Discentes:

Joana Gil Sobral Monteiro, 2008034

Márcia Mendes, 2008086

2012/2013

Objetivos deste trabalho:

Este relatório tem como finalidade analisar e compreender os comportamentos/características de um aluno do 4ºano, que temos observado e acompanhado ao longo do nosso estágio.

Pretende-se ainda com este relatório, perceber quais os procedimentos mais adequados, de modo a ajudar o aluno a ter um melhor aproveitamento escolar e relacionamento com os seus pares e Professores/Estagiários.

Aluno: A. I.

Data de Nascimento: 11-06-2003- 9 anos

Ano de Escolaridade: A aluna frequenta o 4º ano do 1ºciclo do Ensino Básico

Características observadas num primeiro contacto:

Após um primeiro contacto com a aluna em estudo, observámos um conjunto de características/comportamentos, que nos chamaram à atenção.

Durante a nossa observação, podemos referir alguns momentos em que a aluna manifestava pouca interação com os pares, apresentava dificuldades ao nível da concentração e falta de cooperação com os pares em trabalhos de grupo, revelando ainda alguma desmotivação pelos trabalhos propostos.

Antecedentes

- **Antecedentes Familiares:**

A aluna A I é filha única e encontra-se a viver com os pais.

Estes estão empregados, exercendo o pai a profissão de agente comercial e corretor e a mãe de rececionista.

É de referir ainda, que o pai tem 28 anos e a mãe tem apenas 24 anos de idade.

É importante salientar que o Encarregado de Educação da aluna, a mãe, ainda não manteve nenhum contacto com a Professora Cooperante, desde o início do ano, embora a Professora já tenha tentado estabelecer este contacto.

- **Antecedentes do percurso escolar:**

A aluna frequentou o ensino Pré-Escolar.

Usou de apoio educativo até ao 3ºano, inclusive, por apresentar algumas dificuldades de aprendizagem, nomeadamente nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Neste momento a aluna dispõe apenas do apoio ao estudo, proporcionado pela professora cooperante.

A A. I conseguiu atingir as competências pretendidas, nomeadamente no ano anterior, tendo transitado para o 4ºano, com aproveitamento satisfatório.

Referenciação

O nosso estudo incidiu sobre esta aluna, por constatarmos logo no início do estágio, alguns comportamentos menos adequados, como falta de atenção e desinteresse pelas aulas e falta de cooperação e interação entre pares.

Logo na primeira impressão, verificámos que a aluna assumia atitudes pouco adequadas, nomeadamente ao deitar a cabeça sobre a mesa, ao sentar-se na cadeira incorretamente, entre outras, levando a Professora Cooperante a chamá-la várias vezes à atenção.

Constatámos ainda que, perante as chamadas de atenção da Professora, a aluna demonstrava pouco interesse em corrigi-las, mantendo a mesma postura e respondendo por vezes de uma forma indelicada, como por ex “Oh, não me apetece”, “O que foi?”.

Outro aspeto que captou também a nossa atenção, foi o facto da aluna falar muito baixinho, quando respondia a alguma pergunta da Professora/Estagiárias, ou ainda quando lia um texto, parecendo estar com vergonha em falar ou provavelmente medo em errar, perante os colegas de turma.

Quando a professora a mandava falar mais alto, de modo a que a sua voz fosse perceptível por todos os alunos, esta nem sempre obedecia e calava-se por vezes.

Autonomia

A aluna não revela quaisquer problemas de autonomia ao nível das atividades da vida diária, higiene e alimentação.

Relativamente às atividades desenvolvidas em sala de aula, a A.I. revela autonomia, no entanto, devido à sua insegurança, necessita de reforços positivos para a realização das mesmas.

Socialização

- **Com os pares:**

A aluna tem algumas dificuldades em trabalhar em grupo, seja em atividades orientadas, ou em momentos de brincadeira.

A A.I demonstra dificuldade em cooperar com o seu par, em aceitar a opinião do outro ou partilhar as suas ideias e soluções com os outros alunos.

Assim, são notórias as dificuldades em aceitar o outro, como parte integrante do seu processo de aprendizagem.

Quando algo não lhe agrada, eleva o tom de voz, sendo por vezes um pouco agressiva, chegando a tirar os materiais que estão a ser utilizados pelo seu par.

É de referir que a aluna não transitou para esta turma com os colegas do jardim-de-infância, tendo por isso mais dificuldade em estabelecer relações de amizade com os colegas desta turma, procurando durante o recreio a companhia dos colegas de outra sala (amigos do jardim-de-infância).

É de salientar ainda, que a aluna revela maior interação com os adultos da sala, do que propriamente com alguns colegas.

- **Com os Adultos:**

A A.I mostra-se à vontade com os adultos, exceto nos momentos em que a Professora lhe pede para repetir algo que não tenha sido perceptível/audível pela turma.

Tirando esta situação, a aluna fala muito à vontade com os adultos e brinca com os mesmos, não mostrando qualquer tipo de medo ou vergonha.

Contudo, por vezes mostra alguma dificuldade em aceitar as regras e opinião dos outros.

Motricidade fina:

A aluna tem bom controlo do lápis, da caneta e da tesoura.

Segura corretamente nestes materiais e nota-se um grande à vontade no manuseamento dos mesmos e sua utilização.

Motricidade global

Não demonstra qualquer problema. Caminha, corre e salta com facilidade.

Cognição

- **Conhecimento de si**

A aluna sabe o seu nome, a idade, a sua data de nascimento, o país e cidade onde vive, o nome dos familiares e sabe identificar e nomear as partes do corpo.

- **Orientação temporal e espacial**

A aluna sabe os meses do ano e os dias da semana. Sabe identificar os dias festivos e sabe utilizar as diferentes noções espaciais. Identifica corretamente o seu lugar na sala de aula e conhece os diferentes espaços existentes na escola.

- **Cores**

Conhece, distingue e nomeia todas as cores.

- **Desenho**

A aluna segura no lápis com a mão direita e, com a mão esquerda, segura na folha. Os seus desenhos são bastante perceptíveis (Anexo I). A nível da figura humana identifica e desenha corretamente as diferentes partes do corpo humano. A A. I gosta de desenhar, mas às vezes por estar com pressa para ir brincar no recreio, não é tão rigorosa na sua execução.

Ao nível da colagem, a A.I também segura na cola com a mão direita, segurando a folha com a mão esquerda. (Anexo II)



Anexo I



Anexo II

- **Leitura**

A aluna lê com pouca fluidez e pouca entoação, o que a leva a uma má análise ideológica do texto, ficando sem entender as ideias presentes no mesmo. Muitas vezes lê num tom baixo, o que revela, pouca segurança na leitura.

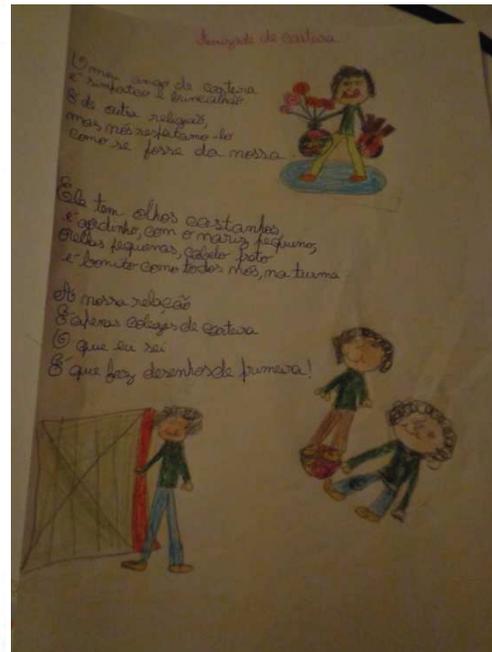
- **Escrita**

É uma aluna que necessita de algum acompanhamento. No início elaborava textos pouco estruturados, com pouca sequência lógica de ideias e pouca correção ortográfica.

No 3º ano, a aluna foi sujeita a um Plano de Recuperação pelas dificuldades atrás mencionadas.

É no entanto de referir que a aluna preocupa-se em apresentar os seus textos de uma forma organizada, limpa, cuidada, com uma boa caligrafia, acompanhados com desenhos elucidativos. Tem ainda o cuidado de escrever as frases, respeitando as linhas quando o texto é elaborado numa folha pautada, ou mesmo numa folha lisa.

No decorrer das observações, a aluna tem vindo a melhorar este aspeto, sendo mais rigorosa na elaboração de textos e na criatividade dos mesmos.



- **Oralidade**

A A.I apresenta algumas dificuldades na interpretação e exposição oral dos textos, que persistem quando pretende explicar alguma estratégia usada na resolução de problemas.

- **Matemática**

Relativamente aos números e cálculos, a aluna lê, representa, compara, ordena, compõe e decompõe números inteiros, no entanto, tem algumas dificuldades nos números decimais. Domina as técnicas das 4 operações. Tem algumas dificuldades na interpretação dos problemas, o que leva a uma má resolução dos mesmos.

Na geometria e medida, sente um pouco de dificuldade em reconhecer os sólidos geométricos.

Apresenta também alguma dificuldade na interpretação de tabelas e de gráficos e na sua organização.

Observações

A aluna tem dificuldade em perceber que as suas atitudes de infantilidade (negar a execução de tarefas, amuar quando é alvo de uma chamada de atenção, não aceitar uma crítica construtiva, ...) podem prejudicar o seu desempenho escolar.

Constatámos que A.I nem sempre presta atenção às orientações que lhe são dadas no seu processo de ensino aprendizagem, mas com a persistência da Professora a aluna tem melhorado o seu aproveitamento escolar.

O apoio educativo que a aluna usufruiu durante os anos anteriores, foi importante para atingir mais facilmente as competências pretendidas para o 4ºano, assim como o apoio ao estudo proporcionado pela professora cooperante.

É importante que esta aluna continue a ser incentivada e motivada, de modo a melhorar a sua autoconfiança, perder os seus medos e inseguranças e interagir mais com o grupo, participando com agrado não só nas atividades orientadas, mas também nas de escolha livre.

Estratégias a utilizar:

- Atividades lúdicas em pequeno e grande grupo, de modo a promover um melhor relacionamento com os colegas

- Atividades em que a aluna seja convidada a participar, numa área em que esta se sinta à vontade, ou porque domine melhor a matéria ou porque seja do seu interesse.

- Atividades em que a professora possa incentivar e reforçar o interesse da aluna sobre todas as aquisições já alcançadas.

- Atividades que incentivem a leitura: De modo a incentivar a leitura, era proposta a realização de uma atividade, de 15 em 15 dias, que consistia em cada aluno apresentar à turma um resumo de um livro escolhido por si. Assim, através desta atividade, estaríamos a promover a melhoria da leitura, o gosto pela mesma e ainda, a segurança e auto-estima da aluna.

- Sugere-se ainda que sejam gravados textos que a aluna lê, com e sem preparação prévia. A aluna deve identificar a qualidade do texto lido com preparação prévia. Assim tomará consciência da sua própria responsabilidade.

Anexo 12 – Planificação com as Crianças na Educação Pré-Escolar

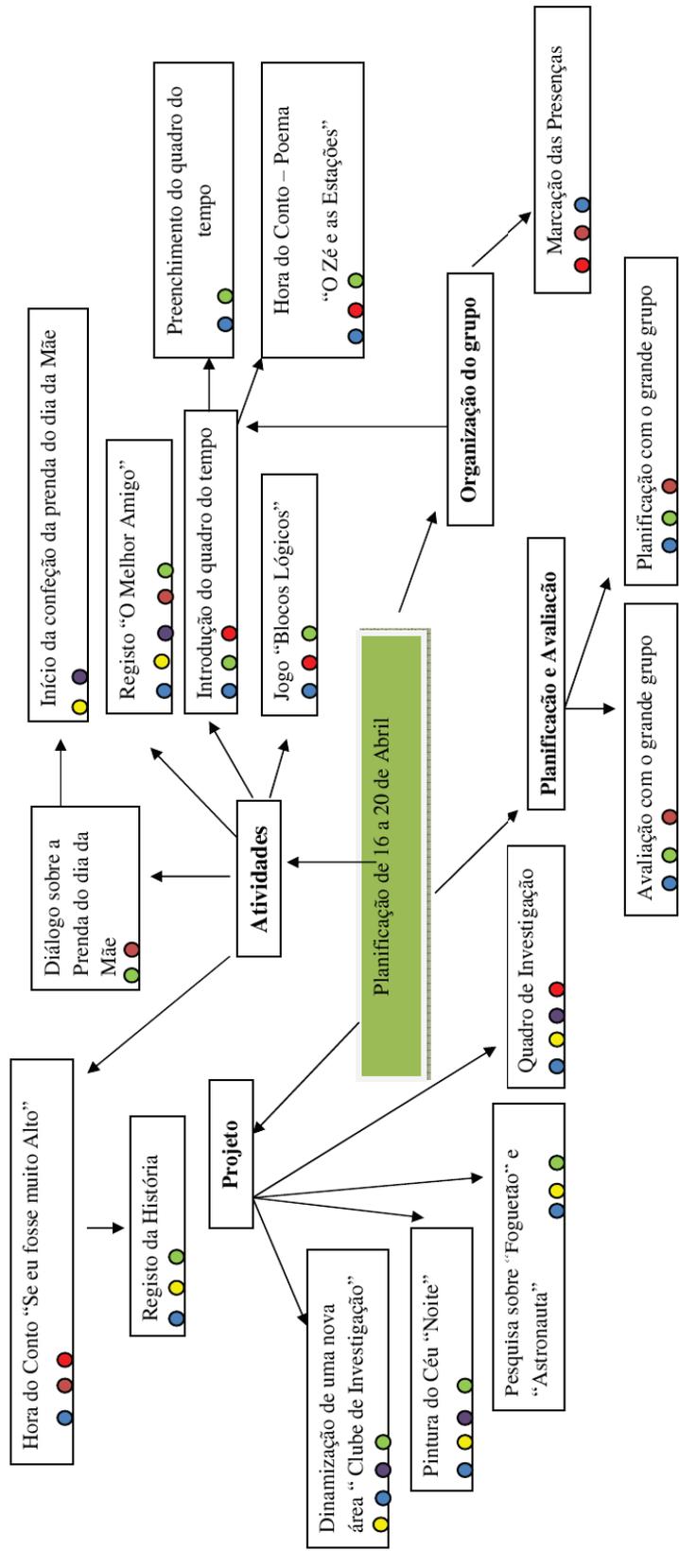


Diálogo na Manta



Registo da atividade planeada.

Anexo 13 – Planificações Semanais – Educação Pré-Escolar



Legenda:

- Formação Pessoal e Social
- Matemática
- Língua Oral e abordagem à escrita
- Expressão Plástica
- Expressão Musical
- Expressão Motora
- Expressão Dramática
- Conhecimento do Mundo

Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos
<p>“Introdução do quadro do Tempo” – Como na semana anterior, as crianças manifestaram alguma dificuldade em caracterizar o estado do tempo, a equipe pedagógica achou importante promover a seguinte atividade:</p> <p>– A estagiária mostra o quadro do tempo às crianças, explicando-lhes em que consiste, em seguida pergunta-lhes quais são as estações do ano, e mediante as dificuldades sentidas, esclarece, apontando para as particularidades de cada estação. Questiona também o número de estações do ano e qual a estação do ano em que nos encontramos. Após referir várias vezes este tema e clarificar como funciona o preenchimento do quadro, a estagiária pergunta às crianças quais os dias da semana, presentes no quadro e também que estado do tempo corresponde a cada imagem.</p> <p>Após explicar detalhadamente como se procede ao preenchimento do quadro e trabalhar com o grupo as 4 estações do ano e o estado do tempo, em conjunto decidimos qual a ordem do preenchimento do quadro pelas crianças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o vocabulário, na enumeração dos estados do tempo; - Desenvolver o vocabulário, através do conhecimento das quatro estações do ano; - Conhecer as particularidades de cada estação do ano; - Conhecer semelhanças e diferenças entre as imagens apresentadas; - Desenvolver autonomia, no preenchimento do quadro; - Desenvolver o sentido crítico, manifestando a sua opinião sobre o estado do tempo; - Desenvolver o raciocínio, através da análise do quadro do tempo no fim da semana; <p>-Conhecer a sequência das estações do Ano (Primavera, Verão, Outono, Inverno);</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Canetas de feltro; - Lápis de Cor; - Borracha; - Imagens Estações do Ano; - Imagens Estado do Tempo; - Velcro; - Papel de Plastificar; - Cartolina; <p>História “O Zé e as Estações”</p>
<p>“Hora do Conto” – Poema “O Zé e as Estações”</p> <p>De modo a consolidar os conhecimentos transmitidos na explicação do quadro do tempo, é lido um poema,</p>		

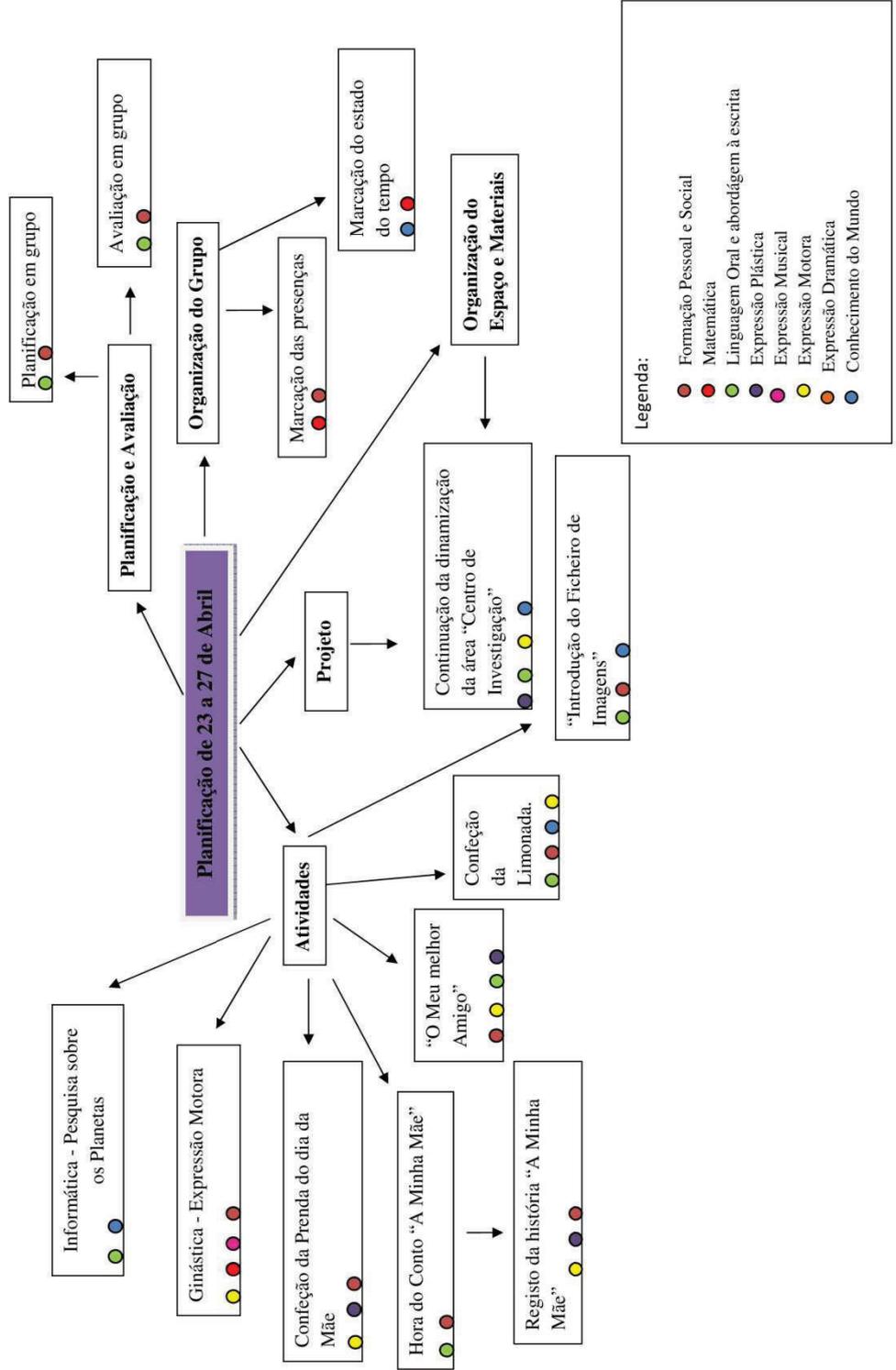
<p>da história “O Zé e as Estações”. Após a leitura do poema, são feitas algumas questões a cerca do mesmo.</p> <p>“Preenchimento do quadro do tempo” – No início da manhã a criança responsável pela tarefa marca o estado do tempo, utilizando uma imagem e no final do dia se o tempo for diferente coloca nova imagem. Através deste preenchimento a equipa pedagógica pode também avaliar/conhecer as dificuldades que cada criança apresenta na execução da tarefa.</p> <p>“ Pintura do Céu – A noite” – Tendo em conta os interesses das crianças e como estas pediram para fazer “O Céu – A Noite”, na sala, a estagiária com um pequeno grupo orienta esta atividade. Antes de iniciar a atividade, as crianças escolhem as cores e o modo como querem pintar “O Céu” (pinceis, esponja ou rolhas).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer algumas características de cada estação do ano. - Desenvolver noções temporais, como a sucessão dos dias da semana; - Desenvolver o raciocínio, através da contabilização de quantos dias esteve sol, vento, chuva, durante a semana; - Desenvolver o sentido de responsabilidade, na execução das tarefas previstas; - Conhecer as diferenças entre o dia e a noite; - Desenvolver o vocabulário; - Desenvolver a motricidade fina, através da utilização de diferentes materiais; 	<ul style="list-style-type: none"> - Imagens. - Tintas; - Papel Cenário; - Pinceis/esponjas - Moldes de estrelas; - Fita-Cola Grossa. - Tesoura; - Fita-cola;
--	--	---

<p>“Construção de uma nova área – Clube da investigação” sobre o espaço – Durante a Planificação de Grupo, falámos sobre a construção de uma nova área, que será implementada pela estagiária do 3º ano de Licenciatura. As crianças mostraram-se interessadas nesta nova área e deram ideias sobre o local, o nome desta área, e os objetos que queriam na mesma.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Latas; - Cartão; - Rolos de Papel Higiénico; - Papel celofane
<p>- “Construção do quadro de Investigação” – Durante a Assembleia de grupo, as crianças levantaram algumas dúvidas/questões relativamente “ao clube de investigação sobre o espaço” e nomearam algumas hipóteses. Para tornar mais fácil a compreensão destes conhecimentos relativos ao espaço, a estagiária de Mestrado, em conjunto com o grupo elabora um quadro de investigação, com o objetivo de as crianças pesquisarem e darem resposta às questões e hipóteses levantadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer alguns objetos/instrumentos utilizados para ver o espaço; - Desenvolver o vocabulário, nomeadamente sobre o Espaço/Universo; - Desenvolver a imaginação, através da utilização de instrumentos/objetos irrealis; - Desenvolver a motricidade fina, na construção dos objetos; - Desenvolver o gosto pela pesquisa; - Desenvolver o sentido crítico, na elaboração de hipóteses; - Conhecer as respostas para as questões levantadas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Caneta; - Folha A3; - Canetas de Feltro; - Lápis de cor;
<p>“Pesquisa sobre o Foguetão” e “Pesquisa sobre o Astronauta” – De modo a dar continuidade aos grupos de pesquisa da semana passada, as crianças são encaminhadas pela equipa pedagógica para a sala de informática, onde são orientadas para a pesquisa dos temas a cima referidos, colocando questões, formulando hipóteses e após a pesquisa</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Computador;

<p>realizada farão as suas próprias descobertas.</p> <p>Jogo “Blocos Lógicos” – Em pequeno grupo, são distribuídas várias peças (48 elementos), entre estas estão 4 formas, 3 cores, 2 tamanhos e 2 espessuras. Assim, a estagiária explica o jogo e diz que o grupo tem que fazer conjuntos. Inicialmente pede para fazerem conjuntos por cores, depois por formas, posteriormente por tamanhos e por fim de espessuras.</p> <p>A atividade será sempre orientada pela estagiária de modo a explicar e a ajudar sempre que surgirem dúvidas.</p> <p>“Diálogo sobre a Prenda do dia da Mãe” – A escolha da prenda do dia da Mãe, será feita pelo grupo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer diversos meios de pesquisa; - Saber apropriar o instrumento de pesquisa ao que queremos saber; - Conhecer diferentes materiais; - Conhecer diferentes jogos; - Classificar, através de diferentes características; - Identificar as figuras geométricas disponíveis. - Identificar as formas geométricas de acordo com seus atributos: cor, forma, tamanho, espessura. - Conhecer semelhanças e diferenças entre as peças. - Relacionar as figuras geométricas com objetos do quotidiano. - Desenvolver atitudes democráticas; 	<p>Jogo “Blocos Lógicos”</p>
---	--	------------------------------

<p>Assim, inicialmente falamos com o grupo sobre o que gostaríamos de dar à mãe, e após apuradas todas as ideias, a equipe pedagógica diz em voz alta as ideias de todas as crianças e procede-se a uma votação. As mais votadas serão as escolhidas para a confecção do presente.</p>	<p>- Conhecer as opiniões de cada um; - Respeitar a opinião de cada um; - Desenvolver a motricidade fina, na execução da tarefa;</p>	<p>Materiais escolhidos pelas crianças</p>
<p>“Confecção do Presente do dia da Mãe” – Após a escolha do presente pelas crianças/grupo, inicia-se a confecção da mesma.</p>	<p>- Desenvolver a motricidade fina; - Descrever graficamente as características do melhor amigo;</p>	<p>- Grelhas de Observação - Folhas - Lápis de Carvão - Lápis de Cor</p>
<p>Registo “O Meu Melhor Amigo” – Esta atividade tem por base uma disciplina da Faculdade “ Oficina de Ilustração”, que consiste em várias etapas. A primeira é pedir às crianças que desenhem o melhor amigo. Durante esta atividade são registadas algumas observações numa grelha, para posteriormente passar para uma segunda etapa.</p>	<p>Respeitar as ideias de cada um; Desenvolver o vocabulário, expressando ideias; Desenvolver o sentido de partilha de ideias com os outros colegas; Desenvolver o sentido crítico,</p>	<p>- Caderno de Registos; - Caneta ou Lápis</p>
<p>“Avaliação com o grupo de crianças” – Este momento é proporcionado na manta, em grande grupo, onde falamos sobre as atividades realizadas durante a semana e o que cada criança gostou e menos de fazer.</p>	<p>“Planificação com as Crianças” – Este momento é destinado a um diálogo em grande grupo,</p>	

<p>assembleia, onde as crianças expressam o que gostavam de fazer durante a próxima semana. Durante esta planificação são elaborados os grupos para cada uma das atividades a realizar.</p>	<p>expondo os seus pontos de vista na escolha das atividades;</p>	
---	---	--

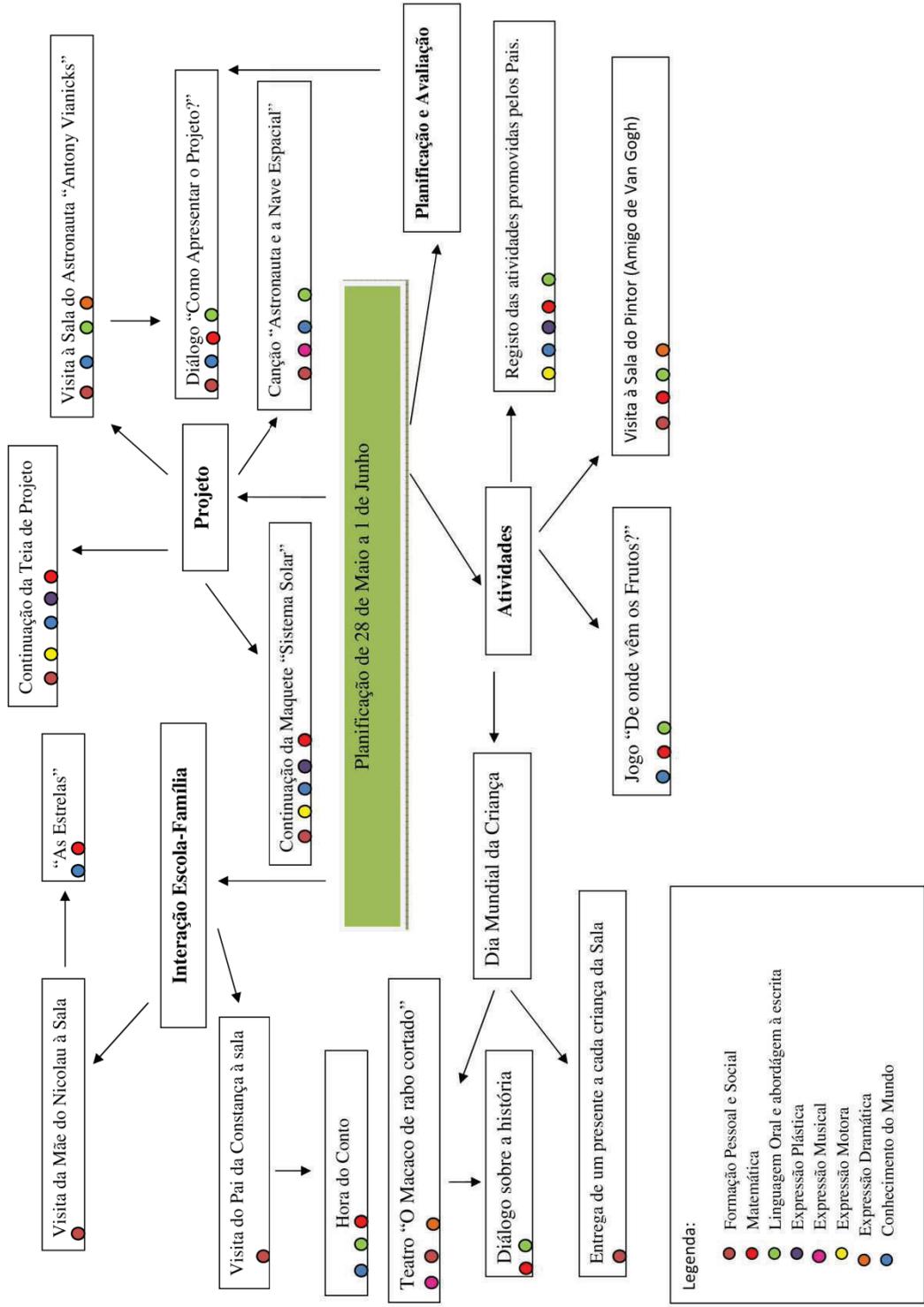


Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos
<p>Registro “O Meu Melhor Amigo” – Esta atividade tem por base uma disciplina da Faculdade “ Oficina de Ilustração”, que consiste em várias etapas. A primeira é pedir às crianças que desenhem o melhor amigo. Durante esta atividade são registadas algumas observações numa grelha, para mais tarde passar à etapa seguinte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a motricidade fina, explorando novos materiais; - Descrever graficamente as características do melhor amigo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis de Cor; - Lápis de Carvão - Borracha; - Grelhas de Observação; - Folha;
<p>“Confeção do Presente do dia da Mãe” – Após a escolha do presente do dia da mãe, por cada criança, na semana passada, vamos dar continuidade à realização de cada um dos presentes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da mãe na célula familiar - Desenvolver a autonomia, na escolha dos materiais; - Conhecer os diversos materiais disponíveis; 	<p>Materiais diversos, escolhidos por cada uma das crianças.</p>
<p>“Hora do Conto – A Minha Mãe” – De modo a falar sobre a importância da Mãe e o que ela representa, a estagiária lê a história “A minha Mãe”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a linguagem, através do diálogo. - Desenvolver o respeito pelo papel da Mãe; 	<p>Livro “A Minha Mãe”</p>

<p>Após lida a história, as crianças realizam um registro sobre a Mãe, que depois será colocado no placar exterior.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as características da “Minha Mãe”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Folha; - Lápis de cor; - Canetas de cor; - Materiais escolhidos pelas crianças.
<p>“Confeção de Limonada” – Como há duas semanas, uma criança disse à equipe pedagógica que sabia fazer limonada, esta proporcionou-lhe um momento para ensinar ao grupo. Na semana passada foram distribuídas tarefas, cada criança tinha que trazer de casa um limão e a criança que se lembrou de fazer a limonada, irá trazer a máquina.</p> <p>O grupo vai fazer a limonada em dois recipientes distintos, num a limonada é adoçada com açúcar amarelo e outra com açúcar branco, de modo a que as crianças vejam se existe alguma diferença no sabor. Esta experiência com os diferentes açúcares, vai ser introduzida, porque as crianças questionaram-nos sobre as suas diferenças. Assim, a equipa pedagógica pretende que as crianças inicialmente vejam/manipulem o açúcar, verificando a textura, cor, sabor, cheiro, entre outras características.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o respeito pelo outro, de modo a que a criança que explica o processo de confeção seja ouvida pelo restante grupo; - Desenvolver o sentido de responsabilidade na distribuição de tarefas; - Contactar com diversos materiais reais; - Conhecer algumas diferenças, entre o açúcar amarelo e o açúcar branco; 	<ul style="list-style-type: none"> - Limões; - Água; - Açúcar Amarelo; - Açúcar Branco. - Máquina
<p>“Continuação da Construção de uma nova área – Centro de Investigação” – De modo a dar seguimento à dinamização da nova área “Centro de</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a motricidade fina, na construção dos objetos; 	<ul style="list-style-type: none"> - Fita-Cola; - Cola; - Tintas;

<p>Investigação”, implementada pela estagiária de 3º ano, a equipa pedagógica, em conjunto com as crianças irá dar continuidade à construção de materiais/objetos que as crianças mostram interesse em realizar para a área.</p> <p>“Implementação de Ficheiros de Imagens” - Tendo em conta que as crianças estão a desenvolver o projeto “O Espaço”, a estagiária introduz algumas imagens referentes ao tema, que estarão disponíveis numa caixa, de modo a serem consultadas sempre que as crianças quiserem. Estas imagens serão também selecionadas pelas crianças.</p> <p>“Avaliação com o grupo de crianças” – Este momento é proporcionado na manta, em grande grupo, onde falamos sobre as atividades realizadas durante a semana e o que cada criança gostou mais e</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a criatividade, na construção do centro de investigação; - Desenvolver o gosto pela pesquisa; - Desenvolver o vocabulário, nomeadamente sobre o Espaço; - Desenvolver a imaginação, através da utilização de instrumentos/objetos; - Familiarizar-se com o código escrito - Desenvolver a autonomia, na visualização das imagens; - Conhecer aspetos relacionados com o espaço; - Desenvolver atitudes democráticas; - Conhecer as opiniões de cada um; 	<ul style="list-style-type: none"> - Pincéis. - Outros irão ser escolhidos pelas crianças na realização da atividade. - Imagens; - Caixa; - Papel de Plastificar
--	---	---

<p>menos de fazer.</p> <p>“Planificação com as Crianças” – Este momento é destinado a um diálogo em grande grupo, assembleia, onde as crianças expressam o que gostavam de fazer durante a próxima semana. Durante esta planificação são elaborados os grupos para cada uma das atividades a realizar.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Respeitar a opinião de cada um;- Desenvolver a motricidade fina, na execução da tarefa; <p>Desenvolver o vocabulário, expressando ideias;</p> <p>Desenvolver o sentido de partilha de ideias com os outros colegas;</p>	<ul style="list-style-type: none">- Caderno de Registos;- Caneta ou Lápis
--	--	--



Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos
<p>“Visita à sala de um Pintor (Amigo de Van Gogh) – Com o objetivo de dar a conhecer às crianças obras de pintores conhecidos, e possibilitar-lhes a sua própria “leitura”, a estagiária veste-se de pintor, para cativar o interesse das crianças pela atividade e levá-las a intervir.</p> <p>Num primeiro momento apresenta-se e conversa com as crianças sobre pintura, como por exemplo: materiais utilizados pelo pintor, se conhecem algum pintor, se gostam de pintar, o que gostam de pintar, etc.</p> <p>Posteriormente, mostra dois quadros muito conhecidos de Van Gogh (“O céu estrelado”, “O Quarto”), pedindo-lhes para depois os comentarem.</p> <p>“Continuação da Construção da Maquete” – De modo a ultimar a confeção da maquete, são construídas as órbitas dos diferentes planetas.</p> <p>“Visita do Astronauta Antony Vianiks” – Esta atividade tem como principal intenção, iniciar o diálogo com o grupo de crianças, sobre a divulgação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o gosto pela pintura, através das obras apresentadas; - Desenvolver a Expressão Oral, através dos comentários às obras; - Desenvolver o Vocabulário, através do conhecimento do pintor e das suas obras; - Desenvolver o vocabulário, através de novos conhecimentos; - Desenvolver a motricidade, através do delinear de cada uma das órbitas; - Desenvolver a Expressão oral, através do diálogo; - Desenvolver o vocabulário; 	<ul style="list-style-type: none"> - Boina - Bata - Paleta - Pinceis - Quadros - Roupas Brancas -Capacete (cola branca, jornal, balão, tinta branca)

<p>registo da atividade, com o objetivo de apurar os conhecimentos adquiridos.</p> <p>“Dia Mundial da Criança” – Para festejar o Dia Mundial da Criança, a equipa pedagógica (de várias Salas) proporcionou um teatro “O Macaco de Rabo Cortado”, para todas as crianças assistirem no recreio.</p> <p>De tarde, será entregue a cada uma das crianças um presente.</p>	<p>- Desenvolver os conhecimentos adquiridos, através do registo;</p> <p>- Desenvolver relações interpessoais, através do contacto entre todos;</p>	<p>Canetas de feltro; Lápis de Cor</p>
---	---	--

Planificação – Expressão de Movimento

	Conteúdo	Organização Didático- Metodológicos	Objetivos	Tempo	Material
Parte preparatória	<ul style="list-style-type: none"> - Lateralidade (Reconhecimento esquerda/direita) - Noções de movimento (dobrar, estender, rodar...) 	<ul style="list-style-type: none"> - A estagiária distribui as crianças pela sala e em seguida, estas vão realizar os exercícios que a estagiária pedir: - Rodar a cabeça para a direita e para a esquerda. - Levantar e baixar os dois braços; - Afastar e juntar os braços ao corpo; - Rodar as mãos para cima e para baixo com os braços esticados; - Inclinar o tronco para a direita e para a esquerda; - Dobrar os joelhos e chegar com as mãos ao chão; - Saltitar; - Colocarem-se em bicos de pés; - Marchar no mesmo lugar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir a esquerda da direita; - Conhecer as diferentes partes do corpo; 	10 min	

Parte Principal	<p>- Noções de posição (levantado e abaixado);</p> <p>- Ordem e sucessão – empregar os termos “antes”, “depois”, “primeiro” e “último”</p>	<p>1º Jogo “ sobe e desce”. A estagiária coloca-se à frente das crianças, virada para estas.</p> <p>- Quando a estagiária coloca o polegar virado para cima, as crianças têm que estar de pé,</p> <p>- Quando o polegar estiver virado para dentro as crianças têm que dobrar os joelhos.</p> <p>- Quando coloca o polegar virado para baixo estas têm que se baixar, colocando as mãos no chão.</p> <p>2º Jogo “ Movimento ao som de instrumentos” – As crianças estão dispersas pela sala e ao som da música de fundo, deslocam-se pela sala. Quando a estagiária disser ATENÇÃO, as crianças têm que parar e fazer o exercício de acordo com o som do</p>	<p>- Conhecer os diferentes termos espaciais;</p> <p>- Perceber e memorizar a ordem e sucessão dos acontecimentos;</p> <p>- Reconstruir a ordem em que as</p>	<p>10min</p> <p>20min</p>	<p>- Maracas;</p> <p>- Tambor (de mão);</p> <p>- Apito</p>

	<p>Duração do Tempo</p> <p>Ritmos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marchar ao som do tambor - Seguir as instruções rítmicas 	<p>instrumento musical que foi utilizado pela estagiária (Maracas, Tambor de mão), Apito e palmas. A estagiária ensina as crianças sobre os movimentos que têm que realizar consoante o instrumento utilizado. Primeiro é introduzido o exercício com as palmas. Assim: Palmas (mais espaçadas) – Andar devagar pelo espaço; Palmas menos espaçadas – andar mais rápido. Em seguida são introduzidos os exercícios com os outros instrumentos</p> <p>Maracas – corresponde ao movimento – Saltitar;</p> <p>Tambor: Marchar;</p> <p>Apito – Parar, ficando em estátua.</p>	<p>coisas são vistas ou ouvidas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perceber a duração dos intervalos, ou seja o que passa depressa e o que dura mais tempo. - Perceber um tempo curto e um tempo longo - Desenvolver a noção de duração e alternância. 		
<p>Parte Final</p>		<p>A estagiária pede a cada criança para se deitar no chão da sala, deixando-as a ouvir a música. Depois, vai passando por cada uma das crianças, colocando a mão sobre a cabeça e ajudando-o a levantar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relaxar 	<p>5min</p>	

Anexo 14 – Planificações Semanais no 1ºCiclo do Ensino Básico

Supervisora da ESEPF: Maria dos Reis Gomes	
Estagiária: Joana Gil Sobral Monteiro	Turma: 4.º Ano N.º de alunos: 21

Data: 6 de novembro de 2012
Duração: 09h-12h30 e 14h00-15.30h

Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo Estimado	Recursos Materiais (Adicionais)	Avaliação
Formação Cívica			<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a expressão oral; - Desenvolver o respeito entre todos; 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento 	10 min		
Estudo do Meio	À descoberta dos outros e das instituições	O passado nacional	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Sistematização da aula anterior; 	20 min	- Materiais utilizados na aula anterior;	Observação Direta
		- Friso cronológico	<ul style="list-style-type: none"> - Recolher imagens ou outros materiais que possibilitem fazer uma melhor leitura do friso; 	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação da construção do friso cronológico – colocação de imagens ou outros materiais selecionados/trazidos pelos alunos, para colocar no friso cronológico; 	30 min	- Imagens	

<p>Língua Portuguesa</p>	<p>- Compreensão Oral</p> <p>- Expressão oral;</p> <p>- Expressão Escrita</p> <p>- Leitura</p> <p>Conhecimento Explícito da língua</p>	<p>- Vocabulário</p> <p>- Ortografia</p>	<p>- Localizar as personagens e factos históricos no tempo,</p> <p>- Interpretar/analisar um friso cronológico;</p> <p>Planificar a escrita de textos</p> <p>Rever textos escritos</p> <p>Redigir corretamente</p>	<p>- Diálogo com os alunos sobre a leitura de um friso cronológico;</p> <p>- Redação de um texto sobre o tema "Povos da Península Ibérica"</p> <p>- Escolha de um povo, valorizando a sua cultura.</p> <p>Adequação do vocabulário usado</p> <p>Expansão ou redução de frases</p> <p>Correção dos erros ortográficos e de pontuação</p> <p>- Ilustração do texto escrito</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre este trabalho;</p> <p>-Concretização de desafios</p>	<p>10 min</p> <p>20 min</p> <p>10 min</p>	<p>- Folha pautada;</p> <p>- Lápis</p> <p>- Caneta</p>	<p>Avaliação diagnóstica;</p>
--------------------------	--	--	--	--	---	--	-------------------------------

Descrição da Atividade:

De modo a promover o bom entendimento entre os alunos e a estagiária, será dedicado um tempo, como já vai sendo hábito, para o acolhimento dos alunos.

Em seguida, a estagiária dará continuidade, à aula anterior, de modo a cumprir o que foi anteriormente planeado.

Assim, num primeiro momento, a estagiária em conjunto com os alunos, continuará a elaboração do friso cronológico e ainda possibilitará aos alunos, a colocação de imagens ou outros materiais selecionados ou trazidos por estes (solicitados pela estagiária na aula anterior), a fim de serem colados, no friso.

Nesta colagem, os alunos terão que ter em conta, o ano e/ou século a que corresponde a imagem.

É importante referir que o friso cronológico será preenchido à medida que vão sendo dados os factos e acontecimentos mais relevantes da história nacional.

Num segundo momento, a estagiária, para dar seguimento à área anterior, pedirá aos alunos, individualmente, que redijam uma composição sobre os povos da Península Ibérica com o objetivo de avaliar a sua ortografia, construção frásica, criatividade, autonomia e os conhecimentos adquiridos, durante as aulas anteriores.

Nesta composição, será pedido aos alunos que elaborem um texto, dando-lhes a possibilidade de escolherem um povo e escreverem o que mais valorizam da sua cultura.

Assim, num terceiro momento, de modo a fazer a ligação entre as diferentes áreas, a estagiária perguntará aos alunos qual foi o povo que introduziu na Península Ibérica os algarismos, dando início à área de matemática. Para aprofundar os conhecimentos sobre o algoritmo da multiplicação, será distribuído o jogo da gelosia, permitindo, deste modo, uma nova dinâmica de grupo. Este jogo será feito em grupo de dois alunos.

Em seguida, entregará a cada dois/três alunos, um quadrado dividido em quatro partes e os alunos terão que o construir, através dos algarismos que estão inscritos nas diferentes partes do quadrado.

Para colocarem bem as diferentes partes do quadrado, os alunos deverão primeiro efetuar a operação da multiplicação, através dos números dados pela estagiária, para

posteriormente construirão o quadrado, no entanto, cada aluno poderá ter a sua estratégia, sendo este um dos parâmetros analisados/avaliados pela estagiária.

Por fim, a estagiária promoverá uma atividade da área de expressão artística, nomeadamente a expressão dramática, através de um jogo dramático “Que povo é que sou?”.

Em grupo de dois e três alunos, estes terão de interpretar a personagem que a estagiária lhes atribuirá, podendo assim caracterizar os povos, quanto às suas características mais marcantes, com o objetivo de os outros alunos descobrirem a sua identidade.

Esta dinâmica será repetida até que todos os grupos possam representar o povo que lhes foi solicitado.

É importante referir, que esta atividade terá como objetivos promover a expressão oral; desenvolver a comunicação entre pares; dominar alguns medos e receios, perante a exposição pública; sintetizar os seus conhecimentos; imitar/interpretar diferentes personagens; avaliar a sua própria prestação e a dos outros colegas.

Supervisora da ESEPF: Professora Maria dos Reis

Estagiária: Joana Gil Sobral Monteiro

Turma: 4.º Ano

N.º de alunos: 21

Data: 20 de novembro de 2012

Duração: 09h-12h30 e 14h00-15.30h

Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo Estimado	Recursos Materiais	Avaliação
Estudo do Meio	Á descoberta dos outros e das instituições	O passado nacional Fundação de Portugal	- Desenvolver uma sequência lógica da matéria dada. - Identificar o património do passado nacional;	- Acolhimento Revisão da aula anterior - Diálogo sobre a formação de Portugal – Independência e alargamento do território nacional; - Apresentação de imagens, alusivas aos monumentos construídos no reinado de D. Afonso Henriques. - Continuação da elaboração do friso cronológico;	10 min	Powerpoint com imagens de monumentos do reinado de D. Afonso Henriques - Friso cronológico	Observação Direta
			- Localizar datas e factos importantes no friso cronológico;	15 min			
Língua Portuguesa	- Compreensão Oral	- Audição	- Escutar para aprender e construir conhecimentos;	- Audição da canção;	20 min	- Computador - Canção (livro)	

<p>Expressão Musical</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura - Expressão oral; 	<p>- Interpretação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever o tipo de texto apresentado; - Retirar o essencial da letra da música; - Enquadrar o tema da música com a matéria dada; - Identificar a personagem principal da canção; - Localizar a informação a partir de palavras/ expressões chave; - Identificar rimas (palavras que rimam entre si); 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre as características do texto - Interpretação ideológica da letra da canção; - Diálogo com os alunos sobre o tema central da canção. - Preenchimento da letra da canção com lacunas (os espaços em branco – completar a canção); - Leitura silenciosa da letra da canção; 	<p>20 min</p> <p>10 min</p> <p>20 min</p> <p>30 min</p> <p>20 min</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Canção (Cd) - Ficha - Quadro 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de acompanhamento <p>Observação Direta</p>
		<p>Sinais de</p>	<p>Identificar e aplicar</p>	<p>- Apresentação de palavras do</p>			

Matemática	língua	pontuação e auxiliares da escrita	sinais de pontuação e auxiliares da escrita em frases e textos.	texto que rímem; - Seleção de palavras desconhecidas; - Diálogo em grupo sobre os sinónimos das palavras selecionadas; - Identificação dos diferentes tipos de frase a partir do texto.	10 min	- Quadro; - Sinais de pontuação da aula anterior.	
		Tipos de frases	Identificar os tipos de frase: declarativo, interrogativo, exclamativo e imperativo	- Identificação dos diferentes tipos de frase a partir do texto.	15 min		
		Estimativas	-Resolver as operações com números naturais por meio de estimativas;	- Jogo "Qual o resultado estimado desta operação?"	35 min	- Quadro - Cartões.	- Observação direta
	Operações com números naturais.	- Cálculo mental - Comunicação matemática	- Resolver as operações com números naturais por meio de cálculos exatos; -Saber interpretar os resultados obtidos;	- Apresentação aos colegas dos resultados obtidos	30 min		Observação direta

Descrição da Atividade:

Inicialmente, a estagiária fará uma breve revisão da aula anterior, com a participação dos alunos, com o intuito de fazer uma avaliação dos conhecimentos adquiridos. De seguida, a estagiária dará continuidade à matéria, falando sobre a formação de Portugal – Independência e alargamento do território nacional, e ainda, referenciará os monumentos construídos no reinado de D. Afonso Henriques, através de um PowerPoint com imagens.

Com o objetivo de localizar as datas referentes aos factos e acontecimentos mais relevantes da história nacional, nomeadamente no reinado de D. Afonso Henriques, a estagiária continuará a elaboração do friso cronológico, pedindo a colaboração da turma para que, em conjunto, procedam ao preenchimento do mesmo.

Em seguida, de modo a fazer a ligação com a área dada anteriormente, a estagiária iniciará a área de Língua Portuguesa, através da música “Afonso nasceu valente” referente ao rei D. Afonso Henriques. A estagiária entregará a cada aluno uma folha com a letra da canção que se encontra incompleta (com lacunas), para que os alunos a preencham durante a audição da mesma. Durante esta atividade, a estagiária terá em conta a diferenciação pedagógica e, mediante as dificuldades sentidas pelos alunos, repetirá a audição da canção, caso seja necessário, para que todos os alunos a realizem com sucesso.

Após a sua audição, será feita uma interpretação ideológica a fim de perceber se todos os alunos entenderam o seu significado, analisando a letra da canção, tendo em conta o tipo de texto, identificando as palavras que rimam. Os alunos identificarão também, os sinais de pontuação, os diferentes tipos de frase, os sinónimos de palavras selecionadas tanto pela estagiária como pelos alunos, entre outras análises importantes para a compreensão do texto.

Após esta atividade, a estagiária pedirá à turma para a cantarem em conjunto.

Posteriormente, a estagiária solicitará aos alunos a escrita da letra da canção numa folha A3, para posteriormente a colocarem no placar da sala.

No período da tarde, a estagiária iniciará a aula de Matemática, sistematizando a matéria da aula anterior, relativamente às estimativas.

Assim, de modo a possibilitar uma atividade mais motivadora e, ao mesmo tempo, trabalhando diversas competências, a estagiária elaborará um jogo “Qual o resultado estimado desta operação?”.

Para a realização deste jogo, a estagiária entregará a cada grupo de 2 e 3 elementos, cartões com números e com sinais de multiplicação, divisão, subtração e adição, com o intuito

dos alunos formarem operações, livremente e, deste modo, chegarem ao resultado por estimativa e cálculo exato, interpretando os resultados obtidos.

No decorrer do jogo, a estagiária proporcionará um momento em que determinará a operação que a turma deve executar, pois, é importante conceder um espaço para que os alunos possam fazer as suas livres escolhas, mas é também fundamental que haja momentos em que a professora/estagiária possa intervir, aumentando o nível de dificuldade.

Durante este jogo, a estagiária acompanhará os alunos, de modo a compreender as diferentes estratégias utilizadas, assim como o raciocínio realizado por cada um dos grupos.

Orientadora de Estágio: Professora Maria dos Reis

Estagiária: Joana Gil Sobral Monteiro

Turma: 4.º Ano

N.º de alunos: 21

Data: 3 de dezembro de 2012

Duração: 09h-12h30 e 14h00-15.30h

Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo Estimado	Recursos Materiais (Adicionais)	Avaliação
Língua Portuguesa	- Oralidade: Compreensão Oral	- Poesia	- Saber caracterizar o tipo de texto lido; Ler e interpretar textos narrativos e poéticos;	- Acolhimento - Revisão da matéria – Construção da árvore genealógica da 1ª Dinastia.	10 min	- Cartolina - Canetas de cor - Imagens elucidativas	Observação Direta
	- Leitura	Leitura de textos poéticos;	- Saber identificar as características de um texto poético; - Identificar diferenças/semelhanças entre rima, versos e estrofes; - Nomear o tipo de rima quanto ao número de estrofes;	- Leitura de um texto poético do livro “Portugal para miúdos” de José Jorge Letria - Interpretação do poema, através de um jogo.	20 min	- História (livro) - Quadro	
	Oralidade: Expressão oral;	Análise de textos poéticos. - Planificação e textualização de textos poéticos			30min		

	<p>- Conhecimento Explícito da língua</p>	<p>Operações com números naturais</p>	<p>- Representação de números até à classe do milhão (consolidação). - Operações com números naturais - Cálculo mental - Comunicação matemática</p>	<p>- Identificar as palavras que rimam; Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...; - Saber resolver as operações com números naturais. - Decompor os números por ordens. - Decompor os números por classes.</p>	<p>- Descoberta de palavras desconhecidas, através do dicionário; - Jogo “ Descubre os resultados das operações”</p>	<p>- Quadro - Dicionários - Caderno diário</p> <p>- Quadro - Cartolina; - Canetas de filtro - Tesoura - Fita-cola</p>	
<p>Matemática</p>	<p>Á descoberta dos outros e das instituições</p>	<p>O passado nacional - 2ª Dinastia e Os Descobrimentos</p>	<p>- Identificar datas e factos importantes. - Conhecer personagens importantes do passado nacional.</p>		<p>20 min</p> <p>20 min</p> <p>10min</p> <p>30 min</p>		<p>40 min</p>

<p>Estudo do Meio</p>			<ul style="list-style-type: none"> - Saber seleccionar informação importante. - Organizar a informação na árvore genealógica; - Conhecer os instrumentos utilizados nas viagens marítimas; - Manipular e experimentar novos materiais e combinações de cores; - Construir objetos com diferentes formas e volumes; - Explorar as possibilidades técnicas, utilizando suportes de diferentes tamanhos, espessuras; texturas, cores. - Desenvolver a motricidade fina; - Fazer composições plásticas, através de diferentes materiais 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre a matéria, de modo a perceber os conhecimentos prévios dos alunos; - Construção da árvore genealógica – 2ª Dinastia; - Visualização de um PowerPoint com imagens elucidativas - Construção de ramos brilhantes; - Construção de Estrelas dobradas; - Elaboração de quadrados brilhantes; 	<p>20 min</p> <p>20 min</p> <p>15min</p>	<ul style="list-style-type: none"> - PowerPoint com imagens - Cartaz com a caracterização de D. João I – Mestre de Avis. - Papel de Alumínio; - Papel de seda; - Papel grosso; - Papel vegetal; - Tintas - Pinceis; - Cola 	<p>Observação Direta</p> <p>- Observação direta</p> <p>- Registo Fotográfico</p>
<p>Expressão Plástica</p>	<p>Descoberta e Organização Progressiva de Volumes</p> <p>Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração de diversos materiais - Construções Exploração gráfica de diferentes materiais 					

Descrição da Atividade:

A estagiária dará início à aula com um breve diálogo com os alunos, com a intenção de proporcionar um momento de descontração, fomentando deste modo um bom relacionamento com a turma.

Após este breve diálogo, a estagiária sistematizará, com os alunos, a matéria lecionada na semana anterior, com o intuito de elucidar e relembrar os alunos sobre os temas em questão.

Assim, de modo a tornar mais atrativa a consolidação da matéria, a estagiária mostrará a árvore genealógica referente à 1ª dinastia, dando a possibilidade a estes de verem e compreenderem melhor a sucessão de reis e a formação da respetiva dinastia.

Após este momento, a estagiária incidirá sobre a área de Língua Portuguesa, através da leitura da história “Portugal para miúdos” de José Jorge Letria (Anexo I), nomeadamente, o poema sobre a entrada de D. João- Mestre de Avis, na formação de uma nova dinastia e os Descobrimentos. Esta leitura será, inicialmente, feita em silêncio e só, depois, em voz alta, a leitura realizar-se-á em coluna.

Ainda no seguimento do poema, será realizado juntamente com os alunos a exploração do conceito de poema, verso, quadra, estrofe e também de rima, alertando-os para o facto de a poesia poder ter, ou não, rima.

Posteriormente, a estagiária, em conjunto com os alunos, fará a interpretação do poema, no que concerne ao seu conteúdo, de modo a que estes o enquadrem na época e ainda se manifestem sobre os feitos/regalias que os Portugueses trouxeram ao País.

De modo a articular todo o processo ensino-aprendizagem, a estagiária passará da área de Língua Portuguesa para a de Estudo do Meio, incidindo sobre o mesmo tema – a 2ª Dinastia e os Descobrimentos. Através de um powerpoint, a estagiária mostrará algumas imagens, referentes a esta matéria, possibilitando aos alunos um melhor seguimento e visualização destes conteúdos. Em seguida, será construída, a árvore genealógica da 2ª dinastia, com a participação dos alunos, com o intuito de estes compreenderem melhor os reis da 2ª dinastia e a sua sucessão. Posteriormente, a estagiária mostrará aos alunos um cartaz sobre o reinado de D. João I, com o objetivo de os alunos o consultarem sempre que necessário.

No período da tarde, a estagiária introduzirá a área de matemática, preocupando-se sempre com a articulação dos diferentes conteúdos, promovendo assim a interdisciplinaridade.

Com esta finalidade, será feito um jogo com os alunos, através de questões relacionadas com os factos históricos que a turma tem vindo a trabalhar, de modo a fazer uma consolidação/revisão do milhã e das diferentes operações.

No final da tarde, a estagiária introduzirá a área de Expressão Plástica, com o intuito de desenvolver competências a este nível e proporcionar, aos alunos, atividades relativas ao Natal.

Deste modo, a estagiária organizará a turma, dividindo-a em dois grupos e a cada um atribuirá um trabalho. Num dos trabalhos propostos para esta aula, os alunos terão de construir em papel de alumínio e em papel de seda, “ramos brilhantes”, alusivos ao Natal. O outro grupo de alunos elaborará estrelas e quadrados brilhantes, em papel grosso para, posteriormente, serem decoradas ao seu gosto. Estes trabalhos serão depois colocados no placar exterior da sala.

Anexo I - História “Portugal para miúdos”

Morto o rei D. Fernando,
ficou uma crise aberta;
fındava uma dinastia
no meio de uma era incerta.

Lá entra o escudeiro e diz,
no tom de quem apregoa:
“O que fazem os Espanhóis
movendo cerco a Lisboa?”

Querem ter por sua conta
o destino desta terra,
mas chega o Mestre de Avis
e sem temor lhes faz guerra.

Nun’ Alvares no Alentejo
é o comandante à altura
dos desafios que lhe lança
esta prova que é tão dura.

João das Regras, doutor
das leis que fazem mudar,
ajuda João a sentar-se
no trono para governar.

E já o povo se junta
para saudar a dinastia
que nasce de um novo rei
em clima de euforia.

Se uma palavra bastasse
para tudo resumir,
dir-se-ia que este tempo
Foi tempo de descobrir.

De D. João a D. Henrique,
até Alcácer-Quibir,
vemos um povo pequeno
com sede de se expandir.

De olhos postos no mar
com a grande Espanha atrás,
ei-lo que embarca nas naus
para mostrar do que é capaz.

Já com Ceuta conquistada
e sem ter barcos a pique
sonha em Sagres, bem desperto,
o Infante D. Henrique.



Planificação do dia da Alimentação – Elaborada pelo grupo de estagiárias

(Dia 16 de Outubro de 2012)

<i>Dia da Alimentação</i>		AVALIAÇÃO	
<p><i>Compreensão do Oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> -Prestar atenção ao que se ouve, para: - esclarecer dúvidas; - fazer interferências; - cumprir instruções; - responder a questões acerca do que se ouviu; <p><i>Expressão Oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Participar em expressão orientada: - Interpretar diferentes pontos de vista; - Justificar opiniões e escolhas; <p><i>Leitura:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler; - Ler e ouvir obras de literatura para a infância e reagir ao texto; 	<ul style="list-style-type: none"> - Campo lexical - Alimentação saudável - Roda dos alimentos e seus constituintes - A alimentação e a saúde 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução e leitura da história “Come a sopa, Marta!” (Autora do livro: Marta Torrão e Ilustradora: Marta Torrão). - Referir a importância de uma alimentação saudável, quais as vantagens e desvantagens. - Abordagem da roda dos alimentos e dos seus constituintes. - Quiz “Quem quer ser saudável?” – Apresentação através de um PowerPoint. 	<p>30’</p> <p>30’</p> <p>10’</p> <p>20’</p>
		<ul style="list-style-type: none"> - Livro “Come a sopa, Marta!” - Computador - Retroprojektor 	<p>Através de Observação direta, da participação/aderência das/os crianças/alunos e do Quiz “Quem quer ser saudável?”</p>

						<ul style="list-style-type: none">- Fazer uma leitura que possibilite:<ul style="list-style-type: none">- detetar informação relevante;- identificar o tema central e aspetos acessórios;- formular questões;- identificar o sentido global de um texto;- Conhecer normas de higiene alimentar (importância de uma alimentação variada, lavar bem os alimentos que se consomem crus, desvantagem do consumo excessivo de doces, refrigerantes...).- Higiene alimentar (identificação dos alimentos indispensáveis a uma vida saudável, importância da água potável, verificação do prazo de validade dos alimentos...);- Reconhecer a importância de uma alimentação saudável;- Conhecer todos os elementos da roda dos alimentos;		
--	--	--	--	--	--	---	--	--

Descrição da atividade:

A manhã de atividades do dia da alimentação iniciará com a leitura da história: “Come a sopa, Marta!”, realizada por uma das estagiárias.

A história será transmitida às/aos crianças/alunos através da utilização do computador e de um retroprojektor, permitindo deste modo, uma maior facilidade de em visualizar as ilustrações da história.

No final desta, será feita uma pequena abordagem e interpretação sobre a história às crianças, questionando as mesmas, sobre o que fala a história, do que é que a Marta não gostava de comer, etc., fazendo com que haja uma interação entre crianças/alunos e adultos.

Em seguida, o grupo de estagiárias irá abordar e questionar uma vez mais as/os crianças/alunos sobre a importância de termos uma alimentação saudável, referindo a roda dos alimentos e os seus constituintes e quais as vantagens e desvantagens de ingerirmos/consumirmos determinados alimentos.

Para consolidarmos os conhecimentos e as informações que foram transmitidas às/aos crianças/alunos, será realizado um jogo de perguntas que tem como nome “Quem quer ser saudável?”. Este jogo será também em formato PowerPoint e será projetado numa parede, para que uma vez mais, as crianças/alunos possam ter mais facilidade em visualizar as perguntas.

Língua Portuguesa

- Cumprimento de instruções.
- Informação essencial/acessória na mensagem oral.
- Locução adequada.
- Adaptação do discurso ao contexto e interlocutores.
- Mobilização de vocabulário.
- Leitura de textos, com ritmo, clareza e entoação.
- Temas/ subtemas.
- Monitorização da compreensão.
- Correção ortográfica.
- Uso do dicionário.
- Legibilidade da caligrafia.
- Planificação textual: notícia, aviso, recado, convite, diálogo.
- Comunicação
- Campo lexical.
- Sinais de pontuação e auxiliares de escrita.

Matemática

- Números ordinais.
- Leitura e representação de números até à classe do milhão.
- Composição e decomposição de números.
- A adição e a subtração: estratégias de cálculo mental, propriedades, estimativas, algoritmos, resolução de problemas.
- A multiplicação: estimativas, estratégias de cálculo, regularidades, múltiplos, algoritmo, sequências, resolução de problemas.
- A divisão: relação com a multiplicação, estratégias

Área de Projeto

- Negociação das regras da sala de aula
- Organização das tarefas
- Organização da sala de aula

Estudo Acompanhado/ Apoio ao Estudo

Formação Cívica

- Participação
- Respeito

PAA

- Receção aos alunos
- Dia da alimentação

Anexo 15 - Planificação Mensal - 4º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico

Estudo do Meio

- O seu corpo.
 - Ossos (funções)
 - Músculos (funções)
 - Pele (funções)
- A segurança do seu corpo.
 - Cuidados com o sol.
 - Regras de primeiros socorros.
 - Prevenção de incêndios.
 - Segurança antissísmica.

Exp. Plástica

- Análise de formas visuais.
- Os elementos visuais (cor, linha, forma, textura, plano, luz, volume): designação e aplicação.
- Qualidades da cor.

Exp. Dramática

- Exploração das potencialidades motoras e expressivas do corpo.

Exp. Musical/ AEC Música

Exp. Físico-Motora/ AEC Desporto

- Perícia e manipulação

AEC Inglês

17/09 a 15/10

Planificação Integrada

Anexo 16 - Ata elaborada pelos alunos sobre a “reunião” Políticos por um dia.

Ata

No dia 22 de novembro a senhora dos “Políticos por um Dia” foi á escola explicar o que íamos fazer, disse o tema que íamos abordar e com a turma de que íamos debater que é da escola das Flores.

Para presidente ficou o Pedro Guilherme Pinto Magalhães com 5votos, para secretaria Maria João Carvalho Lobo com 6 votos para,vice-presidente Afonso Cachapuz Abreu Guimarães com 4 votos e para subsecretario Eduardo Mateus Oliveira Fernandes com 3 votos, ouve apenas um voto nulo.

Este ano, vamos falar sobre a Educação um tema muito exigente.

Vamos ter que seleccionar no mínimo um problema e resolvê-lo, de seguida, apresentamos à turma e escolhemos três com as respetivas soluções

Educação é um título que refere muitas coisas tais como: o que os professores fazem de mal; as escolas mal construídas; o mau comportamento dos alunos; a perda da autoridade;...

Anexo 17 – Portfólio Reflexivo - No contexto de Educação Pré-Escolar

Reflexão

Data: 13 de Março de 2012

“A Importância de Planificar com as Crianças”

Este estágio tem-me dado a possibilidade de confirmar a importância da planificação, através do contacto e interação com a equipa pedagógica e crianças.

Deste modo, “Planear é um processo intelectual no qual os objetivos internos dão forma a ações antecipadas. Quando as crianças pequenas planeiam, começam com uma intenção pessoal, um objetivo, um propósito.” (Hohmann e Weikart, 2009, p. 249). Assim, penso que a planificação é importante porque ajuda as crianças a terem consciência das suas capacidades, para darem forma às suas próprias ações.

Através da planificação, as crianças têm a possibilidade de articular ideias e de agir de acordo com os seus próprios interesses. Gradualmente vão se apercebendo que são responsáveis pelas suas decisões e ações, desenvolvendo a auto-confiança, o sentido de controlo e participando no processo de planeamento, com o objetivo de informar os outros das suas intenções antes de as pôr em prática. A planificação estimula as crianças a expressar os seus planos e observações, através das suas próprias palavras, permitindo-lhes assim “juntar detalhes às imagens mentais que estão a formar sobre aquilo que estão prestes a fazer” (Hohmann e Weikart, 2009, p252).

De acordo com Dewey, o desejo e o impulso de uma criança, representam a ocasião para o planeamento ocorrer, assim, “quando a criança planeia, ela pára entre o impulso e a ação para moldar o desejo e o transformar numa ação intencional” (Hohmann e Weikart, 2009, p. 251)

Exemplos deste efeito da planificação foram a construção da Lua, a construção do Sol, a construção de um Foguetão. Todas estas atividades surgiram do interesse das crianças, manifestado na hora de planificação.

É muito importante ter em conta o processo de planear-fazer-rever, porque “Ao fazer planos diários, ao segui-los e, depois, ao relembrar aquilo que fizeram, as crianças pequenas aprendem a articular as suas intenções e a refletir sobre as suas

ações” (Hohmann e Weikart, 2009, p.247), permitindo-lhes também que ajam com intencionalidade e recriem as suas experiências.

Ao longo do estágio, tenho tido a possibilidade de participar neste processo de planejar-fazer-rever, com a colaboração da Educadora. Verifiquei, por diversas vezes, que as crianças manifestam interesse nas três fases do processo, no entanto, quando se encontram nos níveis de planejar e rever, é visível a necessidade de um maior acompanhamento.

Assim, um dos meus objetivos é contribuir para que estes momentos se tornem mais frequentes, de modo a que as crianças desenvolvam o seu sentido crítico, expressando melhor as suas intenções e que acima de tudo se sintam confortáveis e capazes de refletir sobre as suas ações.

Na realização da planificação, elaborada regra geral à sexta feira, em conjunto com a equipa pedagógica e com as crianças, os adultos promovem um diálogo que possibilita às crianças expressarem os seus interesses e opiniões sobre as atividades que irão decorrer na semana seguinte. De acordo com Hohmann e Weikart, o planeamento é uma ação de cooperação adulto-criança, em que a criança dá a ideia e o adulto dá o apoio necessário para a concretizar.

Segundo o Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância, o Educador deve ter em conta, na planificação do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras. Deve também planificar actividades que sirvam objectivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares.

Assim, a planificação é sempre elaborada tendo em vista os interesses das crianças, o seu desenvolvimento e aptidões, bem como as áreas de conteúdo envolvidas, porque é extremamente importante planejar um conjunto de atividades que promovam a interdisciplinaridade, “visto que a construção do saber se processa de forma integrada, e que há inter-relações entre os diferentes conteúdos e aspectos formativos que lhes são comuns.” (Ministério da Educação, 1997, pág. 48).

É também importante realçar que a planificação deve ser flexível, possibilitando alterações sempre que seja necessário. Durante este estágio, já houve situações em que a planificação não foi seguida exatamente como se planeou. Estas alterações podem ser motivadas por diversos fatores, entre eles, a falta de tempo para a execução de todas as atividades planeadas ou a introdução de outras atividades propostas pelas crianças, equipa pedagógica ou instituição (festividades).

Portfólio Reflexivo – “O Espaço no Jardim de Infância”

Data: 4.04.2012

O espaço da sala, onde decorre o meu estágio, está dividido em diferentes áreas: área da Biblioteca, área dos Jogos e Construções, área da Expressão Plástica, área da Casinha e área da Informática, que “*permitem diferentes aprendizagens plurais, isto é, permitem à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade*”. (Oliveira-Formosinho, 2011, P.11)

A sala é ampla, permitindo às crianças uma movimentação fácil e o desenvolvimento de todas as atividades de uma forma autónoma, nas diferentes áreas.

O ambiente é acolhedor e saudável para as crianças desenvolverem as suas actividades, sobretudo porque a sala tem uma boa iluminação e é arejada. (Anexo I)

A sala está equipada com recursos materiais diversos: mesas, cadeiras, armários, placares, jogos e construções, livros diversos, computador, diferentes materiais necessários às brincadeiras do faz-de-conta, folhas, lápis de cor, canetas de feltro, tintas, plasticina, tecidos, materiais de desperdício/recicláveis, entre outros. (Anexo II)

Os diversos recursos materiais estão adaptados às idades e tamanhos das crianças, proporcionando-lhes autonomia na escolha dos materiais e segurança na realização das tarefas, possibilitando-lhes o desenvolvimento das suas capacidades e criando múltiplas situações de aprendizagem, porque na verdade “*Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.*” (Ministério da Educação, 1997, p.37).

Assim, num contexto de aprendizagem ativa, as crianças necessitam de espaços que sejam planeados e equipados de modo a que essa aprendizagem seja efetuada, “*Os ambientes que promovem a aprendizagem ativa incluem objetos e materiais que estimulam as capacidades de exploração e criatividade das crianças. Deve existir bastante espaço para estas brincarem, quer sozinhas, quer umas com as outras*” (Hohmann e Weikart, 2009, p.160).

Durante o meu estágio, tenho tido a possibilidade de intervir nas diferentes áreas da sala de jardim-de-infância, contribuindo para a dinamização do espaço e garantindo maior diversidade de materiais, uma vez que “*a organização do espaço em áreas e a colocação dos materiais (atendendo a critérios de diversidade, quantidade e estética) são a primeira forma de intervenção do(a) educador(a)*”.(Oliveira-Formosinho, 2011. p.12). Pude confirmar que “*Os papéis sociais, as relações interpessoais e os estilos de interpretação – que constituem a textura social básica – são vividos, experienciados e perspetivados nas experiências que cada área*

específica permite, nas naturais saídas de uma área e entradas numa outra que o desenrolar do jogo educacional vai requerendo” (Oliveira-Formosinho, 2011, p.12) e ainda confirmar que *“quando o ambiente é aberto a diferentes possibilidades, a criança passa a deter o poder de definir o que ele é ou para que serve, em vez de, estereotipadamente, identificar uma maneira “correta” de o entender ou de o entender ou de sobre ele agir.”* (Hohmann e Weikart, 2009, p.161).

Relativamente à área da Biblioteca, constatei no início do meu estágio, que era a área menos frequentada pelas crianças, talvez devido à sua decoração, que era pouco atrativa para este grupo de crianças. Como *“A sala de atividades não tem um modelo único, tal como não tem uma organização totalmente fixa desde o início do ano letivo até ao seu final. É o desenrolar do jogo educativo quotidiano que vai requerendo a sua organização e reorganização.”* (Oliveira-Formosinho, 2011, p.12), em conversa com a Educadora e com as crianças, decidimos fazer algumas alterações, de modo a torná-la mais confortável.

Como o projeto de sala é o “Espaço” e as crianças demonstraram interesse na construção de um foguetão e dos seus comandos, propus-me durante este período de estágio, com a participação do grupo, da Educadora e da Auxiliar, a dar início a estas atividades.

Mais tarde, surgiu a ideia de ter na área da biblioteca; um Astronauta, com o intuito de cativar as crianças e incentivá-las a visitarem esta área, estimulando-as e levando-as a participar em atividades, tais como “leitura de livros”, dramatização e ainda possibilitar a ligação com as outras áreas.

Verifiquei, com a introdução destes novos elementos, que havia uma maior frequência desta área, que as crianças criavam não só momentos de interação em pequeno grupo, mas também momentos em que estas isoladamente utilizavam a área para pequenas dramatizações no foguetão e com o astronauta, ou ainda para a “leitura de um livro”.

Para tornar esta área mais acolhedora irei propor à Educadora, na próxima Planificação, a colocação de uma manta de retalhos para as crianças se sentarem e estarem mais confortáveis durante as atividades.

Relativamente à área da Casinha, esta é uma área muito requisitada pelas crianças, onde recriam as suas fantasias e brincam ao faz-de-conta. Esta área assume *“a urgência do brincar e permite às crianças que os objetos e as situações sejam ocasiões de elas criarem realidades, porque a realidade não é só uma [...] A urgência é a de criarmos mundos para a criança em que os objetos são o que a sua imaginação quiser, em que as ações se desenrolam na colaboração com os pares para criar mundos”.*” (Oliveira-Formosinho, 2011, p.48).

A área de jogos e construções é eleita muitas vezes pelas crianças, essencialmente pelos rapazes, e a escolha recai quase sobre os mesmos jogos. Ultimamente, com a introdução de um

jogo de memória sobre animais, um dominó relativo ao projeto (Espaço), entre outros, pude constatar uma maior rotatividade na escolha dos jogos.

No que concerne à área da Plástica esta é uma área que tem sido muito utilizada, tanto ao nível de atividades orientadas como em atividades livres.

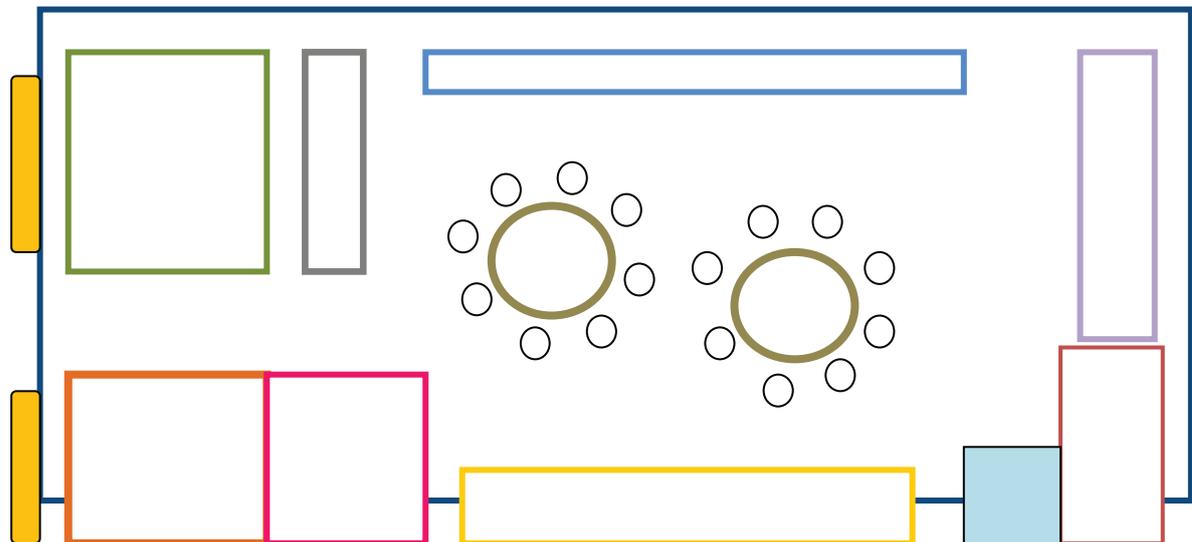
Em conversa com a Educadora Cooperante sobre as atividades que as crianças realizam nesta área, e ainda por observação direta durante as atividades, apercebi-me que as crianças necessitam de desenvolver as suas capacidades a nível da motricidade fina, coordenação óculo-manual e criatividade, sendo por isso necessário incidir nesta área. Assim, de acordo com Júlia Formosinho (2011), as tintas e os pinceis são indispensáveis para as crianças desta faixa-etária, porque as ajudam a representar, a criar, a narrar e a memorizar. Este tipo de materiais permitem que as crianças aprendam a organizar-se, a viver em relação e em colaboração com os outros.

De acordo com Hohmann e Weikart e segundo a análise da grelha de Expressão Plástica (Anexo II), concluo que é necessário colocar à disposição das crianças materiais de costura, como agulhas, carrinhos de linhas, entre outros, permitindo às crianças a exploração de novas atividades/aprendizagens.

Por último, mas não menos importante, é a área da Informática, um espaço que permite às crianças usufruírem das tecnologias de informação (computador), com um fim didático. Como as crianças utilizavam o computador apenas para jogar, a equipa pedagógica pretende fazer um maior acompanhamento quando as crianças estão nesta área, potenciando aprendizagens com base em pesquisas sobre assuntos do interesse das crianças.

Relativamente ao espaço de recreio, este é muito pretendido pelas crianças, porque lhes permite correr, saltar, e estar em contacto com a natureza. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, o espaço exterior é também um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças. Interaço com as crianças neste espaço, observando e participando nas suas brincadeiras, sempre com o intuito de garantir a sua segurança, privilegiando a proximidade e momentos de aprendizagem. (Anexo III)

Planta da Sala



Legenda:

-  Área da Informática
-  Área da Biblioteca
-  Área dos Jogos e das Construções
-  Área da Casinha
-  Área da Expressão Plástica
-  Mesas de Trabalho
-  Cadeiras
-  Armário de Apoio à área de expressão Plástica
-  Manta de Acolhimento
-  Armário
-  Porta da Sala
-  Janelas

Grelhas dos Materiais presentes em cada área da sala.

Grelha da Área de Jogos e Construções

Materiais:	Existe	Não Existe:	Existe Parcialmente:
Grandes blocos ocios e rampas.	x		
- Blocos de formas (no maior número de configurações e tamanhos possível)			X
- Blocos pequenos (coloridos e/ou numa só cor)	x		
Blocos feitos de pacotes de leite ou sumo cobertos com papel autocolante		X	
Pequenos veículos	x		
Mobílias de casas de bonecas	x		
Cubos de Construção	x		
Jogos de madeira	x		
Blocos de encaixe	x		
Figuras de encaixe	x		
Palhinhas	X		
Puzzles	X		
Cartas de	X		

jogos de memória			
Dominó	X		

Grelha da Área da Casinha

Materiais:	Existe	Não Existe:	Existe Parcialmente:
Forno e lava loiças à escala das crianças	x		
Garfos, facas, colheres à dimensão dos adultos			X (os utensílios existem, mas apenas à escala das crianças)
Recipiente para cozinhar (tachos, panelas...)	x		
Ampulheta e relógio de alarme		X	
Passador e peneira	x		
Cafeteira	x		
Pratos (rasos, de sopa, taças)	X		
Toalhas de mesa;	x		
Abre-latas		X	
Objetos para cozinhar e servir	x		
Bonecos	x		
Camas de bonecas, cobertores	x		
Animais de peluche		X	

Vassoura, pano de pó e tábua de passar a ferro	x		
Espelho	x		
Roupa e acessórios	x		
Caixa de ferramentas		X	

Grelha da Área de Expressão Plástica:

Materiais:	Existe	Não Existe:	Existe Parcialmente:
Papel simples para desenhar, papel de fotocópia	X		
Papel de jornal	X		
Papel quadriculado e pautado		X	
Folha de alumínio, papel de embrulho e de forrar gavetas			X (apenas existe folha de alumínio)
Caixas de cartão	X		
Papel autocolante em pedaços e em tiras	X		
Sacos de papel	X		
Catálogos e revistas	X		
Tintas	X		
Aquarelas	X		
Almofadas de carimbos	X		

Pinceis (vários tamanhos)	x		
Copos para colocar a tinta	x		
Batas ou bibes impermeáveis		X (existem bibes/batas, no entanto sem serem impermeáveis)	
Esponjas, toalhas e jornais	x		
Cola branca e cola líquida	x		
Fita-cola transparente e fita adesiva	X (utilizada com o auxílio do educador)		
Elásticos e fitas	x		
Agulhas com entradas grandes		X	
Plasticina	x		
Formas para trabalhar a plasticina e facas de plástico	x		
Carrinhos de linha e alfinetes		X	
Tecido, pedaços de feltro	x		
Botões, palhinhas	x		
Lápis de cera, lápis de cor, canetas de feltro (várias cores)	x		
Giz	x		
Tesouras	x		

Grelha da Área da Biblioteca

Materiais:	Existe	Não Existe:	Existe Parcialmente:
Livros de imagens	X		
Livros sobre conceitos	X		
Livros com histórias	X		
Bonecos para complementar histórias	X		
Armário para a colocação dos livros	X		
Flanógrafo	X		
Pufes e almofadas	X		
Fantocheiro	X		

Grelha da Área da Informática

Materiais	Existe	Não Existe:	Existe Parcialmente:
Computador	X		
Mesa	X		
Cadeiras	X (2 cadeiras)		

Portfólio Reflexivo – “O Trabalho de Projeto”

Reflexão

4.06.2012

Durante a prática pedagógica, o trabalho de projeto, foi a metodologia utilizada, porque “é através dos projetos que as crianças adquirem hábitos de questionamento, de trabalho de grupo e de resolução de problemas.” (Oliveira-Formosinho, 2003, p.6) Segundo as Orientações Curriculares, para a Educação Pré-Escolar (1997), agir significa concretizar na ação as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças, e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas.

A metodologia de Projeto é um modelo curricular, isto é, “...uma representação ideal de premissas teóricas, políticas administrativas e componentes pedagógicas de um programa destinado a obter um determinado resultado educativo. Deriva de teorias que explicam como as crianças se desenvolvem e aprendem, de noções sobre a melhor forma de organizar os recursos e oportunidades de aprendizagem para as crianças e de juízos de valor acerca do que é importante que as crianças saibam (Biber, 1984; Schubert, 1986; Spodek, 1973).” (Oliveira-Formosinho, 1996, p.15).

Assim, “O uso de um currículo emergente (Rinaldi, 1993) dá a possibilidade às crianças, educadores e famílias de se envolverem em projetos que surjam de interesses do quotidiano e da cultura envolvente.” (Oliveira-Formosinho, 1996, p. 122).

Um projeto é “um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo. Consiste na exploração de um tópico ou tema (...). O trabalho num projeto poderá prolongar-se por um período de dias ou semanas, dependendo da idade das crianças e da natureza do tópico.” (Katz, Chard, 1997, p.3).

Não há dúvida que a Educação Pré-Escolar “contribui para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagens” (Ministério da Educação, 1997, p.17), deste modo, todas as crianças devem ter a oportunidade de participarem e de se sentirem integradas no projeto.

Assim, as crianças podem decidir aquilo que querem descobrir através dos livros, materiais de consulta, da família e das outras crianças. Este trabalho “promove a confiança da criança acerca do seu poder intelectual e fortalece as suas disposições para continuar no processo aprendizagem.” (Oliveira-Formosinho, 1996, p. 123).

Segundo Katz e Chard (1997), é importante que, ao longo de um ano, todas as crianças participem pelo menos num projeto, porque “o trabalho de Projeto ajuda as crianças a

aprofundar e a perceber melhor o sentido dos acontecimentos e os fenómenos que ocorrem no ambiente que as rodeia”. (Oliveira-Formosinho, 1996, p. 123)

De acordo com John Dewey, o trabalho de projeto permite passar de uma ideia a uma ação, estruturando assim, diferentes fases ao longo do processo.

Existem quatro fases num projeto, a primeira fase é a definição do problema, “todo o problema implica um certo saber ou não saber, ou seja, antevê se terá ou não solução e para isso é preciso experiência” (Munari, 1982, pg 39), isto é, implica saber colocar problemas.

O projeto de sala nasceu do interesse das crianças, que através de um jogo de computador sobre um foguetão, foram levantando questões, como por exemplo: “Quem é que anda nos foguetões?”, “Para que serve?”.

O trabalho de projeto centra-se no interesse das crianças, ou seja, apoia-se na motivação intrínseca, assim, “quando as crianças são motivadas intrinsecamente respondem de formas que incentivam a sua disposição para trabalhar independentemente do professor, por exemplo, ajudando-se umas às outras.” (Katz, Chard, 1997, p.23)

O projeto pode ser iniciado com um objeto novo que uma criança levou, com uma história que é contada, uma situação/problema, etc.

Nesta fase, o papel do Educador é determinante, pois ajuda a manter o diálogo, a discussão, garantindo a complexificação das questões, dando palavra a todas as crianças, incentivando as menos participativas, a participar na tomada de decisões.

Já numa segunda fase, na planificação e lançamento do trabalho, ocorre uma maior consciencialização por parte das crianças daquilo que se vai fazer, por onde se começa, como se vai fazer, dividem-se tarefas, organizam-se os dias/semanas, antecipam-se acontecimentos, inventariam-se recursos (a quem pode recorrer/que documentação existe disponível). Nesta fase, o Educador observa a organização do grupo, aconselha, orienta, dá ideias e regista. (Anexo I)

De acordo com Vasconcelos, a criação de uma planificação em pedagogia de projeto pressupõe a formulação de hipóteses de trabalho, daí que, subjacente a este modelo de planificação, esteja a possibilidade de partir para uma multiplicidade de direções. É ideal a adoção de uma forma de planejar sistémica, prospetiva, incluindo visões do futuro e não a formulação de objetivos específicos.

Durante a prática pedagógica, as crianças tiveram uma aprendizagem ativa, passando pela decisão de tarefas, até aos materiais utilizados nas mesmas. Assim, as crianças puderam planificar as atividades, decidindo sobre inúmeros fatores, desde a cor a utilizar na pintura do Foguetão (dentro e fora), na forma da lua (Crescente, Minguante, Cheia...), no nome da sala, na pintura dos Planetas, na definição da ordem com que iam pintar os planetas, na organização das

áreas, no nome que se ia colocar à nova área, entre outros momentos de planificação igualmente oportunos e de elevado interesse para a aprendizagem das crianças.

O Educador permite à criança um papel ativo na aprendizagem, possibilitando um crescimento e desenvolvimento da criança a todos os níveis, desde a auto-estima, ao sentido crítico, confiança, desenvolvimento da linguagem, entre outras vantagens igualmente importantes.

Numa terceira fase, na execução, as crianças iniciam o processo de pesquisa a partir de experiências diretas: visita de estudo, entrevistas, pesquisa documental. Então, preparam previamente aquilo que pretendem saber, que perguntas desejam fazer. Podem usar máquinas fotográficas, um gravador portátil, papel e lápis, fitas métricas, etc.

Foram proporcionados vários momentos em que as crianças utilizaram as Tecnologias da informação e comunicação, para descobrirem as respostas às suas questões, através de vídeos, de jogos, imagens, intervindo sempre com o objetivo de mediar e ajudar quando necessário. (Anexo II)

É muito importante a criança “familiarizar-se com a utilização da internet, como modo de procura de informação, é uma prática que não pode ser negligenciada no jardim-de-infância” (Oliveira-Formosinho, 2011, p.94), pelo Educador, uma vez que promove aprendizagens em que a criança é o agente principal.

Nesta fase foram executadas as atividades que foram planeadas com a equipa e com o grupo de crianças. Ao longo do Projeto foram realizadas várias atividades, tais como a confeção do Sol, da Lua, construção de um foguetão, do Planeta Terra, de uma maqueta do sistema solar, entre outras, atendendo sempre aos interesses das crianças e às suas necessidades. Foram proporcionadas outras atividades como a introdução de um Astronauta e da mochila do Astronauta, com o intuito de motivar, despertar a curiosidade e interesse das crianças.

De acordo com Katz e Chard (1997) é aqui que as crianças multiplicam as suas linguagens, isto é, desenham, pintam, discutem, dramatizam, escrevem, recolhem dados e informação, contam, medem, calculam, preveem, fazem gráficos, anotam observações (podendo pedir auxílio à educadora, pais...) para obter informações, escrevem e cantam canções relacionadas com o que andam a pesquisar, etc.

Numa perspetiva de aprofundamento do projeto, a equipa pedagógica promoveu uma visita de estudo ao Planetário do Porto com o grupo de crianças, com o intuito de lhes proporcionar novas experiências. (Anexo III)

Durante a visita, as crianças tiveram a possibilidade de consolidar alguns conceitos, assim como aprender novos.

De acordo com Katz e Chard (1997), após terminada a pesquisa, as crianças, registam, selecionam e organizam a informação, consultam/elaboram mapas, preparam “dossiers” de consulta, afixam informações relevantes e voltam a consultar fontes de informação secundária (mapas, enciclopédias, panfletos, fotografias, livros, revistas...).

Com o objetivo de registrar os conhecimentos que vão sendo adquiridos, as crianças construíram uma teia onde referiram o que tinham aprendido, sem esquecer o registo individual através do desenho. (Anexo IV)

Foi através da troca de informação, da transmissão dos conhecimentos adquiridos pelas crianças, da colocação de imagens, sempre que necessário com o auxílio da equipa pedagógica, sobretudo no registo escrito, que se conseguiu a “leitura” de toda a informação pelas crianças, permitindo lembrar a maior parte dos conteúdos relevantes a absorver ao longo do projeto.

Durante o trabalho de projeto construí, com as crianças, quadros de investigação com as questões levantadas por elas, com as diferentes hipóteses referidas pelas crianças, assim como as suas descobertas, bem como quadros de registos de algumas atividades desenvolvidas durante o projeto. Foram facultados livros para consulta, materiais e equipamentos para o trabalho e por isso, durante as investigações, as capacidades de observação e de levantar questões foram aplicadas e fortalecidas.

Durante o Projeto, as crianças são encorajadas a fazer as suas próprias escolhas e a tomar decisões, geralmente em cooperação com os pares, acerca do trabalho que é preciso realizar, tendo um papel ativo na realização de todas as tarefas, ou seja, “A participação de cada criança e do grupo no processo educativo através de oportunidades de cooperação, decisão em comum de regras coletivas indispensáveis à vida social e distribuição de tarefas necessárias à vida coletiva constituem outras experiências de vida democrática proporcionadas pelo grupo”. (Ministério da Educação, 1997, p.36).

“As atividades no trabalho de projeto podem ser classificadas genericamente como investigações, construções e jogo dramático” (Katz, Chard, 1997, p.145), estando estas ligadas a todas as áreas e domínios do currículo, contemplando atividades sobre as artes da linguagem, iniciação à matemática e às ciências, música, expressão motora, etc.

Por último, na quarta fase, realiza-se a avaliação/divulgação do projeto. Deve iniciar-se com uma “socialização do saber”, isto é, a criança ao divulgar o seu trabalho tem de fazer uma síntese/análise da informação adquirida para ser percebida pelos outros. Exige que haja uma socialização dos seus novos conhecimentos, do seu saber, tornando-o útil aos outros, quer seja para a sala ao lado ou para o jardim-de-infância mais perto.

Como forma de divulgar o projeto realizado durante a prática pedagógica, as crianças, em conjunto com a equipa pedagógica, realizaram uma planificação, com o objetivo de perceber a forma como íamos mostrar/divulgar o projeto às outras salas (Creche e jardim de Infância).

Assim, em conjunto, decidimos apresentar um leque de imagens, através de um power point, com as diferentes fases do projeto, ou seja, o que as crianças foram construindo e adquirindo durante todo o processo.

Para além do power point com imagens, as crianças quiseram cantar a canção do “Astronauta e a nave espacial”, canção que foi cantada ao longo de todo o projeto.

Por último, mas não menos importante, o grupo decidiu fazer um teatro, sobre “O Sistema Solar”, referindo algumas características de cada elemento do Sistema Solar.

Cabe também aos educadores, acompanhar, coordenar e avaliar a concretização das tarefas dos projetos e a sua divulgação, isto é, gerir, orientar avaliar o trabalho. Compete-lhes, como orientadores, analisar as possibilidades reais de concretização do projeto tendo em conta os recursos e o tempo disponíveis. Assumem uma atitude de crítica construtiva, identificando os aspetos fortes e os aspetos fracos para melhorar o projeto de sala.

Assim, de acordo com o Perfil de Desempenho do Educador de Infância, este avalia, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.

Desta forma, a criança deverá ser capaz de adequar a informação ao público em questão, tratando-se de um processo cognitivo sofisticado e elaborado, podendo utilizar para se fazer entender, a forma que pretender., isto é, através da construção de uma maquete, um modelo, uma máquina, etc.

É importante que as crianças realizem uma avaliação ao trabalho efetuado e se empenhem em novos projetos ou em pesquisas mais aprofundadas, comparando aquilo que aprenderam inicialmente, analisando o contributo de cada elemento do grupo, a qualidade das tarefas realizadas e o nível de entre-ajuda.

Segundo Katz e Chard (1997), o trabalho de projeto oferece às crianças a oportunidade de fazerem escolhas a vários níveis, tendo cada uma delas implicações educacionais diferentes. Algumas escolhas são processuais, algumas estéticas e outras funcionalmente intrínsecas à atividade, tendo essas escolhas implicações ao nível das aprendizagens em áreas cognitivas, estéticas, sociais, emocionais, morais e físicas.

De acordo com Katz e Chard (1997), ao contrário da brincadeira espontânea, os projetos envolvem as crianças num planeamento avançado e em várias atividades que requerem a manutenção de esforço durante vários dias ou semanas.

No entanto, é importante salientar que o trabalho de projeto “não deverá substituir todas as práticas infantis correntes, nem constituir a totalidade do currículo, mas antes como parcela significativa de um programa educativo, estimular as capacidades emergentes e ajudar as crianças a dominá-las”. (Katz, Chard, 1997, p.10).

Com o intuito de estabelecer ligações entre a Escola-Família, e porque é fundamental que o agente educativo envolva as famílias e a comunidade nas atividades, a equipa pedagógica, estabeleceu contactos para que os Pais viessem à sala colaborar, falando de algo sobre o Projeto (anexo V).

De acordo com Teresa Vasconcelos, o trabalho de projeto pode tornar-se uma forma de criar uma “pedagogia de fronteira”, implicando assim, uma perspetiva de trabalho centrada em problemas e na interdisciplinaridade.

No trabalho de Projeto, “as crianças são incentivadas a avaliar o seu próprio progresso na aplicação de capacidades, a controlar a sua atividade e a seleccionar tarefas que elas próprias possam orientar” (Katz, Chard, 1997, p.27), tornando-se “especialistas da sua própria aprendizagem” (Katz, Chard, 1997, p.27).

Durante toda a prática fui avaliando e orientando o processo como um todo, adotando uma postura de mediadora, ao nível das atividades que foram sendo desenvolvidas, dando sempre autonomia às crianças, e contribuindo para um crescimento e desenvolvimento do grupo e de cada um individualmente.

Assim, “A abordagem de projeto oferece às crianças um ambiente de aprendizagem que desenvolve o sentido da sua própria competência e valor. Cria um sentido (etos) de sala de aula, em que os pontos de vista das crianças são levados a sério e os seus sentimentos e opiniões são respeitados. Oferece às crianças a oportunidade de experimentarem a sua crescente capacidade de formulação de juízos e de aprenderem com confiança com os seus erros” (Katz, Chard, 1997, p.167)

Os projetos oferecem às crianças um processo onde tudo o que se faz tem sentido para as crianças e tem uma intencionalidade educativa para os educadores.

Ao longo deste projeto, preocupei-me em acompanhar as crianças, nas suas conquistas, descobertas, dando lhes espaço para experimentarem, errarem e sobretudo para aprenderem consigo mesmas. Os progressos foram notórios, ganharam autonomia, a capacidade para planificar e dar ideias foi crescendo, assim como se tornaram mais capazes de refletir e avaliar as suas aprendizagens.

Assim, “Educar implica intensidade e envolvimento por parte do educador (Katz,1997). Implica partilha de propósitos e o enfoque adequado (Rogoff,1990) e, ainda, trabalhar na vanguarda do desenvolvimento da criança (Vygotsky,1978).” (Teresa Vasconcelos, 1997, p.19)



Anexo I - Planificação



Anexo II - Pesquisa



Anexo III - Visita ao Planetário



Anexo IV - Teia de Projeto



Anexo V - Envolvimento Parental

Portfólio Reflexivo – “As Relações Interpessoais”

26.02.2012

O Estágio tem me proporcionado não só a observação de comportamentos, mas sobretudo a interacção com as crianças e respectiva Educadora, em diferentes momentos de aprendizagem.

“Através da observação e da interacção os adultos aprendem a conhecer as crianças. Vêem-nas e ouvem-nas de perto conforme trabalham e brincam com elas para descobrir aquilo que as interessa, o que prende a sua atenção e o que compreendem sobre o mundo.” (Hohmann e Weikart, 2009, p.141) É por isto que sinto que esta experiência profissional me tem enriquecido e me ensina, a cada dia que passa, a lidar melhor com as crianças, com as suas necessidades, interesses e a compreende-las.

Em todas as atividades, a equipa pedagógica tem criado diversos momentos em que a linguagem é a grande protagonista, onde o principal objectivo é estimular as crianças a falar, criando oportunidades para falas cada vez mais ricas e expressivas, de modo a transmitirem mais facilmente os seus interesses.

Em relação à interacção criança-criança, verifiquei que estas estabeleciam contactos físicos e verbais, através de brincadeiras, conversas e até de pequenas discussões, porque *“As crianças de idade pré-escolar são progressivamente mais capazes de formar relações com colegas, mostrar consideração pelos outros e resolver problemas de forma cooperativa – comportamentos que refletem as suas crescentes capacidades de iniciativa e relações sociais” (Hohmann e Weikart, 2009, p. 570)*

Outra observação que considero relevante é o facto de as crianças habitualmente interagirem em pequenos grupos. Estes apresentam uma constituição muito semelhante à que ocorre quando as crianças se juntam para realizarem atividades livres.

No início do estágio, uma das dificuldades que senti foi saber qual a melhor forma de agir nos momentos em que as crianças se zangavam umas com as outras e me vinham pedir ajuda para a resolução dos seus conflitos. Com o apoio da Educadora Cooperante Helena, da Auxiliar Andreia e com o crescente envolvimento com as crianças, sinto cada vez mais facilidade em atuar, em fazer com que as crianças sejam mais participantes e ativas no processo de resolução dos seus problemas.

Pude já observar que *"as crianças começam por perceber como respeitar as necessidades dos outros, ao mesmo tempo que resolvem as suas. Começam também a ver que há frequentemente mais do que uma versão "certa" numa disputa, que os sentimentos dos outros são importantes, e que é possível resolver conflitos de forma a que ambas as partes fiquem satisfeitas com o resultado"*. (Hohmann e Weikart, 2009, p.615) e isso é enriquecedor na minha aprendizagem sobre o evoluir das crianças e da sua aprendizagem.

De acordo Hohmann e Weikart (2009, p 615-618), o Educador deve ter em conta as características desenvolvimentistas das crianças e como elas pensam. Dado que estas características influenciam a forma como as crianças abordam os conflitos, os adultos podem ajudá-las bastante a reconhecer e falar dos sentimentos das crianças, ao fazer da resolução dos problemas um processo ativo e ao fornecer às crianças informação adequada quando dela necessitam. O Educador deve também mostrar reconhecimento e falar sobre o que cada criança está a sentir, de modo a ajudá-la a reconhecer os próprios sentimentos e os dos outros naquela situação, com o intuito de contribuir para que sintam que têm controlo e para que compreendam que todos os sentimentos precisam de ser considerados. Não menos importante é o papel de incentivar as crianças a serem participantes e ativas no processo de resolução de problemas, como por exemplo "vamos tentar resolver este problema em conjunto", encorajando cada criança envolvida num problema a perceber de que forma este poderá ser resolvido.

É também imprescindível que o Educador mantenha um ambiente de apoio capaz de diminuir as situações de conflito, sendo necessário para isso a utilização de estratégias, tais como: estabelecer limites e expectativas para o comportamento das crianças, tendo em conta o seu desenvolvimento; fornecer múltiplas escolhas para brincadeiras; determinar e seguir uma rotina diária consciente; modelar as formas respeitadoras de interação com os outros e do uso do material e planear os momentos de transição.

Quando surgem conflitos o Educador deve seguir determinados passos, de modo a ajudar as crianças a resolverem-nos, sendo estes: abordar a situação com calma; reconhecer os sentimentos das crianças; definir o problema de acordo com aquilo que as crianças dizem, pedindo sugestões; repetir a(s) solução(ões) proposta(s), pedindo às crianças que tomem decisões sobre aquela a pôr em prática; encorajar as crianças a

porem em prática as suas decisões, fazendo comentários sobre o esforço que as crianças fizeram e o processo que utilizaram; estar preparado para apoiar o seguimento dos acontecimentos na resolução dos problemas das crianças.

A prática e experiência ajudar-me-ão a utilizar corretamente estes sete passos no processo de resolução de problemas das crianças, sempre com o intuito de intervir da melhor forma.

A nível de interacção criança-adulto, as crianças já se sentem mais à vontade com os adultos da sala, apesar de a equipa pedagógica estar há pouco tempo com este grupo de crianças.

Na realização das actividades com as crianças, tenho a preocupação de respeitar os seus ritmos, auxiliá-las e esclarecê-las sempre que têm dúvidas e orientá-las na realização das tarefas, interpretando as suas manifestações e comportamentos. Assim, “A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que a criança fale, fomentando o diálogo entre as crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar” (Ministério da Educação, 1997, p.66).

Ao longo do estágio, tenho tido o objectivo de manter as crianças atentas e interessadas nas actividades, num ambiente calmo mas chamando-as à atenção quando necessário. Sinto, contudo, que ainda tenho alguma dificuldade em gerir o comportamento do grupo.

Gostaria de referir, algumas situações em que tive a possibilidade de constatar que realmente as crianças já manifestam mais proximidade e maior confiança em mim. Uma delas foi dar a refeição, sem dificuldade, a uma criança com Necessidades Educativas Especiais, com um diagnóstico em estudo, tarefa esta que só a Educadora e Auxiliar conseguem fazer. Utilizei uma estratégia que consistiu na sequência e repetição de animais. A criança começava por dizer o nome de um animal que eu posteriormente repetia, ao mesmo tempo que lhe dava a comida (ex: Criança: “Elefante” – Estagiária: “Aqui vai o Elefante”). Chamarem-me Joaquina e abraçarem-me quando chego ao centro de estágio são também manifestações de carinho que me fazem sentir querida entre as crianças.

Durante estas semanas, observei a Educadora Cooperante a interagir com os pais e Encarregados de Educação das Crianças e ainda tive a possibilidade de contactar com alguns Pais, sobretudo no momento da receção das crianças na sala de acolhimento.

Tive ainda a possibilidade de verificar que há interação entre família-escola, através da participação dos Encarregados de Educação na pesquisa de materiais necessários para a realização de algumas atividades. Por isso, “ *Informar e envolver os pais é, portanto, uma palavra de ordem e, ao mesmo tempo, uma competência*” (Perrenoud, 2000, p. 114).

Em breve, irá ser implementada outra estratégia que permite uma ligação mais rápida entre os Encarregados de Educação e a equipa pedagógica. Trata-se de um e-mail que possibilita a troca de informações sobre as atividades que as crianças vão desenvolvendo na sala, assim como o envio de propostas feitas pelos Pais e Encarregados de Educação.

Portfólio Reflexivo “A minha primeira semana de Estágio”

Foi com agrado que recebi a informação, que tinha sido colocada numa das minhas opções de escolha, no Centro Social Paroquial São Miguel de Nevogilde com um grupo de crianças de 4 anos.

Como nunca tinha estagiado neste local, ao aproximar-se a altura de estágio, comecei a sentir algum receio e a questionar-me em relação a vários aspetos tais como: Como será o ambiente educativo do Centro? Será agradável? Qual será a reação das crianças? Quais os desafios que me serão propostos?.

Logo no primeiro dia, fiquei contente porque tanto a Educadora Helena Roxo, como as Crianças e a Auxiliar Andreia, receberam-me muito bem e senti-me integrada no grupo.

Durante esta primeira semana, pude interagir com todo o grupo, em diversos momentos de aprendizagem, tanto a nível de rotinas diárias, como em atividades livres e orientadas.

No decorrer das atividades, tive a possibilidade de participar nestas e interagir com as crianças, ajudando-as, estimulando-as e orientando-as sempre que necessitavam.

Nesta semana tive a possibilidade de observar as crianças na realização das tarefas em grupo e também conhecê-las individualmente.

Foi importante o contacto que estabeleci com a Educadora, pois colocou-me a par dos interesses das crianças, o que estavam a desenvolver na sala, e de algumas situações igualmente importantes, de modo a possibilitar-me um conhecimento mais detalhado sobre o crescimento e desenvolvimento destas crianças.

As minhas expectativas em relação a este estágio são essencialmente, adquirir conhecimentos e experiências enriquecedoras, para que no futuro possa ter as competências necessárias para ser uma boa Educadora.

Assim, espero que este estágio me permita crescer a nível pessoal, social e profissional.

No decorrer deste estágio espero contribuir da melhor forma para o desenvolvimento e crescimento das crianças, possibilitando a troca de conhecimentos.

As próximas semanas colocam-me outros receios: Como intervir da melhor forma? As atividades sugeridas serão do agrado das crianças, correspondem às expectativas da Educadora e Supervisora?

Contudo, espero que com a colaboração de todos os intervenientes neste processo, estes meus receios sejam superados.

De acordo com Júlia Formosinho (2002), o desenvolvimento profissional é uma caminhada que envolve crescer, sentir e agir. Envolve crescimento, como o da criança, requer empenho, com a criança, sustenta-se na integração de conhecimento e da paixão.

Anexo 18- Portfólio Reflexivo – 1ºCiclo do Ensino Básico

Reflexão “ A Primeira Intervenção”

Atendendo a que este estágio de intervenção é o primeiro na valência do 1ºCiclo do Ensino Básico e também porque não conhecia o local de estágio, ao aproximar-se o início deste, comecei a sentir algum receio e a questionar-me em relação a vários aspetos tais como: Como será o ambiente educativo da Escola? Será agradável? Qual será a reação dos alunos e quais os desafios que me serão propostos?

Logo no primeiro dia, fiquei contente porque tanto a Professora, como a turma, receberam-me muito bem e senti-me integrada no grupo.

Em relação aos desafios propostos, durante as duas semanas, penso que estes foram cumpridos.

Assim, durante este período, tive a possibilidade de contactar com a Professora Cooperante e observar o grupo/turma na realização das tarefas em grupo e também aperceber-me de algumas características individuais. Penso que é importante referir este primeiro contacto com a professora, pois colocou-me a par dos interesses dos alunos e perante outras situações importantes, de modo a possibilitar-me um conhecimento mais detalhado sobre o crescimento e desenvolvimento deste grupo, assim como a observação da turma, porque a observação, constitui a base da planificação, da intervenção e da avaliação, apoiando por isso todo o processo educativo.

Após as primeiras semanas de estágio, questioneei a Professora Cooperante sobre: “Que conteúdos é que deverão ser abordados na primeira semana de intervenção?”. Depois de saber o que era desejável abordar, seguiu-se uma das etapas fundamentais para uma boa intervenção: A Planificação.

Deste modo, planifiquei de forma a captar o interesse da turma, proporcionando atividades que explorassem os conteúdos programados, mas ao mesmo tempo, que tivesse uma componente lúdica associada. Preocupei-me em planificar momentos em que todos os alunos participassem, possibilitando uma colocação de dúvidas e curiosidades, a que fui respondendo.

É importante que o professor/estagiária tenha em conta, na sua planificação, o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as

competências de que os seus alunos são portadores, com o objetivo de fazer a diferenciação pedagógica.

Na explicação da matéria, tive o cuidado de ir ao encontro das vivências das crianças para que fosse mais fácil a compreensão de cada um dos conceitos, adotando uma postura o mais descontraída possível, de modo a que os alunos se sentissem mais à vontade para questionar. É importante referir que essa postura mais descontraída, não descuidava o cumprimento de regras. Posso afirmar que durante a aula, tive o cuidado de manter uma postura de abertura mas também de respeito entre todos.

Relativamente ao tom de voz, penso que o adequiei bem, tendo-o ajustado às diversas situações, pois a meu ver, este não pode ser monocórdico para permitir uma maior atenção dos alunos.

É importante referir que foi a primeira intervenção, e como é normal existem sempre aspetos a melhorar, como é o caso da escrita no quadro, a nível da letra, pois embora a professora cooperante não me tenha chamado a atenção para este aspeto, considero que posso melhorá-lo.

Penso que os materiais que utilizei foram bastante diversificados e possibilitadores de diferentes aprendizagens (Anexo 1).

O que suscitou mais interesse foi o jogo “Vamos formar números” (Anexo 2), pois todos estavam entusiasmados, tendo uma aluna no final da aula dito: “Joana foi muito giro este jogo”. Como o jogo permitia trabalhar várias noções matemáticas, na quarta-feira continuámos a utilizá-lo, desta vez com outro objetivo, o que me deixou bastante satisfeita, porque demonstrou ter sido uma boa estratégia.

Durante o estágio, uma das estratégias que gostaria de continuar a utilizar, é precisamente os jogos, pois penso que podem ajudar a transmitir informação e aprendizagens essenciais, mas de uma forma lúdica.

Penso que a utilização do Poster do Aparelho Músculo-Esquelético foi interessante mas devia ter sido entregue aos alunos no fim da explicação, e não no decorrer desta, pois alguns alunos, como estavam a ver o placar não estiveram tão atentos ao que estava a ser dito. Mudaria assim, esta estratégia.

O tempo que foi atribuído às diferentes atividades, durante a intervenção, penso que foi adequado, pois para além da transmissão de conhecimentos, permitiu sempre um tempo de reflexão, em que os alunos contribuíram com curiosidades e manifestaram

opiniões sobre o tema, colocaram dúvidas e falaram sobre as suas vivências/experiências.

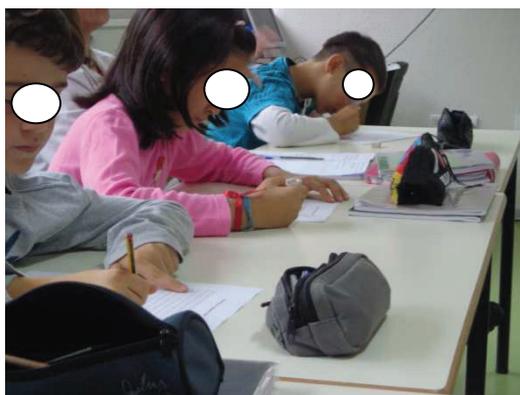
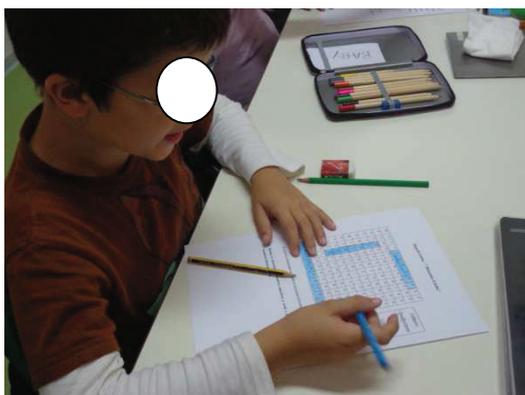
Relativamente à avaliação das crianças, tive o cuidado de ir observando os seus conhecimentos e dificuldades na realização das tarefas. Elaborei também uma ficha para trabalho de casa, com o objetivo de apurar os conhecimentos que adquiriram, após a minha intervenção, sobre “Os Músculos”.

No final desta semana, achei interessante, um dos comentários de duas crianças: Joana, para o ano vais para que escola?”. Respondi que não sabia porque iria depender do local onde arranjasse trabalho, e espontaneamente uma das crianças disse: “vem para Paranhos por favor nós vamos para lá”. Contento perguntei: “Gostavam que para o ano eu fosse vossa professora?”, e estas responderam: “Sim”. São comentários como este, que no início de um estágio, motivam e proporcionam um maior gosto em ensinar.

Sinto que esta turma de 4ºAno vai exigir muito trabalho e esforço, o que me agrada, pois seguramente um 4º ano contribuirá certamente para uma boa “bagagem” e crescimento, tanto a nível pessoal, como social e profissional.

As minhas expectativas, em relação a este estágio são essencialmente, adquirir e transmitir conhecimentos e experiências enriquecedoras, para que no futuro possa ter as competências necessárias para ser uma boa professora.

Anexo 1



Jogo – Sopa de Letras “Músculos à solta”



Placar do Corpo Humano

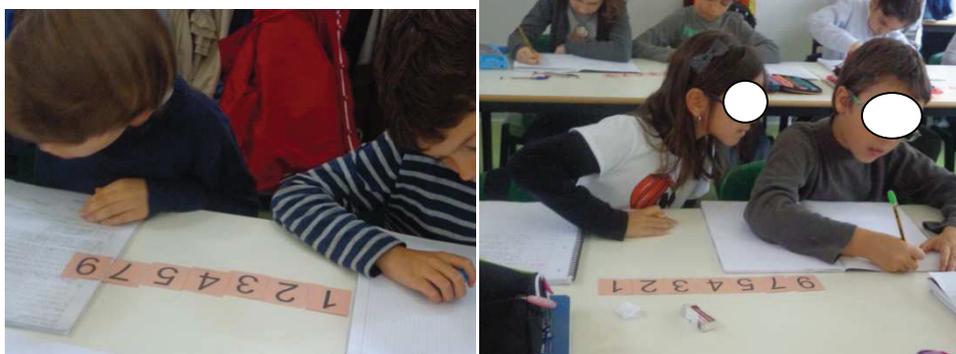


Poster do aparelho músculo-esquelético



Quadro com as diferentes classes do número

Anexo 2



Jogo “Vamos formar números”

Durante a semana passada, tive a possibilidade de intervir nos dias 15,16 e 17 de Outubro, tendo sempre a preocupação de melhorar alguns aspetos, que me fui apercebendo na primeira semana de intervenção.

Relativamente aos recursos materiais utilizados, durante as intervenções, penso que estes foram adequados, diversificados e motivadores, havendo sempre a intensão de transmitir diferentes conhecimentos e ao mesmo tempo proporcionar atividades que tivessem uma componente lúdica.

Na segunda-feira, de acordo com a planificação, sistematizei a matéria dada na aula anterior, pela Professora Cooperante.

Nesta aula, os recursos que despertaram maior interesse e participação dos alunos, foram o power point, com imagens relativas aos temas (Pele e Primeiros Socorros) e os objetos (uma pedra, duas bolas e duas garrafas de água), para a realização de uma experiência, em que os alunos tiveram a possibilidade de conhecer a textura, temperatura, entre outros fatores, de modo a compreender que as terminações nervosas existentes na pele, possibilitam-nos através do tato, conhecer determinadas características dos objetos.

Penso que esta atividade, foi bem sucedida, porque os alunos estiveram atentos e interessados, percebendo assim, com mais facilidade a matéria.

Quanto à gestão do tempo planeado para as atividades deste dia, tive alguma dificuldade, tendo sido excedido, porque os alunos mostraram-se interessados, e ao questionarem-me sobre determinados aspetos, relativos ao tema, achei importante não deixar passar esta oportunidade para os esclarecer e também dar-lhes o tempo para refletirem sobre essas questões.

Na explicação da matéria, tive o cuidado de ir ao encontro das vivencias dos alunos, de modo a tornar mais fácil a compreensão de cada um dos conceitos, adotando uma postura de abertura e ao mesmo tempo de respeito.

Relativamente ao tom de voz, penso que continuei a adequa-lo às situações que iam ocorrendo.

Terça-Feira, como era o Dia Mundial da Alimentação, na parte da manhã, o grupo de estagiárias da escola, participou numa dinamização sobre a alimentação saudável, apresentando informações sobre a alimentação, através de um power point e ainda um jogo relativo a este tema.

Penso que estas atividades decorreram bem, no entanto, houve aspetos que numa próxima dinamização melhoraria, tais como: dar início à sessão com a introdução de uma música para as/os crianças/alunos, de modo a tornar o ambiente mais descontraído enquanto esperavam por todo o grupo; organizava os grupos de forma a que cada um tivesse menos crianças, tornando assim mais fácil o seu controlo. Quanto aos recursos utilizados, penso que foram adequados à situação.

Relativamente à interação das estagiárias com os grupos de crianças/alunos, esta foi boa, mas se os grupos fossem mais pequenos, possivelmente seria melhor.

De tarde, como a Professora Cooperante, não estava presente, a aula foi orientada por outra Professora e pelas estagiárias, sendo proposto aos alunos, a elaboração de um trabalho sobre o dia da alimentação, articulando-o com a matéria dada anteriormente (Músculos e Pele). Esta atividade foi também importante, pois permitiu a interdisciplinaridade com uma abordagem a matérias dadas anteriormente.

Na quarta-feira, intervimos no final da manhã, como planeado, com o objetivo de promover, um jogo em grupo, “Procura a resposta certa”, de modo a consolidar e avaliar a matéria dada durante a semana (A Pele e os Primeiros Socorros). Neste jogo, trabalhei os conteúdos programáticos, desenvolvendo ao mesmo tempo diferentes competências, como a autonomia, o respeito pelos pares e a organização do tempo e do espaço.

Gostaria de salientar, que no início do jogo, um aluno perguntou-me: “Professora Joana, podemos dar nomes ao grupo das perguntas e das respostas?”, achei interessante e respondi que sim. De imediato, o aluno disse: “O grupo das Respostas é – Resposta na ponta da língua, e o das perguntas é – Que Pergunta?”.

No mesmo jogo, achei também curiosa a proposta de outro aluno: “Professora podemos ler a pergunta de uma outra forma?”, Exemplificando a leitura da pergunta, com uma entoação diferente. Acedi ao seu pedido, porque acho importante sermos flexíveis e utilizar as sugestões dos alunos, quando estas podem introduzir aprendizagens.

Assim, para terminar, penso que estas atitudes dos alunos e as propostas levantadas pelos mesmos são uma mais valia, no meu trabalho, tornando-o mais enriquecedor.

Anexo 1



Experiência

Em grupo falámos sobre o que observámos através do tato e quais as características que não conseguimos observar.

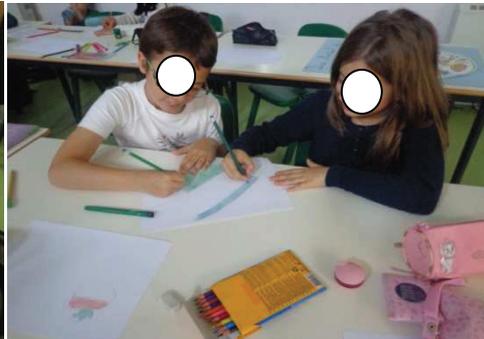


Os materiais passaram depois por toda a turma...

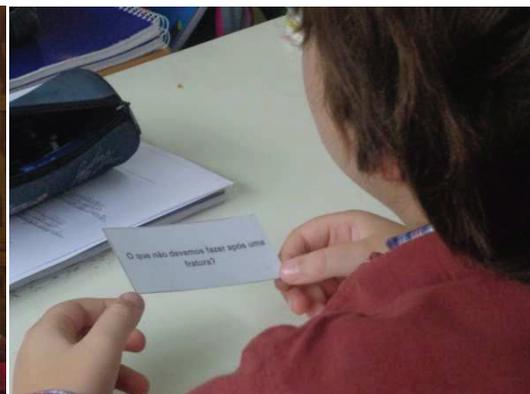
Anexo 2



Explicação dos Primeiros Socorros, através de um powerpoint



Atividade do Dia Mundial da Alimentação (Período da Tarde)





Jogo "Procura a resposta certa"

Relativamente à semana de 5 a 9 de Novembro, tive a possibilidade de intervir nos dias 5, 6 e 7 de Novembro.

De acordo com a planificação, na segunda-feira, iniciei a minha intervenção com Língua Portuguesa. Logo no início, a aula seria iniciada com a visualização de um vídeo, para que os alunos respondessem posteriormente a algumas questões sobre o mesmo. No entanto, houve um imprevisto porque o computador da sala não permitiu abrir o youtube, o que foi uma surpresa para toda a equipa pedagógica.

Assim, com a intenção de não causar tempos de espera, a visualização do vídeo foi deixada para mais tarde e iniciei a aula, revendo a matéria da semana anterior, uma vez que esta ia ao encontro do que pretendia abordar nesta aula.

Após a revisão da matéria, soube que os computadores da sala não permitem o acesso ao youtube, tendo sido necessário encaminhar a turma para a biblioteca, para aí visualizarmos o vídeo (Anexo I).

Relativamente ao exposto, penso que são muitas vezes estes percalços e imprevisibilidades, que fazem com que tenhamos a flexibilidade de contornar o problema e arranjar uma solução para o mesmo.

Assim, mediante esta situação, penso que a contornei bem, pois tive em permanente diálogo com os alunos, deixando-os realizar um raciocínio e uma sequência da matéria dada na aula anterior, que iria precisamente ao encontro do que ia ser exposto em seguida nesta aula. Comprovei também, que quando estamos seguros da matéria e das noções que queremos transmitir, quando surgem estas situações inesperadas, a facilidade com que falamos e agimos é seguramente melhor. Senti por isso, que os minutos em que a professora resolvia o problema do computador, em nada afetaram o sucesso da atividade.

Relativamente à visualização do vídeo, acho que foi um bom recurso, pois os alunos estiveram atentos ao vídeo e promovi um outro recurso e uma nova forma de trabalhar a língua portuguesa, o que ao longo das minhas intervenções tem sido um dos objetivos, porque acho importante variar os recursos que disponibilizamos aos alunos.

Após a visualização do vídeo, os alunos foram encaminhados para a sala e aí pedi, a cada um que o comentasse. Entre os vários comentários, destaco alguns, tais

como: “Professora uns falavam mais rápido do que outros”; “Eles falavam de uma forma esquisita”; “Gostei muito do texto e das ilustrações”; “No vídeo falavam de uma forma simples, percebia-se muito bem o que queriam dizer”; “Gostei, porque havia coisas que eu não sabia, como as moedas, nunca pensei que fossem assim”, entre outros comentários igualmente interessantes. É de referir também, que ao longo desta conversa fui orientando os alunos, de modo a que estes fossem respondendo às suas próprias questões e elucidando-os quando necessário.

Assim, penso que este diálogo/crítica ao vídeo foi importante porque não só me deu a possibilidade de ver os aspetos que a turma gostou mais e aqueles de que gostou menos, como também de avaliar a capacidade de cada um em dar a sua opinião e de argumentar/justificar as suas ideias. Após esta breve “discussão” do vídeo, foram dados alguns minutos para a execução da ficha/guião do vídeo, seguindo-se a sua correção. Deste modo, senti que a transmissão da matéria foi bem-sucedida (Anexo II).

De seguida, no segundo tempo da manhã, dei início á área de matemática, utilizando um problema sobre o Exército Romano, para fazer a transição de uma área para a outra, procedimento que tenho adotado em aulas anteriores (Anexo III). Penso que esta atividade correu bem, porque como já tenho constatado, é importante deixar que sejam os alunos a construírem o seu raciocínio, sendo a estagiária uma orientadora/mediadora de aprendizagens, intervindo sempre que necessário e tendo em conta a diferenciação pedagógica.

Deste modo, penso que ao permitir que os alunos expressem primeiro as suas ideias e conhecimentos, a sua motivação e esforço em conseguirem determinados resultados, promove uma aprendizagem mais útil, eficaz e sem dúvida mais enriquecedora para estes.

No final da tarde, como planificado, promovi um momento de expressão motora, inserindo o tema “Os povos” (Anexo IV). Assim, interligando as diferentes áreas, pode-se trabalhar diferentes conteúdos e realizar atividades interessantes e do agrado dos alunos.

Assim, posso afirmar que segunda-feira as atividades correram bem e de forma articulada.

Na terça-feira de manhã, como planejado, continuámos a falar sobre a matéria dada no dia anterior. Penso que o modo como foi dada a aula, foi interessante e promoveu diferentes aprendizagens (Anexo V).

No decorrer desta aula, houve uma situação, que me deixou menos confortável, pois perante uma questão colocada por um aluno, como não me lembrava da resposta, acabei por prolongar o diálogo por demasiado tempo. Embora saiba que perante estas situações devo pedir aos alunos para pesquisarem em casa, como um desafio, talvez por nervosismo, não o fiz. Vejo assim este erro como uma aprendizagem, e em próximas intervenções agirei adequadamente.

Posteriormente, os alunos elaboraram o friso cronológico e as letras que o identificam, para que fossem colocados no placar da sala (Anexo VI). Penso que todos gostaram desta atividade e do modo como a promovi, deixando que o trabalho fosse construído por eles e que as decisões partissem da turma, levando assim ao sucesso da atividade.

Fui avisada no dia anterior, que no período da tarde os alunos iam ter uma aula de música, com o objetivo de ensaiarem para os festejos dos 50 anos da escola. No entanto, antes de chegar o professor de música, a turma iniciou a composição sobre um dos Povos, como planeado.

Depois, tive a possibilidade de assistir ao ensaio promovido por um professor de música, tendo sempre o cuidado de observar os alunos neste contexto (Anexo VII). Penso que foi importante assistir a este ensaio, pois são momentos diferentes que como observadora, permitem registar evidências significativas de cada aluno, em diferentes áreas, neste caso expressão musical.

Quarta-feira, continuei a planificação de terça-feira, visto não poder intervir diretamente no período da tarde de terça-feira. Assim, quarta-feira, iniciei a aula, revendo a matéria de matemática, a multiplicação – estratégias de cálculo, inserindo um jogo – gelosia, através do exercício do exército romano, como forma de explicar esta estratégia (Anexo VIII). Penso que esta atividade foi importante, não só porque foram os alunos a descobrir o modo como se fazia, mas também porque contactaram com materiais manipuláveis e puderam descrever o seu raciocínio.

De acordo com a planificação e na sequência da matéria dada sobre os Povos que invadiram a Península Ibérica, proporcionei aos alunos, uma atividade da área de

Expressões Artísticas, mais concretamente da Expressão Dramática. Deste modo, elaborei grupos de trabalho, de três e quatro elementos, dando alguns minutos para que os grupos decidissem o povo que queriam representar e o modo como o queriam representar, seguindo-se depois as dramatizações (Anexo IX). Na minha opinião, todas as dramatizações me surpreenderam pela positiva, pois sabia que os alunos iam gostar da atividade, mas o modo como representaram e a forma explícita com que encarnaram as personagens foi muito interessante. Promovi também um tempo após cada uma das representações, para que o “público” se expressasse sobre o povo que tinha sido interpretado e o desempenho dos colegas na dramatização.

Quinta-feira à tarde, fui à escola entregar um jogo de gelosia, numa dimensão maior do que a que promovi na sala, de modo a que na sexta-feira, dia do aniversário da escola, os alunos realizassem uma atividade com a Avó de um(a) aluno(a). Gostei de realizar esta atividade, pois embora não pudesse estar presente na sexta-feira, pude participar com a confeção deste jogo.

Posso afirmar, que embora algumas vezes o que planeio ou que penso que poderia resultar numa aula, nem sempre resulta como gostaria, mas de facto esforço-me e trabalho para que as atividades sejam do interesse dos alunos, que cumpram os objetivos, possibilitem a diferenciação pedagógica, sejam interdisciplinares e inovadoras.

COMENTÁRIO

É INEGÁVEL QUE A JOANA ESTÁ A INVESTIR MUITO NESTE ESTÁGIO E TENHO A CERTEZA SERÁ UMA OPTIMA PROFISSIONAL.

Cpts. MR

Anexo I



Anexo II



Anexo III



Anexo IV



Anexo V



Anexo VI



Anexo VII



Anexo VIII





Anexo IX



Relativamente à semana de intervenção de 19 a 23 de novembro, tive a possibilidade de intervir nos dias 19, 20 e 21 de novembro.

Na segunda-feira, dia 19 de novembro, iniciei a aula com o desafio “a localização de Cartago”, proposto na minha aula anterior, dando primeiro a possibilidade aos alunos de apresentarem o material recolhido e falarem sobre o assunto.

Seguidamente mostrei aos alunos imagens elucidativas de Cartago, não só da sua localização geográfica, como também das suas ruínas, através de um power point. Preocupei-me também em apresentar um breve enquadramento sobre a época em causa e fazer a ponte para a matéria que iria ser lecionada nesta aula.

Penso que é da máxima importância desenvolver este projeto “Os Desafios”, pois promove a curiosidade dos alunos por descobertas passadas, presentes e futuras, enriquecendo assim os seus conhecimentos. Deste modo, tentarei responder sempre às dúvidas e solicitações de todos os alunos, numa troca de aprendizagens constante, dando especial atenção à qualidade dos conhecimentos transmitidos.

Posteriormente, de modo a articular a área de Estudo do Meio com a de Língua Portuguesa promovi a audição/visualização de uma história “D. Afonso Henriques – O conquistador”.

Penso que toda a turma gostou desta atividade, pois foi uma forma diferente de analisar a história, permitindo uma maior motivação e atenção dos alunos.

Após a visualização e audição da história, entreguei um guião para que os alunos respondessem a algumas questões relacionadas com a história. No fim, realizámos a sua correção em conjunto.

Com o intuito de avaliar a leitura, decidi como planeado, entregar a história em texto (papel), para que numa primeira fase os alunos a lessem em silêncio e posteriormente cada um lesse um parágrafo em voz alta. Só após esta leitura é que analisámos a história.

Durante esta análise, de modo a abordar os tipos de frase, promovi uma atividade em que os alunos teriam de retirar do texto frases, de acordo com o tipo de frase solicitado pela estagiária.

Para além disto, com a intenção de realizar também uma revisão dos sinais de pontuação, desenvolvi um jogo em que os alunos escolhiam uma frase do texto, escreviam-na no quadro e tinham de colocar, nos respetivos sítios, os sinais de pontuação adequados, identificando-a quanto ao tipo de frase (Anexo I).

Penso que estas atividades, em que são utilizados novos recursos, geram um maior nível de motivação, atenção e empenho dos alunos, o que as torna mais interessantes para a turma, resultando assim num maior sucesso das aprendizagens.

Após esta atividade, conversei com os alunos sobre a biblioteca de turma e como verifiquei que estes estão muito entusiasmados com esta iniciativa, implementei uma ficha de leitura, de modo a que os alunos fossem registando as suas leituras ao longo do ano. Senti que aderiram bem a esta atividade e a prova disso, foi o facto de uma aluna ter trazido a ficha de leitura preenchida, no dia seguinte (Anexo II).

Na intervenção da tarde, de modo a articular todas as áreas, introduzi a área de matemática, com problemas sobre Estudo do Meio (D. Afonso Henriques). Assim, com a intenção de diversificar cada vez mais as estratégias, utilizei o ditado de problemas, para verificar/avaliar os alunos na parte escrita.

Como foi a primeira vez que fiz este tipo de atividade, e ainda não tinha assistido a nenhuma, verifiquei que foi uma boa estratégia, pois permitiu-me avaliar a ortografia, a rapidez de escrita e a memorização de cada aluno.

No entanto, embora esta atividade tenha corrido bem, considero que há um aspeto a melhorar. Em vez de ler e perguntar aos alunos se podia continuar, devia ler duas vezes, para que os alunos que não tivessem ouvido/percebido à primeira, o conseguissem fazer numa segunda vez, evitando assim, que estes falassem durante o ditado.

Desta forma, constato que é através da experimentação de diversas estratégias que realmente posso melhorar e “crescer”, em todas as atividades, adquirindo a “bagagem” necessária para o meu sucesso profissional.

Terça-feira, dia 20 de novembro, iniciei a aula com a área de Estudo do Meio, realizando uma sistematização das aulas anteriores, mostrando um power point com os mapas, desde o início da reconquista cristã até à formação de Portugal, de modo a que fossem os alunos a construir todo este raciocínio. (Anexo III)

Penso que a utilização deste powerpoint foi muito útil, pois não só serviu para os alunos reverem a matéria dada, como também promoveu a localização dos acontecimentos no tempo e no espaço, até ao reinado de D. Afonso Henriques.

Com o objetivo dos alunos conhecerem e identificarem alguns aspetos referentes ao rei D. Afonso Henriques, mostrei um cartaz sobre o mesmo e posteriormente afixamo-lo no placar da sala, para que possa ser consultado pelos alunos sempre que o desejarem (Anexo IV).

Após este momento, utilizei uma música “ Afonso nasceu valente”, não só para consolidar a matéria dada, mas ao mesmo tempo para inserir as expressões artísticas, neste caso, a educação musical (Anexo V). Como já referi anteriormente, considero muito importante utilizar várias estratégias, mas não menos relevante é a articulação entre as diferentes áreas, promovendo a interdisciplinaridade.

Antes de colocar a música, distribuí uma folha com a letra incompleta/com lacunas, com o objetivo de os alunos a preencherem à medida que iam ouvindo a canção, com o intuito de avaliar a perceção auditiva.

Pude assim verificar que este tipo de atividades estimula os alunos e ao mesmo tempo, permite trabalhar diferentes conteúdos, contribuindo para uma maior atenção. Optei por começar por explicar aos alunos todo o processo da atividade, pois acho importante que os alunos saibam os objetivos desta e o seu encadeamento, proporcionando-lhes uma maior compreensão e interesse pela mesma.

Após esta breve explicação, os alunos, à medida que iam ouvindo a canção, iam preenchendo os espaços em falta; depois ouviram a música, com algumas paragens feitas pela estagiária, de modo a garantir que todos os alunos conseguiram realizar o correto preenchimento dos espaços em branco. A diferenciação pedagógica faz parte de todas as atividades planeadas.

Posteriormente, a estagiária fez, em conjunto com os alunos, uma análise do tipo de texto e a caracterização de D. Afonso Henriques e, por fim, como prometido, cantaram a canção.

Penso que fiz bem em organizar a atividade deste modo, incluindo a mensagem que passei aos alunos no início, pois como já sabiam as diversas etapas da atividade, evitei que estes se dispersassem.

É de referir que é extremamente importante proporcionar oportunidades de descontração. O cantar da canção foi um momento de diversão/ humor, que à semelhança de outros do género (desde que haja “bom-senso), propiciam um melhor desempenho dos alunos no decorrer da aula.

É importante referir que quando promovo estas situações de uma maior descontração, aproveito para lhes dizer que existem momentos para tudo, pois penso que é essencial eles saberem que desde que as regras sejam cumpridas, o professor não serve apenas para ensinar, mas também é um amigo, com quem podem falar, e é essa relação que pretendo manter, não só agora, mas também no futuro. A estagiária/professora deve estabelecer uma relação próxima com os alunos, principalmente nas valências de jardim-de-infância e 1ºciclo, para que haja uma boa relação aluno-professor e seja bem-sucedida em todo o processo ensino-aprendizagem.

No período da tarde, a estagiária iniciou a área da matemática, articulando as diferentes áreas, promovendo um jogo “Estimativas com D. Afonso Henriques”, que consistia na construção de operações e a sua resolução através de estimativas e cálculo exato (Anexo VI). Com esta atividade pude verificar/avaliar a prestação dos alunos a vários níveis, no cálculo por estimativas, na facilidade/dificuldade em fazer as diferentes operações (dividir, multiplicar, somar e subtrair), no cumprimento das regras do cálculo com as diferentes operações, na utilização das diferentes estratégias de cálculo, na facilidade/dificuldade em trabalhar em grupo, entre outros critérios.

Foi muito bom verificar que a maioria dos alunos quis utilizar a estratégia de cálculo pela gelosia, no cálculo da multiplicação, sinal de que perceberam a estratégia e que gostaram do jogo que elaborei com eles em semanas anteriores.

Assim, posso concluir que estes jogos proporcionam ao aluno não só um vasto leque de aprendizagens, como permitem ao professor compreender as dificuldades e os interesses de cada aluno e do grupo de trabalho.

Quarta-feira, como planeado, duas alunas apresentaram, por iniciativa própria, dois trabalhos à turma. A primeira aluna apresentou um livro que tinha lido em casa, identificando o título, o autor e o ilustrador, e posteriormente fez um resumo da história (Anexo VII).

A outra aluna apresentou o trabalho/vídeo sobre o tema “O passado do meio local”, que fez com a família. Penso que a apresentação destes trabalhos é muito

importante, não só porque promove um conjunto de competências na aprendizagem do aluno, como estimula os outros alunos a participar também nestes desafios. É importante também que o professor reforce este tipo de iniciativas.

Após estas apresentações, disse à turma que iriam continuar o trabalho da semana anterior, ou seja, a elaboração do projeto. Assim, de acordo com a votação da turma, o armário dos desafios irá ser pintado com padrões escolhidos por eles.

Como não podiam fazer todos a mesma tarefa, organizei a turma de modo a que uns pintassem o armário dos desafios (Anexo VIII) e outros comesçassem a elaborar a capa/dossiê de história (Anexo IX).

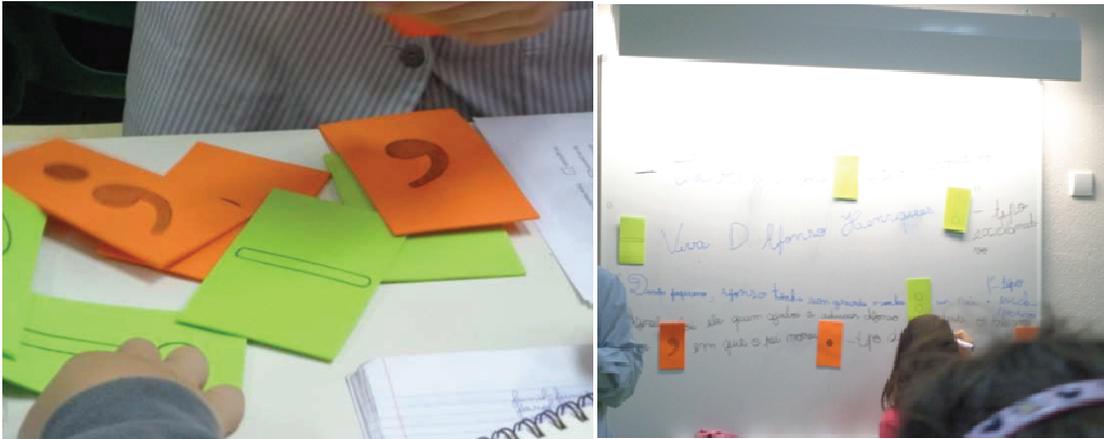
Antes de iniciarem o trabalho, em grupo, decidimos o nome do dossiê de história “O nosso passado”. Assim, um grupo realizou em folhas A4 a capa para o dossiê, para posteriormente a turma votar no preferido.

Fazendo um balanço desta semana, penso que correu bem, no entanto, há sempre aspetos que melhoraria nas minhas intervenções. Como aprendiz nem tudo é perfeito e após cada uma das minhas intervenções gosto de refletir e identificar quais os pontos de melhoria e aspetos a trabalhar.

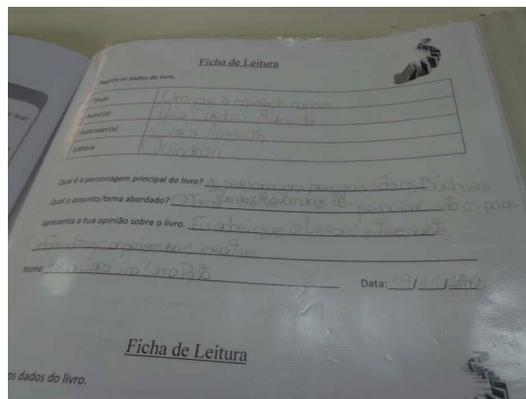
Assim, à medida que as intervenções se vão sucedendo, sou cada vez mais exigente comigo própria, pois se na semana anterior tenho uns objetivos para atingir, na próxima semana os objetivos já são outros. Este percurso é uma caminhada e nesta caminhada eu pretendo atingir o maior número de experiências e de oportunidades possíveis, para que no futuro esteja preparada para responder a todas as exigências e às eventualidades que possam surgir.

No que diz respeito à minha motivação, considero que é máxima, porque quando estamos envolvidos em algo de que gostamos e que nos preenche, a nossa motivação cresce, facilitando a criação de atividades enriquecedoras, que conseqüentemente geram entrega e entusiasmo nos alunos.

Anexo I



Anexo II



Anexo III



Anexo IV



Anexo V



Anexo VI





Anexo VII



Anexo VIII



Anexo IX



Anexo 19 – Avaliações no contexto de Educação Pré-Escolar

Avaliação Semanal

2.03.2012

Na semana de 27 de Fevereiro a 2 de Março, tive a possibilidade de realizar com a Educadora, a Auxiliar e com as crianças, as atividades propostas na planificação anterior.

Na Segunda-Feira, como algumas crianças não foram à natação eu e a Educadora Cooperante ficámos com este grupo na sala, possibilitando-lhes um período de atividades livres até os outros colegas chegarem. Durante as atividades livres tive a oportunidade de observar as crianças nas diferentes áreas e ao mesmo tempo ajudei a Educadora cooperante a organizar e melhorar o espaço e materiais existentes na sala.

Depois, como uma das crianças fazia anos, foi elaborado um livro, com os desenhos feitos pelas crianças, para no fim ser oferecido ao aniversariante. Ajudei também a criança a decorar a “Estrela do Aniversariante”, para depois este, a colocar no quadro dos Aniversários.

Durante a tarde, fizemos uma atividade sobre os meses do ano, em que falámos sobre estes e as festividades mais importantes, utilizando para este fim imagens elucidativas de cada mês.

As crianças tiveram a possibilidade de falar sobre este tema, e como algumas tiveram dificuldade em identificar algumas festividades eu e a Educadora fomos ajudando e corrigindo as crianças que mostraram maior dificuldade.

Falámos também sobre as estações do ano, dando relevo à Primavera, por ser a Estação que está mais próxima.

Foi curioso verificar que no dia 1 de Março, quando cheguei à sala de acolhimento, algumas crianças vieram ter comigo, e uma delas disse-me “estamos em Março é o mês da Primavera” e eu respondi: “muito bem, e mais?” e outra criança disse “é também o dia do pai”.

Penso que a dificuldade que as crianças demonstraram a identificar os meses é natural, e que será ultrapassada porque as festividades serão lembradas com o decorrer dos meses.

Neste dia festejámos o aniversário de uma criança da sala, dando oportunidade de um maior convívio entre todos.

Na Terça-Feira, de acordo com o combinado no dia anterior, as crianças trouxeram algumas pesquisas de casa, tais como livros, imagens e desenhos feitos pelas crianças e pelos Encarregados de Educação.

Foram também realizadas outras atividades em pequeno grupo, tais como a finalização da construção do sol, em que as crianças fizeram os raios de sol em papel, e a construção da lua, entre outras.

Para tornar a área da biblioteca mais pretendido pelas crianças, levei um grupo de crianças para esta área e em conjunto estivemos a contar histórias, dando-lhes assim a possibilidade de interagirem uns com os outros e proporcionando-lhes alguns momentos de imaginação e criatividade. Uma das histórias que as crianças contaram foi “A que Sabe a Lua”, tendo utilizado o flanológrafo para a colocação das personagens referentes à história.

Como íamos dar início na quarta-feira, à construção de um “foguetão”, falei com as crianças sobre as cores que elas gostariam de utilizar e verifiquei que todas queriam manifestar a sua opinião.

Falámos com as crianças sobre as alterações que foram feitas na sala, nomeadamente na colocação de capas, para os portefólios das crianças, explicando-lhes o seu objetivo. Foi-lhes também explicado que as tintas, pincéis, folhas foram colocadas num pequeno armário, na área da expressão plástica, de modo a tornar este material mais visível. Verifiquei que estas modificações contribuíram para um maior interesse das crianças por esta área.

Quarta-feira de manhã, como planificado, iniciámos a pintura do foguetão. As crianças pintaram-no, de acordo com as cores escolhidas no dia anterior. Esta atividade foi realizada em pequeno grupo, tendo sido rotativa, dando a possibilidade a todas as crianças de pintarem o foguetão. As crianças mostraram-se empenhadas na pintura, e nesta atividade observei-as e ajudei-as sempre que necessário. Pude verificar, que as crianças gostaram de realizar esta atividade.

Como a pintura do foguetão era rotativa, a educadora aproveitou as imagens dos planetas que uma criança trouxe de casa, para as distribuir por algumas crianças, a fim de serem pintadas.

Quinta-feira, no início da manhã falámos sobre a construção do nosso foguetão e perguntei-lhes se gostaram de o pintar, e elogiei-os sobre o facto de ter ficado bem pintado.

Durante o diálogo com as crianças, eu e a Educadora, perguntámos-lhes o que faltava no foguetão, as respostas das crianças foram várias, como por exemplo “ Falta o Chapéu do Foguetão”. Aproveitámos a forma do foguetão, para abordar o sólido geométrico cone.

Apercebi-me que apenas uma criança nomeou o nome correto do sólido, quando lhes mostrei a parte de cima de uma caixa com a forma de um foguetão.

Foi interessante observar mais tarde, na área da biblioteca, quando uma criança colocou na cabeça a parte de cima da caixa referida anteriormente, e uma criança disse-me” Joana o Frederico tem o cone na cabeça”, o que demonstra que esta criança após a conversa, referiu o nome do sólido e não o “Chapéu de palhaço” como antes lhe chamava.

Após este diálogo, apresentei às crianças cinco tabuleiros, lembrando-lhes algumas regras da área dos jogos, tais como o número de crianças que podem estar na área, e também o que teriam de fazer para utilizarem os tabuleiros devidamente.

Logo a seguir, em pequeno grupo, mostrei um jogo “Jogo da Memória”, sobre animais, pois este tema é bastante apreciado pelas crianças.

Ao interagir e participar no jogo da memória com as crianças, pude implementar algumas noções, como os plurais, dizendo por exemplo: 1 leão/2 Leões.

Pude constatar que algumas crianças sentiam dificuldades em construir o plural, dizendo por exemplo “Leaões”.

Pude observar que durante este dia e no dia seguinte, as crianças estiveram muito tempo a jogar este jogo, o que me agradou, pelo facto de mostrarem interesse por esta atividade.

Foi motivador, verificar que as crianças vinham ter comigo, para me dizerem quem tinha ganho e também quando alguma criança não respeitava as regras do jogo diziam em voz alta “ A Joana não ensinou assim”, ou ainda quando perdiam Joana não importa ganhar, importa jogar não é?”.

Depois de arrumarem a sala, a Educadora Cooperante colocou um Cd “Pequeno David e os sem soninho”, com a música “Astronauta e a nave espacial”, com o objetivo de proporcionar um momento de relaxamento. Esta atividade não foi planificada, no entanto, penso que correu bem, porque as crianças ouviram a música e a maioria manteve-se calma.

Assim, à medida que vou conhecendo o grupo, verifico que há necessidade de implementar novas estratégias, que permitam uma maior concentração das crianças nas atividades.

Sexta-feira, como as crianças têm inglês de tarde, apenas tive a oportunidade de falar com a Educadora e com as crianças sobre as atividades que decorreram de manhã na aula de expressão motora. Foi referido pela Educadora o comportamento das crianças durante a atividade e ainda a introdução de novos jogos na área dos jogos.

Como uma das crianças fazia anos, algumas crianças terminaram os desenhos para o livro de aniversários, que no fim seria entregue ao aniversariante.

Não foram cumpridas duas das atividades planeadas, ou seja, a modificação do quadro de presenças e a confeção do presente do dia do pai, contudo, houve um diálogo com as crianças, em que cada uma manifestou o que gostaria de dar ao pai nesse dia.

Relativamente à semana de 19 de Março a 23 de Março, esta iniciou-se com um dia muito especial para as crianças e para os pais das mesmas.

Segunda-feira, fui de manhã para o centro de estágio, com o intuito de observar e participar na rotina deste dia (Festividade). A rotina deste dia foi um pouco flexível, porque as crianças não foram de manhã para a natação, tendo a oportunidade de passar o período da manhã, na companhia do pai.

Logo que as crianças chegavam ao centro, dirigiam-se à respetiva sala com o pai, sendo direcionados para as diferentes atividades.

Os pais acompanhavam as crianças na pintura de um símbolo e colocavam-no numa das árvores. Tiveram a oportunidade de lerem os comentários que cada criança deixou para o pai “O Meu Pai é.....”, respondendo também estes com uma mensagem para o respetivo filho. Cada criança teve a possibilidade de entregar a prenda ao pai. Verifiquei que alguns pais se mostravam orgulhosos, abrindo a prenda no momento e fazendo o jogo ou ouvindo a história com a criança.

À Tarde as crianças tiveram a possibilidade de saltar e correr no recreio exterior, bem como de visualizarem um filme na sala de vídeo.

Penso que estas experiências são muito importantes para a minha prática, percebendo a dinâmica de uma rotina diária, mas também o funcionamento das atividades quando há dias festivos.

Outro dos benefícios de ter observado e participado nestes momentos, foi conhecer os pais, assim como o inverso. Porque são as palavras dos pais e Encarregados de Educação que também podem dar alguns feedbacks em relação à nossa prática. Uma mãe enquanto olhava para o foguetão, dizia “Está aqui um foguetão muito giro (sorrindo). É a Joana? O meu filho fala muito em si.”, é reconfortante quando recebemos estas palavras.

Terça-feira, as crianças contaram as novidades do dia de ontem. Fizeram o registo do dia do Pai e a equipa pedagógica leu as mensagens que cada pai escreveu para as crianças. Esta última atividade foi muito importante para as crianças, porque estavam todas ansiosas por saber o que é que os pais escreveram a cada uma das crianças. Penso que estes momentos de partilha Escola-Família, são muito importantes porque permitem que a criança sinta que os pais estão também envolvidos nas suas atividades.

Este dia foi dedicado também à chegada da Primavera. Assim, a equipa pedagógica falou sobre a Primavera, o que acontece na primavera, estabelecendo um diálogo sobre esta Estação do Ano.

Fizemos um jogo sobre a Primavera, em grande grupo, que consistia em cada criança dizer uma palavra que lhe lembrasse a Primavera. Na minha perspectiva estes jogos são muito importantes, tanto ao nível da linguagem/vocabulário, como do raciocínio.

Planificámos também uma atividade de culinária, onde introduzimos os ingredientes na mala do Astronauta, antes de as crianças irem para a sala e enquanto estas estavam na manta, pedimos para que uma das crianças fosse buscar um lápis à sala vizinha para que esta visse a mala que foi colocada em frente à sala, trazendo-a para a sala. Depois de verem os ingredientes que vinham na mala, descobriram uma carta no seu interior e a Educadora leu ao grupo. Esta dizia que tinham que ir pedir os materiais (utensílios) às salas vizinhas, e assim foi, organizaram-se em grupos de dois e foram pedir alguns utensílios à sala e outros à cozinha. Após termos todos os materiais necessários, iniciámos a confeção do bolo com o grupo de crianças. Penso que todas as crianças gostaram, pois todas participaram na atividade, com muito empenho. Na parte da tarde, fizemos o registo da atividade em pequeno grupo.

Na quarta-feira, como era dia da árvore, falei com o grupo sobre este dia e proporcionei-lhes uma atividade em grande grupo, que consistia na plantação de milho e feijão, de modo a que as crianças constatassem que estes só crescem/germinam dependendo de algumas propriedades. Esta atividade foi muito interessante, porque a planificação teve alguma flexibilidade, porque como as crianças demonstraram dúvidas em algumas propriedades (“é preciso muita muita água para a planta crescer”, a “Planta não cresce com algodão). Assim, proporcionei-lhes uma atividade dependendo das suas dificuldades. Durante a experiência apontei o que as crianças iam dizendo antes da experiência para depois em grupo confrontarmos o que eles pensavam que ia acontecer com o que realmente vai acontecer, construindo para isso um quadro de investigação. Para que este processo seja visto pelas crianças durante as próximas semanas, construiu-se um quadro de tarefas, onde as crianças disseram a ordem pela qual cada criança vai regar.

Quinta-feira de manhã, falámos em grupo sobre o nome da nossa sala, onde cada uma das crianças disse um nome para a sala. Eu ia apontando o que as crianças iam dizendo, e após esta dinâmica, li os nomes que as crianças foram propondo e estas iam votando no nome preferido e contabilizou-se o nome que ganhou “Planeta dos Amigos” e iniciaram a pintura da porta da sala.

A equipa pedagógica proporcionou uma atividade ao grande grupo, que consistia em colocar os trabalhos que as crianças queriam no respetivo portfólio. Penso que foi uma atividade muito importante para as crianças, porque puderam explicar ao grupo o motivo pela qual gostaram daquele trabalho, como o fizeram, entre outros comentários.

Na Sexta-Feira, as crianças tiveram atividade de expressão motora e na parte da tarde eu, juntamente com a Educadora cooperante falámos com as crianças sobre a avaliação da semana e a planificação para a próxima semana.

Segunda-Feira de manhã as crianças foram para a natação como já é hábito. De tarde, vesti-me de pintor (Amigo de Van Gogh) e fui à sala com o objetivo de dar a conhecer às crianças obras de pintores, e possibilitar-lhes a sua própria “leitura”.

Num primeiro momento apresentei-me e conversei com as crianças sobre pintura, como por exemplo: materiais utilizados pelo pintor, perguntei-lhes se conheciam algum pintor, se gostavam de pintar, o que gostavam de pintar, etc.

Posteriormente, mostrei dois quadros muito conhecidos de Van Gogh “o Céu Estrelado” e “O Quarto”, e em grupo falámos do que viam em cada um dos quadros.

Esta atividade foi muito interessante, porque inicialmente algumas crianças diziam “É a Joana, tem o sinal igual à Joana”; “ Tu és a Joana, cheiras ao perfume dela”, mas outros diziam “não é nada, a Joana não tem chapéu, nem tem óculos”.

No entanto, inicialmente foi um pouco difícil para os manter em silêncio, visto que era uma experiência nova e todos queriam falar.

Relativamente às obras, as crianças disseram do quadro do Quarto, “Esse é o quarto do Van Gogh, quando ele era pequenino”, “Ali é o armário da roupa e a porta é do outro lado”; “É um quarto velhinho”. Quanto ao quadro do “Céu Estrelado”, disseram: “ estou a ver as estrelas brilhantes”, “Aquilo é uma igreja”, entre outros comentários igualmente interessantes. No dia seguinte diziam “Joana eu sou o Van Gogh, estou a pintar um quadro”.

Na Terça-Feira, vesti-me de Astronauta, esta atividade tinha como principal intenção, iniciar o diálogo com o grupo de crianças, sobre a divulgação do Projeto.

Penso que correu bem, porque o grupo mostrou-se interessado em saber o que o Astronauta fez na viagem “especial”, e deram muitas ideias para a divulgação/apresentação do projeto.

Quarta-Feira, dois Pais vieram à sala falar sobre o Projeto, constato cada vez mais que esta interação Escola-Família tem proporcionado aprendizagens significativas nas aprendizagens das crianças.

Quinta-Feira, as crianças terminaram a construção da maquete, delineando as orbitas de cada um dos planetas.

Sexta-Feira, dia 1 de junho, foi o Dia Mundial da Criança. De manhã as Educadoras da instituição juntamente com as estagiárias realizaram um teatro da história “O Macaco de Rabo Cortado” para todas as crianças do centro.

De tarde, na sala, as crianças brincaram e receberam um presente, tendo posteriormente se dirigido para o recreio, onde iam ter um lanche partilhado com outras salas do jardim-de-infância, proporcionando-se deste modo diferentes interações.

Esta semana foi essencialmente dedicada à preparação e divulgação do Projeto “O Espaço”, com o intuito de dar a conhecer o projeto às crianças das outras salas (três salas de Jardim-de-Infância e duas de creche).

Assim, na Segunda-Feira, de manhã as crianças foram à piscina como já é hábito, e de tarde elaboraram os convites (desenhos), para entregarem aos meninos das outras salas. Em seguida, em grande grupo, relembramos o que íamos fazer na divulgação do projeto.

Na Terça-Feira, as crianças tiveram a visita de dois Pais, tendo um falado sobre os movimentos da Terra (rotação e translação) utilizando um jogo para maior perceção por parte das crianças e o outro Pai falou ainda sobre os Astronautas (Alimentação e deslocação no espaço).

Na Quarta-Feira, antes das crianças chegarem à sala, preparei uma atividade que consistia na leitura de uma carta do “Astronauta” que tinha visitado a sala, na semana anterior a explicar o motivo da sua ausência na divulgação do projeto.

Seguidamente houve a participação de outro Pai, que em conjunto com as crianças construiu um foguetão, explicando o lançamento de um foguetão no espaço.

Após a intervenção deste Pai, iniciou-se a divulgação do projeto, em que as crianças falaram sobre as imagens selecionadas sobre a realização de todas as atividades referentes ao projeto “O Espaço”. Em seguida cantaram a canção “Astronauta e a nave Espacial”, em que houve a participação de todas as crianças, incluindo as crianças convidadas, das outras salas.

Depois, foi preparado um pequeno teatro, em que um grupo de crianças apresentou os Planetas, o Sol e a Lua, utilizando para o efeito, uns fantoches de pau, referindo assim, algumas características dos mesmos.

Assim, durante as atividades, pude constatar que o grupo revela uma maior concentração, atenção e interesse nas atividades, o que me permite dizer que as atividades selecionadas pelas crianças em conjunto com a equipa pedagógica foram de encontro aos interesses das mesmas.

É no entanto de referir que na divulgação do projeto, houve crianças que se mostraram mais participativas do que outras, mas no geral todos contribuíram para o êxito destas atividades.

Em todo este processo, tentei incentivar e encorajar todas as crianças, de modo a torná-las mais participativas, ativas, ajudando-as sempre que necessário.

É de realçar que as crianças, durante todo este projeto, desenvolveram as suas competências e capacidades, manifestando uma evolução não só a nível cognitivo como também comportamental.

Anexo 21 – Instrumentos de Organização Social no contexto de Educação Pré-Escolar



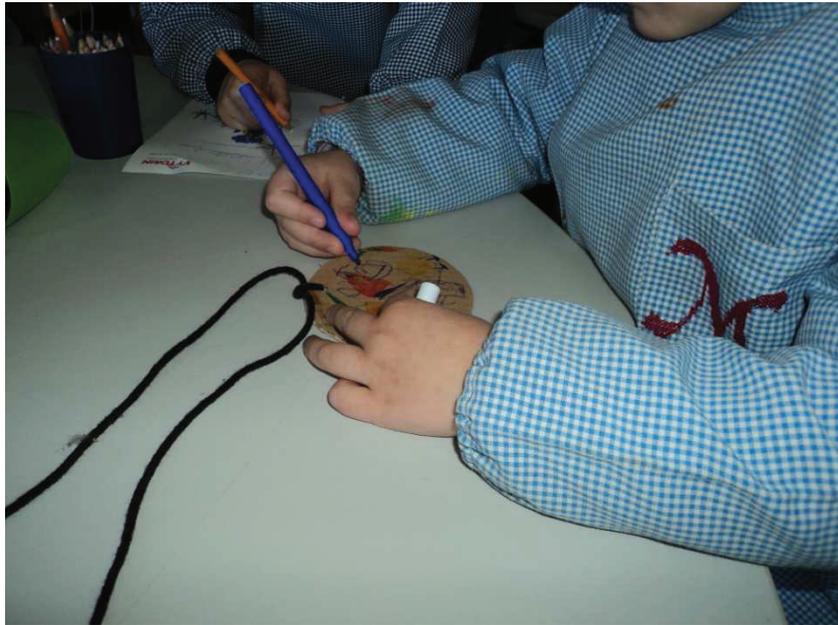
Quadro de Áreas



Quadro dos Aniversários



Quadro - Tarefas do Responsável



Pintura do Colar do Responsável por todas as crianças



Resultado Final - Colar do Responsável

Março 2012

seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom
				1 LUIZ ANTONIO	2 [Church icon]	3 [Church icon]
4 [Hand-drawn figure]	5 [Hand-drawn figure]	6 [Hand-drawn figure]	7 [Hand-drawn figure]	8 [Hand-drawn figure]	9 [Church icon]	10 [Church icon]
11 [Hand-drawn figure]	12 [Hand-drawn figure]	13 [Hand-drawn figure]	14 [Hand-drawn figure]	15 [Hand-drawn figure]	16 [Church icon]	17 [Church icon]
18 [Hand-drawn figure]	19 [Hand-drawn figure]	20 [Hand-drawn figure]	21 [Hand-drawn figure]	22 [Hand-drawn figure]	23 [Church icon]	24 [Church icon]
25 [Hand-drawn figure]	26 [Hand-drawn figure]	27 [Hand-drawn figure]	28 [Hand-drawn figure]	29 [Hand-drawn figure]	30 [Church icon]	

Quadro do Responsável



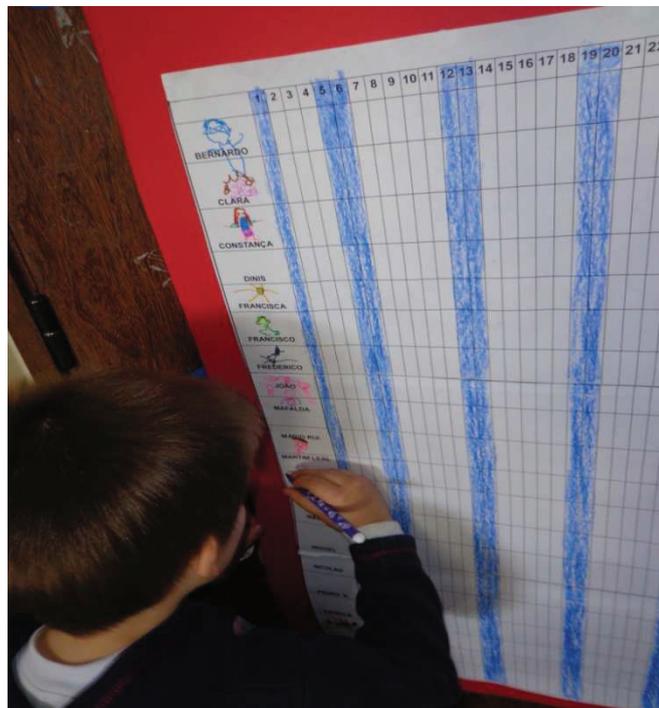
Quadro do Tempo



Quadro de Tarefas



Quadro de Presenças – (Antes de sofrer alterações)



Novo Quadro de Presenças

Anexo 22 – Carta dirigida aos Pais – Contexto de EPE

Caros Pais.

Eu, Joana Gil Sobral Monteiro, estagiária do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico, encontro-me a estagiar na sala do vosso filho e venho solicitar a vossa autorização e colaboração para a construção do portfólio da criança.

Este portfólio consiste na recolha de informação (fotografias, desenhos ou outro tipo de registos) que demonstrem algumas características, assim como a progressão e desenvolvimento da criança.

Os desenhos e fotografias deverão ser momentos significativos tanto para os pais como para a criança.

Após a escolha dos registos, gostaria que fosse feito um comentário pela criança ou pelos pais, sobre os registos selecionados.

Agradeço desde já a vossa disponibilidade e aguardo uma resposta, com a maior brevidade possível.

Atenciosamente

Joana Gil Sobral Monteiro

 8 de Maio de 2012

Assinatura dos Pais:

Anexo 23 – Entrevista aos Pais/Encarregados de Educação – 1ºCiclo do Ensino Básico

Para conheceres melhor o passado da tua localidade ou da região, entrevista uma pessoa da tua família ou utiliza outras fontes de informação:

- **Origem da Localidade:**

- **Personagens Famosas:**

- **Monumentos:**

- **Vestígios Históricos**

- **Instituições religiosas existentes:**

- **Outras informações importantes:**

- **Fontes utilizadas:**

Anexo 24 – Quadros de Investigação no contexto de Educação Pré-Escolar



Quadro de Investigação – Experiência “Semear feijão e milho”

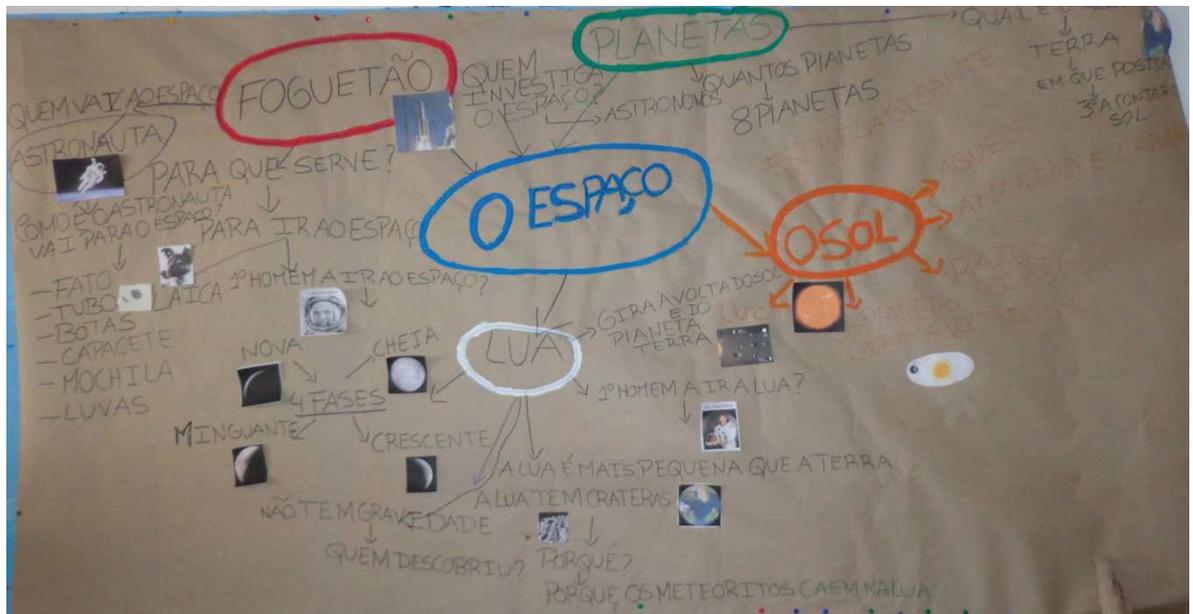


Quadro de Investigação realizado no âmbito da nova área “Centro de Investigação”



Quadro de Investigação – “O Planeta Terra”

Anexo 25 - Teia de Projeto “O Espaço” – Educação Pré-Escolar



Teia de Projeto



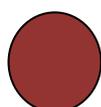
Participação Ativa das crianças na elaboração da Teia

Anexo 26 – Registos de Portfólio da Criança no contexto Educação Pré-Escolar

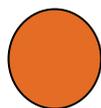
Áreas de Conteúdo



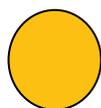
Área de Conhecimento do Mundo



Área de Formação Pessoal e Social



Domínio da Expressão Dramática



Domínio da Expressão Motora



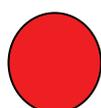
Domínio da Expressão Musical



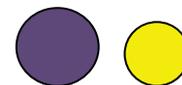
Domínio da Expressão Plástica



Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita



Domínio da Matemática



Nome da criança: Francisco

Data: 22 de Março de 2012

Observador(a): Joana Monteiro

Escolha do Registo: Criança



Comentário da Criança: “Joana quero pôr esta fotografia no meu portfólio porque gostei muito, pintei muito e fiz muito bem e porque era para pôr na porta da sala do planeta dos amigos.”

Comentário do Adulto:

Na atividade sobre o auto-retrato, notou-se que o Francisco retratou-se com alguns pormenores e atendendo às proporções do rosto.

Também através do comentário feito pela criança, verifiquei que o Francisco ficou satisfeito com o facto de ter sido bem sucedido nesta tarefa, porque desenhou bem e escreveu o seu nome corretamente.

Indicadores de desenvolvimento:



Expressão Plástica: Revela rigor ao nível do desenho, delineando a sua face, utilizando as cores e desenhando os elementos que a compõem com as proporções adequadas à idade.



Expressão Motora: Revela destreza manual na realização da tarefa proposta.



Nome da Criança: Francisco Gonçalves

Data da Situação: 12.06.2012

Escolha do Registo: Criança

Data do comentário: 12.06.2012



Incidente:

Durante um momento de atividades livres o Francisco disse: “Joana posso fazer um desenho? Vou fazer um aquário.”

Comentário da Criança:

Neste desenho eu fiz a água em azul, as algas de verde e os peixinhos de muitas cores”

Comentário do Adulto:

É importante realçar que o Francisco revela autonomia e criatividade na escolha das tarefas que realiza.

Quanto à realização do seu trabalho, revela preocupação em colocar alguns elementos que estão presentes num aquário, como as algas.

No seu discurso, faz uma associação entre o elemento considerado e a sua cor, de modo a explicar a descrição do seu desenho.

Indicadores de Desempenho:



Área de Conhecimento do Mundo: Revela conhecer alguns elementos que fazem parte de um aquário e as cores que estão associadas aos vários elementos



Área de Formação Pessoal e Social: Revela Autonomia na escolha/seleção das tarefas, optando por atividades diversificadas.



Nome da Criança: F.G.

Data da situação: 23.05.2012

Escolha do Registo: Joana Monteiro (Estagiária)



Comentário da criança: Joana quero pôr esta fotografia no meu portfólio porque eu e o frederico estamos a ver um livro sobre o espaço. Aqui eu estava a dizer ao tico que era o sol e que o sol é uma estrela gigante.

Comentário do Adulto: Relativamente à fotografia, é de salientar que foi um momento de partilha de saberes, em que demonstra atenção e interesse na recolha de informação, por parte das crianças.

No que concerne ao comentário do francisco, é importante referir que este revela conhecimento sobre o tema.

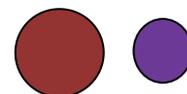
Indicadores de Desempenho



Área de Conhecimento do Mundo: Demonstra saber conteúdos abordados na sala sobre o projeto, bem como associa-los à imagem.



Área de Formação Pessoal e Social: Revela espírito de interajuda; Revela facilidade em comunicar e interagir com os pares.



Nome da Criança: F.G

Data da Situação:23.05.2012

Escolha do Registo: Estagiária

Data da escolha do registo: 23.05.2012



Comentário do Adulto:

O Francisco construiu esta casa, numa atividade livre, pedindo apenas ao adulto para lhe arranjar caixas de cereais para fazer uma colagem.

É importante referir que no final da atividade, este teve a preocupação e a vontade de mostrar aos amigos a casa que tinha construído, os materiais que utilizou e como realizou a tarefa. Estes momentos (planear-fazer-rever) são de extremamente importantes para as crianças.

Comentário da Criança:

Gostei muito de fazer esta casa porque nunca fiz nenhuma e fiz muito bem. Fiz com a caixa de Cereais e com cola, não precisei de ajuda, fiz sozinho.

Indicadores de Desenvolvimento:

Área de Formação Pessoal e Social

Autonomia: Revela autonomia, na realização das tarefas.

Segurança: Revela confiança na execução do seu trabalho

Relações interpessoais: Revela interesse em mostrar aos amigos o seu trabalho, bem como a forma como o elaborou



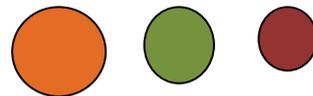
Área de Expressão e Comunicação



Domínio da Expressão Plástica

- Criatividade: Utiliza materiais reciclados para a execução de uma atividade:
- Revela pormenor na elaboração da casa

Descreve os seus gostos e preferências, justificando as suas afirmações.



Nome da Criança: F

Data da situação: Fevereiro de 2012

Escolha do Registo: Pais do F

Data da escolha do registo: 27.05.2012



Comentário dos Pais:

Este ano o Francisco fez questão de ir mascarado “À Porto” para as festas de Carnaval da sua escola. Embora nunca tenha ido ao estádio, o Francisco adora ir com o Pai e a irmã festejar os títulos do FCP para a baixa.

Comentário da Criança:

Quero por esta fotografia no portfólio porque estou vestido à Porto, era um jogador do Porto (risos), tinha a bola e tudo, parecia que ia para o estádio. Estou em frente à porta de casa para ir para a escola. Como é que se escreve Dragão? Era giro escrever, porque eu gostava de ir ao Dragão. Posso escrever?

Comentário da Estagiária:

O Francisco revela muitas vezes que o seu clube é o Futebol Clube do Porto. Demonstra saber o Hino, cantando com os amigos da sala, que pertencem ao mesmo Clube.

Durante o seu comentário pede para escrever a palavra Dragão o que permite afirmar que o Francisco não só quer escrever a palavra porque anseia um dia ir a este estádio, mas também comprova o querer saber mais, como por exemplo, escrever palavras que nunca escreveu.

Indicadores de Desempenho:



Domínio da Expressão Dramática: Revela capacidade de distinguir o real do imaginário, no entanto “entra” no jogo de faz de conta, vestindo-se com a roupa de um jogador de futebol, dizendo “até pareço um jogador do porto”



Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita: Revela querer escrever palavras que para a criança têm algum significado especial.



Área de Formação Pessoal e Social: Revela interesse pelo Futebol Clube do Porto, vestindo-se com a roupa de um ídolo.

Anexo 28 – Fichas de Avaliação Formativa – 1º Ciclo do Ensino Básico

Ficha nº 1 - Sopa de Letras – “Músculos À Solta”

M	O	X	T	G	E	M	E	O	S	B	Z
Z	C	H	D	F	E	M	U	R	F	G	P
P	L	G	E	I	H	T	I	B	I	A	A
C	I	L	L	Z	T	R	E	N	C	O	R
A	D	U	T	I	D	I	O	X	B	F	I
B	I	T	O	D	E	C	T	A	I	D	E
E	T	E	I	U	B	I	T	O	C	B	T
C	A	O	D	X	Y	P	S	U	I	O	A
A	L	S	E	U	M	E	R	O	P	U	L
C	O	L	U	N	A	T	B	A	E	C	O
F	A	L	A	N	G	E	O	G	T	X	A
Q	U	A	D	R	I	C	I	P	E	T	E

Gêmeos

Quadricípite

Bicípite

Glúteos

Deltoide

Tricípite

As palavras selecionadas encontram-se na posição horizontal e vertical, Encontra-as!

- 1. Rodeia os músculos dos membros superiores a verde e pinta os músculos dos membros inferiores a azul.**

Ficha nº 2 -Vamos Cantar! Afonso nasceu valente

O Afonso era um _____
_____, inteligente,
Destemido, atrevido
E, principalmente, _____!

Trazia sempre consigo
Uma _____ de madeira.
Imaginava _____
E ganhar sempre à primeira!

Refrão

_____ nasceu valente,
Com um _____ principal:
Ter coragem para criar
O _____ de _____

Cresceu só um bocadinho
E decidiu começar.

D. Afonso _____
- É altura de ser _____!

Está na hora de avançar!

Enfrentar dificuldades

E inimigos _____,

Sempre cheio de _____,

Como é próprio dos _____ .

Refrão

Quando se tornar adulto

Vai crescer em valentia.

Não dará descanso à _____,

Nem da noite nem de _____

Afonso _____ valente

E assim quer continuar:

Tem o sonho de ser _____

E um _____ para fundar.

Refrão

Nome: _____

Data: ____/____/____

Experiência: “ Os pega-monstros”

Quais são os materiais que vão ser utilizados nesta experiência?

O que achas que vai acontecer?

Quais foram os procedimentos que efetuaste durante a experiência?

O que aconteceu?

Outras observações:



Anexo 31 – Ficha de leitura

ficha de leitura



Regista os dados do livro.

Título	
Autor(a)	
Ilustrador(a)	
Editora	

Qual é a personagem principal do livro?

Qual o assunto/tema abordado?

Apresenta a tua opinião sobre o livro.

Nome: _____

Data: ___ / ___ / ___